

Miguel Sousa Tavares

Não te deixarei morrer,
David Crockett







<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Editora Oficina do Livro

Oficina do Livro

Oficina do Livro - Sociedade Editorial, Lda.

Rua Castilho, nº 209,10 dto.

1070-051 Lisboa

Revisão: Cristina Ovídio

edição 11: Abril, 2001

É bom trabalhar nas obras

Miguel Sousa Tavares nasceu no Porto mas optou por ficar pelo mundo. Em 1998 publicou “Sul” - um livro de viagens, anteriormente em 97, “O segredo do rio” - um conto infantil, em 95 “Um nómada no Oásis” - escritos políticos e em 85 “Sahara - A República da areia” - reportagem.

Este novo livro reúne textos que ao longo dos anos foram publicados na Revista Máxima, noutros lugares e também alguns inéditos.

“Short stories” que pela primeira vez vão ser vistas por outros olhos: “A passagem”, “A fidelidade”, “O espião que ficou no frio”, “Nova York - Lisboa” e “O velho de Alcântara Mar”.

Como o próprio autor explica na Nota Prévia, David Crockett representa “uma espécie de pureza inicial, um excesso de sentimentos e de sensibilidade, a ingenuidade e a fé, a hipótese fantástica da felicidade para sempre.”

Foi um processo longo e difícil, como sempre o são as aproximações entre duas pessoas habituadas a estarem sozinhas. Primeiro parece fácil, é o coração que arrasta a cabeça, a vontade de ser feliz que cala as dúvidas e os medos. Mas depois é a cabeça que trava o coração, as pequenas coisas que parecem derrotar as grandes, um sufoco inexplicável que parece instalar-se onde dantes estava a intimidade. É preciso saber passar tudo isso e conseguir chegar mais além, onde a cumplicidade - de tudo, o mais difícil de atingir - os torna verdadeiramente amantes.

2001, Miguel Sousa Tavares

Índice

Para o David Crockett

Um homem não chora

A alegria

O primeiro dia

Eternamente

A fidelidade (I)

A fidelidade (II)

Nova York – Lisboa

Querido João

Só mais um dia de Verão

O Mediterrâneo

Viagem

A solidão

Verão

Encontro

The Captain is on the bridge

O Norte

O espião que ficou no frio

Nada é mais perigoso do que o silêncio

De noite

E ela dança

Verão 99

A passagem

O velho de Alcântara-Mar

Vou levar o meu filho às Antas

Do lado do silêncio

A passagem do Hale-Bopp

O marinheiro de água doce

Always on my mind

Desencontros

A aprendizagem

A virtude e o vício

Períodos de céu muito nublado

Um desejo de nada

Amacord

O João Sebastião

De pai para filho

Ao longo do caminho

Os Pascoaes de Amarante

Estação 2000

«The past is a foreign country»

Quem és tu que danças descalço na noite escura?

Porque é que te deleitas com o cheiro e o sabor do sangue, dos corpos esventrados e inertes?

Porque é que cantas sobre o silêncio tumular dos cemitérios que criaste?

Ouves os gemidos que o vento traz? No sussurro das árvores, na fonte onde corre um fio de água, no lago onde a Lua se reflecte, ecoam gritos distantes...

Ouves?

Caminhas sobre fogo. Incendeias as searas. Deitas-te no chão com um sorriso de criança, embalada pelo crepitar das plantas que ardem.

Olhas para o céu com o olhar vazio e perguntas porquê vezes sem conta, até cáíres de exaustão.

Cruzas-te com rostos. Pairas sobre o mundo. Feres com a tua espada.

Nunca paras. Nunca te deténs. Nunca olhas para trás, só vês em frente um caminho interminável.

Quem és tu que, no crepúsculo de chumbo baço, uivas de dor?

P.

Para o David Crockett

Este livro reúne alguns dos textos que mensalmente e ao longo dos últimos anos fui publicando na revista «Máxima», e outros, publicados dispersamente ou em lado algum. A estranheza do título justifica uma explicação, para que ele não passe como um mero exercício de estilo.

Quando era pequeno - muito pequeno, talvez oito ou nove anos - lembro-me de estar deitado na banheira, em casa dos meus pais, a ler um livro de quadrinhos. Era uma aventura do David Crockett, o desbravador do Kentucky e do Tennessee, que haveria de morrer na mítica batalha do Forte Álamo. Nessa história, o David Crockett era emboscado por um grupo de índios, levava com um machado na cabeça, ficava inconsciente e era levado prisioneiro para o acampamento índio. Aí, dentro de uma tenda, havia uma índia muito bonita - uma «skaw», na literatura do Far-West - que cuidava dele, dia e noite, molhando-lhe a testa com água, tratando das suas feridas e vigiando o seu coma. E, a certa altura, ela murmurava para o seu prostrado e inconsciente guerreiro: «não te deixarei morrer, David Crockett!»

Não sei porquê, esta frase e esta cena viajaram comigo para sempre, quase obsessivamente. Durante muito tempo, preservei-as à luz do seu significado mais óbvio: eu era o David Crockett, que queria correr mundo e riscos, viver aventuras e desvendar Tennessees. Iria, fatalmente, sofrer, levar pancada e ficar, por vezes, inconsciente. Mas ao meu lado haveria sempre uma índia, que vigiaria o meu sono e cuidaria das minhas feridas, que me passaria a mão pela testa quando eu estivesse adormecido e me diria: «não te deixarei morrer, David Crockett!» E, só por isso, eu sobreviveria a todos os combates. Banal, elementar.

Porém, mais tarde, comecei a compreender mais coisas sobre as emboscadas, os combates e o comportamento das índias perante os guerreiros inconscientes. Foi aí que percebi que toda a minha interpretação daquela cena estava errada: o David Crockett representava sim a minha infância, a minha crença de criança numa vida de aventuras, de descobertas, de riscos e de encontros. Mas mais, muito mais do que isso: uma espécie de pureza inicial, um excesso de sentimentos e de sensibilidade, a ingenuidade e a fé, a hipótese fantástica da felicidade para sempre. Esse era o mundo que eu tinha entrevisto nesse dia longínquo da minha infância e que me cabia tentar defender o resto da minha vida. Então, eu era antes a índia, que não podia deixar que se apagasse essa imagem e o seu

sentido e que teria de repetir incontáveis vezes ao mais fundo de mim mesmo - lá onde jazia, inconsciente, o David Crockett - que não o deixaria morrer.

Se a selecção destes textos, dispersa no tempo e na origem, tem, apesar disso, alguma coerência, só pode ser a da procura continuada de uma fidelidade à memória, que é, para mim, um mandamento de vida. Como se tratasse de pôr a escrita em dia com o meu David Crockett.

Um homem não chora

Nos dias de caça, aos domingos de manhã, a Alzira vinha arrancá-lo ao colo da cama, ainda noite cerrada. Ele resistia quanto podia, porque tinha sono, porque estava um frio de granito fora da cama, porque aproveitava para se encostar e sentir o corpo quente da Alzira, dentro da espessa camisa de linho dela. De todos os privilégios daquela infância passada na quinta, em plena serra, um dos que se lembrava com mais saudade, ao longo da vida, era o privilégio de dormir no quarto com a Alzira, espiar a Alzira a despir-se à noite, fugir para a cama dela de manhãzinha e enroscar-se nela num jogo mútuo de ralhetes e risinhos com os quais a Alzira fingia manter as distâncias, ao mesmo tempo que - percebeu ele mais tarde - se entregava com o mesmo prazer àquele jogo de iniciação sexual.

Mas nas manhãs de domingo, durante a época de caça, não havia tempo para brincadeiras nem para ele se fingir de criancinha desamparada. Aos domingos, o pai roubava-o aos lençóis da Alzira e iniciava-o na dura tarefa de se tornar homem e portar-se como tal. Nessas manhãs, a Alzira lavava-lhe a cara com água fria e vestia-o à pressa. Calças de bombazina grossa por cima de umas ceroulas, meias de lã e umas botas de atacadores que pareciam navios naufragados, camisa de flanela, camisola grossa e, por cima disso tudo, à saída, uma samarra e uma boina. No final ele parecia um urso empalhado que se dirigia, cambaleante, para a cozinha, no piso térreo.

Cá em baixo, toda a casa estava desperta e inquieta, num alvoroço de saias de mulheres e indícios de homens por todo o lado. Da porta aberta da casa-de-banho vinha uma nuvem de fumo, sinal seguro de que o pai já saíra do banho. Na cozinha, tomando o pequeno-almoço que a Sra. Conceição preparara, a partida dos homens aguardava pelo chefe. Eram três ou quatro, entre os quais, infalíveis, o Sr. Álvaro, o feitor, e o Américo, o jovem sacristão da freguesia, excelente batedor de perdizes e pisteiro mas a quem a hierarquia só permitia atirar depois do patrão e do feitor e no caso de estes terem falhado. Também os cães aguardavam a chegada do dono, excitados, andando de um lado para o outro entre as pernas das mulheres. Os homens esperavam, em silêncio, sentados à roda da borralha, comendo sopas de café com pão em malgas, as cartucheiras atulhadas, as espingardas encostadas à parede. A Alda e a Alzira acabavam de preparar e arrumar o farnel para os caçadores num cesto de vime que ele transportaria. Todos esperavam pelo pai, todos antecipavam o som dos seus passos largos no soalho, o cheiro de água-de-colónia que o precedia, o fumo do inevitável cigarro, um Antoninos, suspenso na boca.

O pai passava sempre pela cozinha, nas manhãs de caça. Era mesmo a única altura em que o pai passava pela cozinha, excepto no dia de Natal, em que vinha uma hora antes da ceia, para espreitar o bacalhau com couves e o peru que assava.

O pai passava pela cozinha aos domingos de manhã só para que as mulheres da casa vissem os homens a sair, como se fossem para a guerra. E começava a caminhada, ainda o dia não tinha nascido. Muitos anos mais tarde, nas picadas de África, à frente do seu pelotão, tal qual como o pai à frente do seu grupo de caçadores, ele haveria de lembrar-se daquelas penosas e longas caminhadas, que, então como em África, lhe pareciam destituídas de sentido e da grandeza que os homens lhes atribuíam.

Invariavelmente, ele ficava para trás. Não só porque não conseguia acompanhar a passada dos homens, mas também porque atrás era o seu lugar, atrás do pai, atrás do Sr. Álvaro, atrás dos outros caçadores, atrás dos cães. Uma vez, meio morto de sono e de cansaço, caiu num silvado, torceu o pé e arranhou-se na cara. Começou a chorar baixinho. O pai ficou furioso: voltou para trás, agarrou-o por um braço e arrancou-o do buraco, voltou a pôr-lhe o cesto do almoço a tiracolo e disse-lhe, com frieza e em frente de todos: “Um homem não chora, porra!”. Muitos anos mais tarde, em África, viu cair um amigo aos seus pés, viu-lhe um buraco escuro no meio do peito, o estômago à vista, uma perna rebentada com os tendões de fora, mas o que mais o impressionou foi o seu olhar muito aberto, como um animal ferido, tal como aprendera a ver nos domingos de caça.

Muitos anos mais tarde, no hospital onde se fez médico, aprendeu a distinguir o mesmo olhar magoado dos que iriam morrer entre as suas mãos. Ele olhava-os e via no olhar deles que eles sabiam e sabiam que ele nada podia fazer. Muitos anos mais tarde ainda, o pai morreu ao pé de si, segurava-lhe a mão para medir as pulsações, via-lhe o mesmo olhar perplexo e triste, o seu corpo tão frágil que lhe doía a memória só de se lembrar das suas passadas de outrora no corredor.

O pai amara-o sempre, com uma frieza de rochedo. Ficava sempre ao seu lado, em silêncio, enquanto via passar pela sua vida guerra, mortes, fracassos, divórcios, desgostos, tristezas. Nunca lhe dissera para ter juízo, para assentar, essas coisas que os pais dizem. Nunca lhe recriminara coisa alguma mas também nunca o consolara com palavras. Nunca se consentira para com ele um gesto de ternura, nunca lhe oferecera o ombro para nele desabafar. Mas tinha estado sempre ao pé dele, inabalável, à sua maneira: calado e atento. Só na hora de morrer, o pai confessou o que nunca confessara a ninguém, que aquele filho era tudo na sua vida. Confessou-o com um único gesto de mão, com o qual fez sinal para saírem todos do quarto e deixarem-no sozinho com ele. Morreu calado e atento, como se quisesse levar consigo o som da respiração do filho ou como se quisesse escutar pela última

vez os ruídos da casa. Ele ficou a segurar-lhe a mão até a sentir fria, fechou-lhe os olhos e afastou-se. Parou à porta do quarto, virou-se para trás e disse: «Nunca mais chorei, pai!».

Saiu e entregou o morto às mulheres para que o chorassem.

A alegria

A grande nação árabe estava adormecida há séculos. Era como se Alá tivesse abandonado os seus filósofos, os seus matemáticos, os seus arquitectos. Na paisagem inerte, um gafanhoto viera esborrachar-se contra a parede, entontecido pelo calor e, fosse porque a parede estivesse quente de mais ou porque o gafanhoto estivesse amolecido pelo calor, ele ali se quedara, grudado à argila, como uma escultura modernista no Reijksmuseum, em Amesterdão. Estava ali há semanas, há meses, há anos - era impossível saber ao certo.

Sentado no chão, eu olhava estupidamente o gafanhoto morto, mumificado pelo sol assassino do Sahara, e lembrava-me de ter visto, anos atrás, outros cadáveres - estes de soldados marroquinos - também mumificados e semi-enterrados na areia que rodeia a cidade de Mahkbés, no Sahara Ocidental.

«É assim que se morre no deserto» - pensei - «seca-se ao sol, como uma polaroid em relevo, ossos, pele e rosto colados num muro ou enterrados na areia».

Nada se movia, ninguém atravessava as sombras das casas, naquele instante tórrido do meio-dia, em Bordj Ornar Driss. Nenhuma brisa corria de uma esquina para a outra, não havia sons dispersos, nem ruídos característicos de uma povoação. Era como se o tempo não corresse, como se não houvesse tempo.

Com mais uns quantos viajantes, eu viera até Bordj Ornar Driss em busca de gasolina. Estacionara o jipe na bomba onde não se via ninguém, e viera sentar-me à sombra da casa térrea em frente da bomba, de costas encostadas à parede, e ali me deixara ficar, esperando que qualquer coisa acontecesse. Sentia o deslizar das horas pelo ritmo das gotas de suor que me escorriam dos cabelos, contornavam o ângulo do nariz e pingavam sobre o queixo, mas em rigor não tinha pressa nem deixava de a ter. Olhava, apenas. Olhava o gafanhoto morto na parede, olhava a linha da sombra da casa que se ia alongando em direcção à bomba, olhava, com um sentimento de sabedoria e experiência, um novo jipe que chegara e viera estacionar atrás do meu. Se, porventura, a gasolina se esgotasse com o meu jipe, o recém-chegado não poderia contar com um litro que fosse das minhas reservas. Restava-lhe ficar ali e esperar. Dias ou semanas, até que a bomba de Bordj Ornar Driss voltasse a ser abastecida pelos camiões-cisterna que cruzam as pistas do deserto guiados por tuaregues, que tanto se orientam de dia como de noite. Essa é a lei das pistas: a imprudência ou o azar não devem esperar ser salvos pelo altruísmo alheio. É verdade que

os viajantes se ajudam uns aos outros no deserto, mas ninguém pode esperar ser ajudado à custa da segurança alheia. Nos raros postos de abastecimento ou nos poços, quem chega primeiro abastece-se até ao limite da sua capacidade e, só depois, se servem os que vêm a seguir.

O jipe que chegara depois do meu pertencia a um casal de suecos, em lua-de-mel, se bem percebi. Ele de calções à Baden-Powell, ela de lenço ao pescoço, simpáticos e deslocados, como é próprio dos nórdicos quando descem aos trópicos. É óbvio que Deus não fez os suecos para o deserto, mas sim para essas paisagens frias e tristes de gelos e bétulas, fogos de lenha e carne de rena, para essa extrema delicadeza da névoa que paira sobre as águas gélidas dos canais de Estocolmo. E dei comigo a lembrar-me da Suécia, de um distante e mágico jantar num castelo da ilha de Gotemburgo, com senhores cerimoniosos e acolhedores, de casaca preta e pálidos olhares azuis, levantando ao alto um esguio copo de cristal, brindando a não sei que lembranças dispersas ou absurdos onde nada nos unia mas tudo parecia aproximar-nos. Assim, quando o casal sueco me perguntou o que conhecia da Suécia, só consegui lembrar-me dos brindes com champagne, do salmão espalmado no prato, entre dois quartos de limão fresco, do som do órgão da igreja gótica de Lund ou do olhar do jovem Rei Carlos Gustavo, no seu palácio impessoal e frio, a sua prisão constitucional.

Sentia - como explicá-lo? - uma indizível sensação de superior conhecimento e familiaridade com o deserto, como se fosse um escorpião entre renas, o guardião de um mundo inóspito e inacessível que não está ao alcance de qualquer nórdico devassar, por mais que a tecnologia quebre distâncias ou corrompa os mistérios.

Mas acabei, contudo, por comerciar com eles, conforme é lei no deserto, onde há sempre qualquer coisa que nos falta e qualquer coisa que sobeja. Troquei uma lata de atum e duas cebolas por duas latas de cerveja Heineken, à roda das quais enrolei um papel embebido em água de modo a refrescá-las.

Assim passei essa manhã e o princípio da tarde, até finalmente ter atestado os depósitos e cinco jerricans suplementares de gasolina. Ofereci uns autocolantes ao homem da bomba, despedi-me dos suecos que já transpiravam como duas torneiras, meti-me no jipe e arranquei muito lentamente, deixando para trás as últimas casas da aldeia, com criancinhas sujas correndo e gritando ao meu lado, tentando acompanhar-me. Apanhei a pista para sul, azimute 170°, e suspirei fundo ao ver à minha frente nada, senão o vazio. Em breve, já nem a mancha escura e distante de Bordj Ornar Driss se avistava no retrovisor e eu sacudi em mim os últimos restos de uma tristeza inexplicável que me surpreendera. A leste, a oeste, a norte e a sul, já só o deserto me cercava. Então, devagar,

mas cada vez mais profundamente, tomou conta de mim uma alegria de criança deslumbrada.

O primeiro dia

O que o acordou foi o silêncio. Primeiro, o do despertador que não tocou à hora combinada todas as manhãs. Depois, o de outra respiração, que devia ouvir e não ouvia. Estendeu a mão para o quente do outro lado da cama e encontrou o frio. Apalpou e encontrou vazio. Então, sim, despertou completamente.

Um prenúncio de tragédia desceu por ele abaixo, como um arrepio. O que acabara de se lembrar era que não acordara só por acaso ou por acidente: aquele era o primeiro dia, a primeira manhã da sua separação - o primeiro de quantos dias? - em que acordaria sempre sozinho, com metade da cama fria, metade do ar por respirar.

Era Abril, sábado e chovia. Sentado na cama, lembrou-se das instruções que dera a si mesmo para aquela manhã: fazer peito forte à desgraça. Nada é inteiramente bom, mas nada é inteiramente mau - pensou. Posso ler à noite até me apetecer sem me mandarem apagar a luz, posso dormir atravessado na cama, posso-me livrar daquele rol de cobertores com o qual ela me esmagava, fizesse sol, chuva ou frio, porque as mulheres são mais friorentas que eu sei lá, posso usar a casa-de-banho todo o tempo que quiser, posso espalhar as roupas, os jornais e os papéis pelo quarto à vontade e até - oh, suprema liberdade - posso fumar à noite na cama.

Levantou-se para se olhar ao espelho da casa-de-banho. Sorriu à sua própria imagem, ensaiou-a calma, tranquila, confiante. Imaginou mentalmente o texto que poderia redigir sobre si mesmo para a secção de anúncios pessoais do jornal: «Divorciado, 40 anos, bom aspecto, licenciado, rendimento médio-alto, casa própria e espaçosa, desportos, ar livre, terno e com sentido de humor». Mulheres compatíveis? Deus do céu, dezenas delas! Sou um partidão - concluiu para o espelho.

Calmo, tranquilo e confiante, passou aos outros aposentos da casa para dar uma vista de olhos ao resultado da partilha dos móveis, aliás feita sem grandes problemas, como é próprio de gente civilizada. Por alto, entre o living, o hall, o escritório, a cozinha, o quarto de casal e as duas casas-de-banho, estimou nuns setecentos contos o preço da reposição das coisas em falta. Mais metade dos livros e dos CD's, quase todas as fotografias dos últimos dez anos das suas vidas e algumas outras coisas cujo verdadeiro valor era o vazio que encontrava se olhasse para o lugar onde elas costumavam estar.

«Até agora vou-me aguentando», considerou ele. Entre perdas e danos e a certeza adquirida de que nada dura para sempre, restavam-lhe várias razões e objectos e sentimentos para olhar em frente sem um sobressalto.

Enquanto fazia, com um prazer insuspeitado, o seu primeiro pequeno-almoço de homem só, passou à fase seguinte do que chamara o «plano de sobrevivência»: desfolhar a agenda de telefones em busca de amigos igualmente sós com quem fazer «programas de homens» ou de antigas namoradas, que se tinham separado ultimamente ou outras que achava acessíveis mas que nunca tivera a coragem e a oportunidade de aproximar. A primeira desilusão foi com os amigos: de A a Z, realizou que só tinha dois amigos sem mulher e, para agravar as coisas, com nenhum deles lhe apetecia sair e entrar numa de «anda daí e mostra-me lá como é o mundo lá fora». Quanto às mulheres que julgava sortables, sempre eram cinco, mas o resultado foi quase patético. Duas já não moravam naqueles telefones, outra tinha-se casado entretanto, e o marido estava ao lado a ouvir a conversa, o que o deixou completamente idiota a inventar pretextos absurdos para o telefonema. Do número da quarta atendeu uma criancinha e ele desligou e foi só na última da lista que finalmente teve sorte: sim, a Joana morava ali, era ela própria ao telefone. Não, não estava casada nem, pelo que, esforçadamente, percebeu, tinha namorado. Sim, ok, por que não irem jantar logo, para falar do projecto que ele tinha e onde ela poderia caber. «Ah, a tua mulher não vem? Separados? Não, não sabia. Recente? Pois, essas coisas são tão chatas, mas ainda bem que reages e tens projectos novos e tudo! Ok, às oito e meia vens-me buscar». Ele teria desligado quase em êxtase, não fosse a frase final dela, à despedida, que o deixou verdadeiramente abalado. «Olha, vais-me achar uma grande diferença. A idade não perdoa a ninguém, não é?»

Enfim, sempre era um date. O primeiro, certamente, de uma longa lista. O que interessa se for um flop - achas que ias encontrar uma mulher super logo ao virar da esquina? É preciso é entrar no circuito, pá, começar a sair, a ser visto, fazer com que as pessoas saibam que estás disponível. O resto vem por arrasto.

Passeou-se pela casa, pensativo, fumando o primeiro cigarro do dia. De repente lembrou-se que ainda não tinha visto o quarto do filho. A cama e a escrivaninha tinham ido, assim como praticamente todos os brinquedos. Sobrava um boneco de peluche, três ou quatro carrinhos semi-partidos, uns legos e um quadro para fazer desenhos, com os respectivos marcadores, pousados, à espera de uma mão de criança. A mesa-de-cabeceira ficara e parecia absurda no meio do quarto, sem a cama nem os outros móveis, com um retrato dele e do filho numa praia do Algarve, sorrindo, abraçados um ao outro. Sem saber porquê, sentou-se no chão encostado à parede, muito devagar, a olhar para a fotografia.

Duas grossas lágrimas escorregaram-lhe pela cara abaixo e caíram na madeira do chão, entre as pernas. Foi só então que ele percebeu que estava a chorar.

Eternamente

E escrevi o teu nome e o teu número de telefone numa página da agenda do mês de Fevereiro. E, ao escrevê-lo, sabia que era uma despedida, mas todo o mês de Março nos arrastámos na despedida, como caranguejos na maré vazia. Sem ti, lancei outras raízes, construí pátios e terraços, fontes cujo som deveria apagar todos os silêncios, plantei um pomar com cheiro a damasco, mandei fazer um banco de cal à roda de uma árvore para olhar as estrelas no céu, um caminho no meio do olival por onde o luar pousaria à noite, abóbadas de tijolo imaginadas pelo mais sábio dos arquitectos e até teias de aranha suspensas do tecto, como se vigiassem a passagem do tempo. Nada disso tu viste, nada te contei, nada é teu. Sozinhos, eu e a aranha pendurada na sua teia, contemplámo-nos longamente, como quem se descobre, como quem se recolhe, como quem se esconde. Foi assim que vi desfilar os anos, as paredes escurecendo, um pó de tijolo pousando entre as páginas dos mesmos livros que fui lendo, repetidamente.

Heathcliff e Catarina Linton destroçados outra vez pela minúcia do tempo.

Como explicar-te como tudo isto se te tornou alheio, como tudo te pareceria agora estranho, como nada do que foi teu vigia o teu hipotético regresso? Ulisses não voltará a Ítaca e Penélope alguma desfará de noite a teia que te teceste.

E arranquei a página da agenda com o teu nome e o teu número de telefone. Veio a seguir Abril e depois o Verão. Vi nascer a flor da tremocilha e a das buganvílias adormecidas, vi rebentar o azul dos jacarandás em Junho, vi noites de lua cheia em que todos os animais nocturnos se chamavam rãs, corujas e grilos, e um espesso calor sobre a devassidão da cidade. E já nada disto, juro, era teu.

E foi assim que descobri que todas as coisas continuam para sempre, como um rio que corre ininterruptamente para o mar, por mais que façam para o deter.

Sabes, quem não acredita em Deus, acredita nestas coisas, que tem como evidentes. Acredita na eternidade das pedras e não na dos sentimentos; acredita na integridade da água, do vento, das estrelas. Eu acredito na continuidade das coisas que amamos, acredito que para sempre ouviremos o som da água no rio onde tantas vezes mergulhámos a cara, para sempre passaremos pela sombra da árvore onde tantas vezes parámos, para sempre seremos a brisa que entra e passeia pela casa, para sempre deslizaremos através do silêncio das noites quietas em que tantas vezes olhámos o céu e interrogámos o seu sentido. Nisto

eu acredito: na veemência destas coisas sem princípio nem fim, na verdade dos sentimentos nunca traídos.

E a tua voz ouço-a agora, vinda de longe, como o som do mar imaginado dentro de um búzio. Vejo-te através da espuma quebrada na areia das praias, num mar de Setembro, com cheiro a algas e a iodo. E de novo acredito que nada do que é importante se perde verdadeiramente. Apenas nos iludimos, julgando ser donos das coisas, dos instantes e dos outros. Comigo caminham todos os mortos que amei, todos os amigos que se afastaram, todos os dias felizes que se apagaram. Não perdi nada, apenas a ilusão de que tudo podia ser meu para sempre.

A fidelidade (I)

Sem paixão nem raiva, sem frio nem calor, como dois fantasmas nocturnos, Marta e Chesterfield faziam amor.

Delicadamente, subtilmente, como se cortejasse uma senhora respeitável num salão de baile, Chesterfield conseguira trazer Marta até à cama, fazê-la despir-se e, através daquela linguagem de subentendidos e sorrisos que os casais usam entre si, obtivera o seu acordo tácito para fazer amor com ela nessa noite.

Como jogador de xadrez que planeia muito antes o lance embaraçoso para o adversário, ele dispusera e fizera avançar as peças uma a uma e simultaneamente, de forma que ela não pudesse esquivar-se sem ser ofensiva.

Debruçado sobre o seu corpo magro e seco, ele interrogava-se que mistério haveria naquela mulher que levava os outros homens a quererem desvendá-la e seduzi-la.

«Eles não te fazem amor, fazem-te sofrer. Não te amam, desejam-te. Por que será que não entendes isso?».

Chesterfield desejava poder passar a noite a percorrer cada uma das linhas daquele corpo tão familiar, com as mãos, com a língua, com os olhos, porque também se faz amor com os olhos. Contudo não se atrevia a explorar os limites da excitação dela, com o terror de não conseguir despertar-lhe o que pressentia que com Albert ela fazia e sentia espontaneamente. Evitava-lhe a boca, porque sabia que nada há mais difícil de obter na cama de uma mulher que não nos ama do que um beijo na boca. Tudo o resto ele saberia que conseguiria, se não nessa noite, noutra qualquer: era tudo uma questão de tempo, de paciência, de ambiente. Quem sabe até, uma noite que voltassem de ver um filme mais excitante, uma frase dele, dita em tom inocente, e a fazê-la recordar as cenas do filme, a mão dele tocando, como que sem querer, no bico do peito dela, e ele sabia que a partir daí podia contar com a sexualidade imanente dela para fazer o resto. Não se sentia por isso aproveitador das fraquezas dela ou da capacidade de excitação que os outros tinham sobre ela.

Não o preocupava sequer pensar que ela pudesse estar mentalmente, não com ele, mas com o herói do filme. Que, na semi-penumbra do quarto, ela o quisesse tomar pelo Robert Redford de todas as vezes que consentia em fazer amor com ele, dava-lhe até um secreto prazer de vingança sobre Albert e todos os outros que a tinham possuído ou que a possuiriam no futuro. Se ela enganava alguém naqueles momentos era Albert e não ele.

Albert, que apenas exercia sobre ela uma atracção sexual e nada mais. E essas atracções mudam-se deslocando o sujeito, como o provavam os fantasmas sexuais que Marta construía na cama, com a subtil ajuda dele. Como era pouca coisa, afinal, o que Albert tinha para lhe dar, comparado com ele, Chesterfield!

Deitado sobre ela, ele penetrava-a docemente, como velho amigo, mas firmemente, como dono de coisa própria. Não tirava os olhos da cara de Marta, atento à menor contracção do seu rosto, reagindo aos movimentos dele. Não esperava que ela falasse ou deixasse escapar um suspiro, ou que passasse a língua pelos lábios, mas aguardava outros sinais tão imperceptíveis que só ele os compreendia. Sabia que ela não fazia amor contra vontade, nem isso acontece nunca. Sentira como as coxas dela se tinham aberto, sem hesitar, para que ele entrasse e sabia que ela não podia estar indiferente ao que sentia dentro de si. Ela não se manifestava de outras formas, apenas porque essa era a sua única arma contra ele. E, se mantinha os olhos fechados, enquanto ele se empurrava para dentro dela, era para não revelar o que verdadeiramente sentia, e revelando-o, ficar desarmada perante ele.

Marta sentia bem Chesterfield dentro de si e cada um dos seus movimentos, sentia-o com um misto de prazer e de dor e, para não ceder a nenhum dos dois, tentava sentir apenas ternura. Ternura pelo gestos comedidos com que Chesterfield experimentava conduzi-la onde ela fosse dele, até ao orgasmo. Sentia os dedos dele deslizando ao longo do seu corpo em busca de um sinal que ele julgava seguro do prazer dela; ouvia a sua respiração em crescendo mas que ele não ousava levantar; entendia, com uma desesperada lucidez, tudo o que para ele significava aquele acto e aquele instante.

Nunca, como nas alturas daquelas pungentes relações entre ambos, Marta sentia tanto o tremendo ascendente que tinha sobre ele. Não era apenas a fêmea dominando o desejo do macho, controlando-o, proibindo-o ou consentindo nele, como afinal qualquer animal faz. Estava para além disso e era um ascendente decisivo, quase mortal.

Mais do que feri-lo no seu orgulho de homem, e já não seria pouco, ela poderia de um só golpe destruí-lo, como ser humano, humilhá-lo até um ponto do qual ele já não conseguiria recuperar. Bastaria que ela lhe contasse o que sentia verdadeiramente quando fazia amor com ele. Bastaria que lhe dissesse que se fazia amor de olhos fechados era porque não aguentava abri-los e vê-lo a ele. E que, ao contrário, fazia sempre amor com Albert de olhos abertos porque, entre outras coisas, era a expressão do rosto de Albert dominando-a, que a fazia perder a cabeça e querer fazer amor com ele sem fim, nem modo coerente, nem razão natural. E que, mais do que isso até, havia alturas em que

verdadeiramente fazia amor com Albert apenas olhando-o, sem que nenhuma outra parte deles sequer se tocasse.

O que ela sentia naquele instante em que adivinhava Chesterfield quase a chegar ao fim era uma dor fundíssima por si própria, por Chesterfield, por Albert, por todos eles. Apetecia-lhe gritar que não queria mais ser mulher, não queria que mais nenhum homem entrasse dentro do seu corpo, fosse por paixão ou por consentimento seu. Odiava o prazer que sentia com Albert e o que não sentia com Chesterfield. Odiava ter necessidade de fazer amor com Albert e ter o dever de o fazer com Chesterfield. Odiava que parte de si fosse aquele corpo, tão exposto às próprias fraquezas e às dos outros, um corpo que se submetia ao vício ou à obrigação, já não sabia qual das duas coisas era pior.

Mas era sincera nos gestos de ternura com que afagava a cabeça de Chesterfield, quando ele terminava de fazer amor e se deitava sobre ela, como um animal indefeso. Não eram gestos de quem agradece uma coisa boa que lhe deram, era antes como quem perdoa, ao outro e a si próprio, ao mesmo tempo.

A ele, que a possuía contra a sua vontade, embora não dita nem insinuada; a ela, que calara e consentira. Sabia que não podia deixar que a tristeza que lhe vinha nestas alturas se transformasse em raiva contra ele. Se alguém a merecia era só ela, e não ele.

Pensava em Albert, no que ele estaria a fazer naquele instante. Talvez trabalhando, a pensar nela. Talvez olhando para a sua fotografia antes de adormecer e desejando estar a fazer amor com ela. O coração doía-lhe de toda aquela catástrofe surda. Doía-lhe o corpo molhado e, de súbito, esmagado pelo peso do corpo de Chesterfield. Apetecia-lhe transformar aquela lágrima tímida que lhe deslizava para a boca, cavando um sulco de sal no seu rosto cansado, num pranto sem fim, nem destinatário. Talvez Deus, quem sabe?

«Tudo isto é imoral, tudo isto é sem sentido. Albert não merece isto! Nenhum deles merece isto» - gritou em voz baixa, de punhos cerrados, como se invectivasse um Deus vagabundo e injusto.

No quarto ao lado, o filho acordou e chamou: «Mãe!». Marta regressou à vida, com um arrepio. Absurdamente, pensou que o filho esperara até que os pais tivessem acabado de fazer amor para acordar, tacitamente aliado do pai naquela luta cruel que ele travava e que, se perdesse, traria o mal para todos eles.

Não deixou que fosse Chesterfield a ir ao quarto da criança, voltar a adormecê-la. Quis sentir a mão do filho agarrando-se à sua, quis encostar a testa à dele para confirmar que ele não tinha febre, quis mexer-lhe nos cabelos revoltos, ajeitar-lhe os lençóis, sentir aquele terror de o amar assim tanto, fisicamente, como as mães amam os filhos, senti-lo tão próximo, tão real, como tudo o resto era inseguro e incerto.

Ficou lá o tempo suficiente para que a criança adormecesse e para que Chesterfield fosse à casa-de-banho antes dela.

Então foi ao quarto buscar um cigarro e fechou-se na casa-de-banho. Sentou-se na borda da banheira, olhando-se ao espelho que lhe devolveu um rosto devastado pela última hora que vivera.

«Meu amor perdoa-me. Liberta-te de mim, Albert! Por favor, liberta-te de mim!», suplicou baixinho, enquanto as lágrimas lhe corriam, enfim, sem medo, e abria a torneira para que Chesterfield a imaginasse ocupada com o que quer que fosse.

Voltou para o quarto e despiu-se, deitou-se em silêncio e às escuras. Sabia que ele não estava a dormir e, por isso, antes de se virar de costas, deu-lhe um beijo e disse: «Até amanhã. Vou dormir, está bem?» Mas não era um pedido, era uma decisão.

A mão dele pousou na sua anca no instante em que mentalmente ela dava também boa noite a Albert, esforçando-se por não pensar nele e adormecer, apenas.

«Amanhã pelo menos, não vou ter de voltar a passar por isto. Amanhã posso ter um dia relativamente feliz.»

Adormeceu a pensar no que iria vestir no dia seguinte.

A fidelidade (II)

«Não, tu não me ouves. Tu estás surdo e roído pela raiva. Mas talvez seja melhor assim. Talvez seja melhor que tu não me oiças, que não consigas ler os meus pensamentos. Tu não consegues ver que a distância que eu ponho entre nós é uma distância imposta a mim, antes de mais nada. Uma distância entre a minha vontade e a minha consciência. Tu não vês quando mudo as fraldas ao meu filho, quando o oiço chamar «Pail» e não é a ti que ele chama. Tu não me ouves quando estou sentada em casa e aparentemente tudo está tranquilo, num regresso à normalidade que eu busquei e, contudo, chamo por ti até que o teu nome me magoe no peito: «Albert, Albert, Albert!».

Não, tu só vês o que eu mostro e não consegues ver para além do que vês. Vês-me fugir ao teu olhar, ao teu encontro, à tua presença. Vês-me longe e alheia, como se tu não fosses para mim mais do que uma história infeliz e acabada. Mas não me vês olhar-te disfarçadamente, quando sei que não o esperas.

Não vês o terror com que espio as outras mulheres aproximarem-se de ti. Não dormes comigo à noite quando eu me volto e torno a voltar na cama, buscando um sono que te apague de mim, que afaste as perguntas que então me devoram: «Onde estará ele agora? Estará sozinho em casa, sofrendo por minha causa? Estará acompanhado, dando a outra mulher o que eu já não tenho dele? Como fará ele amor com outra mulher? Como o pode?»

Como farás amor, meu amor? Farás como eu faço com o meu marido, de olhos fechados, de boca fechada, breve e silenciosamente, como se roubasse uma casa na escuridão da noite? Tentarás como eu, substituir a paixão e o excesso pela ternura e pelo consentimento? Com essas a quem chamas amigas, farás amor como um amigo, como eu e Chesterfield fazemos? E, por vezes, farás amor sozinho, como eu faço, pensando em ti, descendo com terror a mão que imagino tua pelo meu corpo, devagar, devagar, com todo o resto da vida à minha frente?

E quem dormirá ao teu lado de noite? Quem vigiará o teu sono agitado de criança, como o da última noite em que dormimos juntos e em que acordaste sobressaltado a olhar para mim e eu te acalmei e te fiz dormir de novo, encostado ao meu ombro, e nunca soube o que te assustara de repente, se a minha presença ao teu lado, se o medo que ela não fosse real.

E que sabes tu do meu sono? Que imaginas tu das minhas noites? Saberás tu que as mais felizes são aquelas em que chego à cama e adormeço, sem sequer me lembrar de ti nem querer, como na música da Simone: «eu não me lembro, nem esqueço - adormeço».

Não, meu amor. Não quero ver o teu olhar triste e magoado que me acusa, sem defesa, que me condena, sem entender.

Tu não entendes, mas eu preciso da tua força para sobreviver. Preciso de ver o teu sorriso espantado e terno, como se tudo fosse novo e claro, o teu riso inesperado e selvagem, que contagia todos à roda. Preciso de ver as tuas mãos seguras e firmes, arrancando à morte e à dor um corpo adormecido numa sala de operações onde todos respiram e estão suspensos dos teus gestos. Preciso de voltar a ver esse teu olhar cansado ao fim do dia, os ombros ligeiramente curvados, as palavras vagarosas, os olhos pisados pela luz do hospital e os gestos já ligeiramente desconexos e ausentes, de quem deu tudo e apenas espera recompor-se para dar outra vez. Quero-te vivo e igual a ti, como sempre te vi e te amei, para sentir-te ao meu lado para sempre, por maior que seja a distância física que criámos, a indiferença que tu imaginas que tenho e nunca tive nem terei.

Sei que se me pudesses ouvir me chamarias egoísta e dirias que, como sempre, é só a minha vontade que conta. Estou sempre a falar contigo, mas tu não me ouves. Eu, porém, oiço-te sem que tu fales e quando falas, adivinho o contrário do que dizes. Vejo-te à deriva e perdido e não te posso ajudar, porque tenho de me ajudar a mim. Tu não entendes, eu sei. Vives um conflito entre a tua força vital - que eu não te roubei, nem poderia - e a tua vontade de te deixares afundar, de te fechares no escuro da tua casa e maldizeres-me, interminavelmente. Tu e não eu, se encarregará da tarefa de destruir tudo o que vivemos, de acordo com a lei do excesso que é a única que compreendes: tudo ou nada, verdade ou mentira, amor ou ódio.

Tu odiar-me-ás e eu nada poderei fazer, senão sofrer o teu ódio em silêncio, sofrê-lo na carne, como açoites, dilacerando o meu corpo que foi teu tantas vezes, como nunca foi de mais ninguém.

Assim vou vivendo sem ti e sem procurar saber de ti. Mas sei de mim, sei do imenso vazio da tua falta, que nada preenche nem faz esquecer. Sei das horas que continuo a atrasar-me no hospital para não chegar cedo a casa. Sei dos desvios que faço para não te encontrar e não deixar que destruas um pouco mais o que já se escaqueirou. Como uma estátua quebrada no chão, esperando no seu silêncio de mármore que os anos venham roer os pedaços do que outrora era uno e parecia inquebrável. Sei do jogo cruel e tenso das palavras com que me entendo com Chesterfield; sei dos casamentos, dos baptizados e do Natal em família, isso a que tu chamas «a via sacra da hipocrisia»; sei do desespero com que

busco no hospital o cerco dos amigos e da dolorosa necessidade das suas conversas circulares em que mutuamente nos apoiamos, todos cúmplices das horas sem sentido que deixamos para trás, nas casas onde nos prendem os filhos, as relações que já deixamos de questionar e pôr em causa porque nem todos, entendes, conseguem viver sem um espaço de tranquilidade, mesmo que hipócrita e vazio.

E que interessa, afinal, saber se eu sou feliz, assim? Por que me perguntas sempre isso, quando me encontras? Por que te satisfaz tão fraca desforra, como se a tua sobrevivência já só se pudesse alimentar da minha impossibilidade de ser feliz?

E por que não és tu feliz, então? Tu que tens tudo para isso e que és livre, nada te prende e nada deves a ninguém senão a ti próprio? Por que permaneces amarrado a mim como o último marinheiro de um navio velho que nunca mais navegará e que, em lugar de embarcar noutro barco e com outro destino, permanece grudado na ponte de comando inútil, envelhecido com o seu barco, ressequido e amargo? Gozando o caos e a ruína, o sabor a coisa gasta.

Vive tu. Vive por nós ambos. Não deixes que eu te destrua. Não me deixes mais esse peso. Naveguei até ao cais onde tenciono ficar e até morrer, mas evitei o naufrágio em mar alto e não me deixarei afundar aqui, encostada à terra firme.

Eu sempre soube que tudo terminaria assim. Sempre soube, mas nunca fui capaz de te deixar. E nunca fui capaz de te dizer: «deixa-me, liberta-te! Não vês que eu nunca conseguirei abandonar o meu marido? Não vês que o que esperas de mim é mais forte do que eu?» Sim, deveria ter-to dito. Usei-te, como tu dizes, por isso? Não, meu amor: usei-me a mim. Foi a mim que eu fui destruindo, lentamente. Sofrendo com a tua presença e sofrendo com a tua ausência. Sofrendo por tu existires na minha vida e sofrendo pelo terror de saber que tinha de te perder, no fim. E cada dia adiei as palavras que nos afastariam para sempre. E, das vezes que o tentei e que as disse, voltei sempre atrás quando tu me foste buscar porque, vês tu meu amor, o teu olhar magoado gritava-me que era por mim que tu sofrias e eu amava-te e nada fazia sentido, não havia razão para estarmos um sem o outro. E eu odiava-me por ver o que te fazia. Odiava a minha fraqueza e odiava que me amasses tanto que preferisses ter-me de uma forma tão desleal e tão cruel para ti, do que não me teres nunca mais. E cheguei a desejar que te cansasses enfim e me abandonasses. Mas, mal o desejava e logo ficava gelada de pavor e assim que te via agarrava-me a ti e abraçava-te até tu dizeres «sufocas-me!» e cobria-te de beijos como se quisesse comer cada bocado de ti e lançava mão de tudo o que sei para te seduzir, como se fosse o nosso primeiro encontro, para que eu sentisse da tua parte que tu nunca serias capaz de me deixar. Outras vezes vinha-me uma vontade suicida de te ver apaixonares-te

por outra mulher e procurava nas tuas conversas indícios do aparecimento de alguma mulher nova na tua vida, mas se alguma suspeita nascia dentro de mim, eu procurava abafá-la de todas as formas que aprendi de o fazer e se, aproveitando a ausência momentânea de Chesterfield, falava para tua casa de noite e tu não estavas, a vida parava e eu tinha de recorrer a toda a minha calma para não me descontrolar e resistir a telefonar-te a noite toda, sem querer saber já da presença de Chesterfield. Apetecia-me gritar então, apetecia-me perder a cabeça, perder o sentido das malditas conveniências, terminar com aquele terrível jogo de silêncios a três, voltar-me para Chesterfield e dizer-lhe: «pensa o que quiseres, já não me importa, mas eu vou telefonar-lhe porque ele é meu e eu quero saber dele, quero que ele volte para casa e que me espere, não quero andar a dividir com outras mulheres o homem que eu amo e que me ama a mim».

Não sei quantas vezes sufoquei esse grito dentro de mim. Eu olhava para Chesterfield e via-o mudo, assustado e perdido como uma criança. Sentia-o esperar o golpe - era como um animal ferido a meus pés. Bastava-me levantar a mão e acabar com aquilo. Olhá-lo nos olhos (ou nem sequer olhar, se não fosse capaz) e despejar-lhe aquela torrente de palavras que me sufocava a garganta, há tanto tempo. Terminaria por lhe dizer que queria ficar amiga dele, que ele seria sempre o pai do meu filho - essas coisas que sempre se dizem, mas que, nem por isso, deixam de ser verdade. E sairia sem olhar mais para trás. Desceria os degraus da escada - trinta e três - abriria a porta da rua, seria de noite e um confuso ruído de cidade apagando-se chocaria então com o meu desnorte, eu atravessaria a rua como se flutuasse dentro de um sonho ou de um pesadelo, algo de irremediável se teria então quebrado para sempre - eu era eu, sem ser eu que ali estava e que vivia aquele momento - lágrimas começariam a correr. E, então, antes de entrar no carro, eu olharia para cima: a luz continuaria acesa na janela da sala, eu imaginá-lo-ia sentado ainda no mesmo canto do sofá, inerte e deserdado, e o meu filho, que eu iria buscar no dia seguinte, dormindo o seu sono alheio e repousado, e eu saberia, sem qualquer subterfúgio, que uma parte imensa de mim estava a morrer para sempre naquele instante. E, sem que eu nada fizesse, o carro arrancaria e eu iria ter contigo.»

Nova York - Lisboa

Querida Marta

Custa-me imaginar-te aí, em Nova York, tão longe e tão fora de tudo o que eu julgava (e ainda julgo) ser o teu mundo. Compreendo a tua necessidade de estares só, mas não posso deixar de temer as feridas causadas pelo que deixaste para trás. Vi a tua filha a caminho da escola, no outro dia, com o teu ex a abrir-lhe a porta do carro e ela a atravessar a rua. Estava uma daquelas manhãs lindas, de Outubro, em Lisboa, com uma espuma do rio que fica a pairar sobre a cidade e, de repente, senti como se fossem minhas as saudades que tu deves ter dela.

No fundo, como eu vejo a tua decisão, nem é tanto através da explicação clássica para estas ocasiões que é a necessidade de te encontrares com ti mesma, de pensares longe de tudo e de todas as pressões, etc. e tal, o blá-blá-blá do costume. O que eu vejo mais é a necessidade de te desligares temporariamente da essência das coisas e deixares-te levar por um excesso de aparências, para o que Nova York é, de facto, o lugar rigorosamente adequado. Não é bem uma fuga, mas uma trégua: viver também cansa. Viver, como nós vivemos hoje em dia as relações, é um sufoco ou é um inevitável vazio. «Antes a solidão, que é inteira», como dizia o Rilke.

Querido João

Nova York é, como tu dizes, o mundo das aparências. Mas que extraordinário desvario de aparências, este! Tudo - os museus, os concertos, a iluminação das montras, os restaurantes do Village, o Central Park, os espectáculos - tudo parece inventado para nos distrair continuamente. Estou no lugar certo para quem não quer estar em lugar algum.

Isso, de me falares da minha filha, foi um truque baixo, mas eu percebi que a intenção não era má. Todavia, lá no fundo, acho que mesmo tu não entendes: não abandonei a minha filha, não abandonei coisa alguma. Também não fugi, nem estou à procura de mim mesma, nem nenhum desses disparates com que as pessoas gostam de se entreter em auto-análises ou em análises sobre o alheio. A explicação - que não me interessa particularmente - seria demasiado complicada e tu, que és homem, não a entenderias, por mais que genuinamente te esforçasses.

Acontece com vocês, homens, um desejo de luta permanente, que é doentio. É doentio dentro das relações, onde parece nunca poder haver paz, e é doentio mesmo

depois de acabadas as relações, na forma como vocês ficam eternamente a remoer as coisas, a querer rebobinar o filme e a querer à viva força encontrar ainda novas possibilidades de conflito. No fundo, o que vos magoa nem é o fim da relação, mas o fim do combate permanente em que transformam as relações. Nem imaginas a sensação de imensa paz e libertação que é estar aqui, longe do alcance das investidas bélicas do meu ex. Longe daquilo a que tu chamas «a essência das coisas».

Querida Marta

Oh, quanta agressividade, quanta amargura mal disfarçada, nessa tua paz e libertação! Escrevi-te uma carta de amigo - pessoa a pessoa, ser humano a ser humano - e tu respondeste como se responde a um inimigo de classe, como se eu fosse o representante das forças do mal! Longe de mim interpelar a tua solidão e as tuas razões: cada um de nós é uma ilha e cada solidão cuida de si. Tu em Nova York, eu em Lisboa - o lugar é indiferente.

Mas no fundo, ao ouvir-te pensar através do que escreves, pergunto-me se na origem de todos os males de que todos nos queixamos não estará um equívoco civilizacional: quem foi que disse que o homem e a mulher foram feitos para viver juntos? Por que não haveremos de ser como os restantes animais da natureza, que só se juntam para acasalar e para proteger as crias nos primeiros tempos de vida, após o que o macho parte para a caça e a fêmea fica à espera do próximo cio?

Querido João

Não percebeste nada e claro que tinhas que reconduzir tudo à minha suposta militância na guerra dos sexos. É o que eu digo: vocês não sobrevivem sem uma boa guerra. Mesmo à distância, consigo ver o que te deve ir na tua cabeça, macho altivo e orgulhoso, combatente mas não vencido, solitário mas não arrependido, retirando-se para viver isolado os últimos anos da sua vida, como o veado nas montanhas. Pobre João!

Olha, se porventura um 14º andar em Manhattan pode fazer as vezes de uma montanha e se te faltar interlocutor para a tua causa (a solidão só vale a pena se tiver espectadores para a admirarem...), vem cá fazer-me uma visita. Mas não venhas nem na época do cio nem na da caça. Vem quando não tiveres nenhuma razão especial para vir: diz-me a experiência que são essas ocasiões que fazem os amigos.

Só mais um dia de Verão

Quando finalmente o calor abranda e uma ligeira brisa chega de nordeste, abrimos as portadas e janelas da casa e emergimos para a luz, como se chegássemos ao fim de uma hibernação diária. É a hora de sair para um passeio no campo, no pequeno jipe, totalmente aberto, ao estilo dos velhos Willys da Segunda Guerra Mundial. O meu filho sobe pela roda, salta lá para dentro e instala-se no banco de trás, em pose de general Patton para passar revista às tropas. Pelo retrovisor, vou-o espiando, recortado entre a nuvem de poeira que nos segue sempre, em suspensão, ao longo dos caminhos de terra. Em Julho, vai atento aos coelhos e perdizes ou outros animais que saltam ao caminho e sobre cada um tira sábias conclusões do seu olhar de criança: o coelho tem ali toca, a perdiz anda à procura dos filhotes, o raposinho perdeu-se da mãe. Em Agosto, vai atento às amoras silvestres e em Setembro às pinhas, para juntar à lenha e preparar o Inverno.

Cada estação tem o seu ciclo, cada mês os seus animais ou frutos, cada dia tem mil instantes. E, «quando eu morrer, voltarei para buscar todos os instantes» que não vivemos assim.

Mas o que mais nos fascina é a água. São os ribeiros atravessados por cima das pedras e do seu leito semi-seco, as pequenas barragens onde flutuam como estátuas à deriva os patos bravos e onde as rãs gritam e saltam da margem para a água à nossa passagem. Caminhamos sobre a água descalços, às vezes deixo-me cair lá dentro vestido e ele chama-me «maluco», enquanto se esforça por imaginar que há-de pescar um peixe à mão. A tarde desce sobre nós, a espessura do calor como uma parede deixa-se enfim atravessar, cala-se o zumbido insano das cigarras que gritam sob o sol e há um silêncio repentino que atravessa as árvores, os montes e as ribeiras, antes que o canto eufórico dos grilos substitua o das cigarras - sinal infalível de que a noite substitui o dia. Uma luz dourada brilha nos olhos do meu filho pequeno, como um jovem Dionísio, a alegria escorre dos seus gestos e há também nos meus gestos uma leveza de todas as coisas que só há nos fins de tarde de Verão.

Regressamos calados e mergulhados na paisagem, atentos aos sinais de tudo o que, todavia, já conhecemos de cor. No terraço de casa, exactamente ao pôr-do-sol, acendemos a primeira vela da noite e escutamos em silêncio o último grito dos pássaros de regresso a casa: o cuco, lá no fundo do vale, um falcão que passa a grasnar, um pato bravo atrasado e com ar afogueado, um bando de pombos em direcção ao sol poente.

À noite mudamo-nos para o pátio, à luz das velas de uma profusão de lanternas marroquinas com as quais iludimos a funda saudade dos pátios encantados de Marrakech. Mas, se for noite de lua cheia, apagam-se as velas e ficamos com o luar que recorta nas paredes brancas a silhueta das buganvílias e a das grandes talhas de barro, sentinelas de sombra quietas. Há um som constante da água que cai no tanque, como o fluir do tempo, e um murmúrio do vento atravessando os ramos do limoeiro. E há também um ruído surdo e que nem todos conseguem ouvir que é o som das estrelas e dos seus imperceptíveis acidentes cósmicos.

Pela milésima vez, o meu filho senta-se ao meu colo e pede-me para lhe apontar as estrelas e as constelações pelo nome - Castor, Pólux, Cassiopeia, Orion, Argus. E eu peço-lhe para apontar a estrela que escolhi para viver depois de morto e onde lhe expliquei que ficaria para vê-lo viver e protegê-lo lá de cima e também, enfim, para não perder de vista tudo isto que agora é nosso.

Depois, ele há-de querer uma inevitável história para adormecer, que ora é nova ora é reinventada e que tanto se passa debaixo do mar como na cauda do cometa Hale-Bopp, quando por aqui passou.

Aos poucos, ele vai cedendo, adormecendo sobre mais um dia de vida. Se ainda tiver forças, há-de ir à procura do colo da mãe, onde sempre devem terminar todos os dias perfeitos. Mas, se a história tiver sido bem contada, ele já não se mexe mais: fica ali ao meu colo, já só com um olho semi-aberto, como um coelho caçado na toca, e a última coisa que vê é uma estrela no céu e já não sabe se é a dormir ou acordado que vê o pai olhando-o lá de cima.

Por favor, não te esqueças nunca dos dias de Verão.

O Mediterrâneo

Não gosto de catedrais, do peso das pedras, da dimensão excessiva das naves, da mitologia de um Deus em cujo nome foram construídas e que aqui convoca e esmaga os seus crentes. Não gosto da profusão de altares de castiçais de talha dourada, de sacrários e cânticos e painéis. Não gosto da arquitectura que não é à escala humana, nem nos meios utilizados nem nos fins que representa.

Prefiro a extensão plana das mesquitas, o seu jogo de colunas e sombras, o despojamento geométrico dos seus azulejos. Prefiro mil vezes a herança do mundo árabe morto em Granada do que os símbolos da Reconquista cristã que o sepultou.

Mil vezes a leveza do mundo mediterrânico do que o sufoco das catedrais e castelos do Sacro Império Romano-Germânico. Mil vezes os templos gregos, entre resina e mar e a quietude das oliveiras, do que os castelos de Inglaterra e as florestas de bétulas do Norte. Mil vezes as kasbahs de Marrocos do que os castelos feudais da Europa, mil vezes Granada do que Versalhes.

E antes um Olimpo de Deuses de cada coisa do que um Deus único, antes o Al Andaluz do que os Reis Católicos, antes Roma do que o Papado, antes a luz e a democracia gregas do que a escuridão medieval.

Falo da nossa herança, o Mediterrâneo - a mais extraordinária civilização humana, a civilização da luz, da arte, da arquitectura, da democracia, do direito, da navegação e da descoberta, do mar e do deserto, das ilhas e dos golfos, das vinhas, dos olivais e dos pinhais, das estátuas profanas, das colunas e dos azulejos, dos pátios, dos terraços e das varandas, da cal, do branco e do azul. É a civilização do Egipto, de Creta, de Atenas, de Roma, de Volubilis, de Tânger. Das cidades portuárias, de Alexandria a Lisboa e das Ilhas Gregas, da Sicília, de Malta, de Chipre, da Sardenha. São três mil anos a contemplar as estrelas do céu, a ouvir o som da água nas fontes e a tentar decifrar o mistério da morte.

Antes que a ideia de Deus esmagasse os homens, antes dos autos de fé, das perseguições religiosas da Inquisição e do fundamentalismo islâmico, o Mediterrâneo inventou a arte de viver. Os homens viviam livres dos castigos de Deus e das ameaças dos Profetas: na barca da morte até à outra vida, como acreditavam os egípcios. E os deuses eram, em vida dos homens, apenas a celebração de cada coisa: a caça, a pesca, o vinho, a agricultura, o amor. Os deuses encarnavam a festa e a alegria da vida e não o terror da morte.

Antes da queda de Granada, antes das fogueiras da Inquisição, antes dos massacres da Argélia, o Mediterrâneo ergueu uma civilização fundada na celebração da vida, na beleza de todas as coisas e na tolerância dos que sabem que, seja qual for o Deus que reclame a nossa vida morta, o resto é nosso e pertence-nos - por uma única, breve e intensa passagem. É a isso que chamamos liberdade - a grande herança do mundo do Mediterrâneo.

Viagem

Naquele Inverno eu sentia-me sufocar com a persistência do sol e de um céu invariavelmente azul. Dia após dia, de manhã quando acordava e chegava à janela, nem sinais de chuva, vento, céu cinzento, já nem digo neve: enfim, nada que me lembrasse que era Inverno. E como pode alguém desejar o Verão, se o Inverno mais parece um longo e interminável Verão?

Assim, juntei o sufoco a uma depressão subitamente planeada e resolvi meter férias e ir à procura do Inverno, lá nessa Europa, de onde a televisão me trazia imagens de inundações e tempestades e nevões. Peguei nos livros mais tristes que tinha pendentes de leitura, numa gabardine e um sobretudo, e embarquei em Santa Apolónia, ao fim da tarde, no Lusitânia-Expresso para Madrid. Reservei um beliche no vagão-cama e um lugar à mesa no segundo turno do jantar. Eu sozinho, num comboio atravessando países de noite, como a personagem de um filme (porque só nos filmes é que a solidão é romântica e natural, na vida real é angustiada...): eis o que eu chamo viajar.

Jantei a inevitável pescada com molho béchamel e vitela estufada com ervilhas, com meia garrafa do inevitável Grão-Vasco, na companhia do previsível casal de velhotes espanhóis, falando por sussurros, como convinha à minha apetência de mistério. Quanto a mim, imaginei-me agente secreto ou Graham Greene do Sul, sob a observação atenta e intrigada dos outros passageiros. Como não alcancei ninguém com quem falar, imaginei-me aos segredos com a minha avó - com quem aprendi a andar de comboio e a rezar o «acto de contrição» de cada vez que atravessávamos a periclitante ponte de Dona Maria, de Gaia para o Porto.

Felizmente, ninguém apareceu para partilhar o meu vagão-cama e pude adormecer sem as habituais cautelas de um agente secreto nestas circunstâncias. Cheguei a Madrid de manhã cedo e, depois de um sólido pequeno-almoço, enfiei-me no Prado a ver a exposição de um dos meus pintores-fetice, que eu tinha como um segredo bem guardado: Caspar-David Friedrich, um romântico alemão, metuculoso, alucinado e luminoso. E, porque nunca o verei vezes que cheguem até que a morte nos separe, gastei ainda meia-hora, entre encontrões, excursões e raros momentos de trégua, diante do mais fantástico quadro que alguma vez alguém pintou ou pintará: As Meninas, do Velásquez.

Junto à Plaza Mayor, procurei e descobri um restaurante basco cuja recordação guardava num canto da memória. Comi o que eles chamam de «besugo» e que eu chamo de

pargo e a que os deuses chamarão milagre. Esta, para mim, é a melhor cozinha do mundo e este primeiro dia «na Europa» começara esplendorosamente: Velásquez, Caspar-David Friederih, besugo à basca e, a seguir, um Partagas Lusitano, de uma caixa de 25 que comprei à saída do restaurante e que fumei sentado na mala que carregava comigo desde que saíra do comboio, encostado a um muro da Plaza Mayor, sob um céu finalmente cinzento e prometendo chuva.

E deu-me um desejo incontrollável de partida e de liberdade. Entrei num rent-a-car e aluguei um Seat Marbella cor de trovoada e mandei-me para nordeste, na autopista para Barcelona. Livre, libérrimo, com vontade de rir e de chorar, dono dos quilómetros que percorria, das horas, da tarde que se foi desvanecendo e da noite que me apanhou num restaurante à beira do caminho, lendo o El Pais e comendo «chuleta de temera» com uma San Miguel de pressão. Fiquei dois dias em Barcelona, dos quais uma manhã mergulhado na pesquisa meticulosa de uma extraordinária loja de velharias do Bairro Gótico, de onde saí com uma Ordem de Lenine, uma convocatória da Legião Estrangeira e uns fantásticos binóculos dentro de um estojo de couro marcado «SS Bremenn, 1912». Passei outra manhã a ouvir um cego tocar violino em frente à Sagrada Família do Gaudi, enquanto eu me esforçava por acreditar que era o único turista que tinha decifrado o mistério daquela catedral demencial, e também gastei duas noites como o único turista que jantou ao ar livre no Port Olympic, comendo sumptuosamente e gelado até aos ossos.

De comboio, outra vez, segui pela Cote d'Azur, parando para jantar e dormir em Cannes e depois num pequeno e mágico hotel do Laço di Como, alternando jornais, línguas, vinhos e conversas de ocasião, com a intimidade e o destemor que só os viajantes solitários ousam.

A chuva chegou quando eu estava no lago - abundante, magnífica, devas-tadora. De novo me meti no comboio de noite e atravessei a Toscânia adormecida, imaginando vinhas ao sol e terraços com vasos de cerâmica e colunas de mármore, Florença cor de fogo debruçada sobre o rio, Siena sob uma ligeira neblina de poeira suspensa no ar, mas, porque era Inverno e finalmente chovia, e um vento de leste, frio e solto incomodava os passageiros petrificados nas estações que atravessávamos sem parar e arrastava guarda-chuvas perdidos e ramos de árvores na noite de Itália, fui direito a Veneza onde, há muitos anos atrás, numa ofuscante manhã de Agosto, na praça pejada de turistas, eu jurara a mim mesmo só voltar quando fosse Inverno, chovesse e toda a praça estivesse tão limpa como este coração que agora trazia comigo.

A solidão

Este privilégio, pelo menos, tenho: posso escolher a roupa com que irei vestido para a sala de operações. Devia ser de pijama, mas eu sempre tive aversão aos pijamas: abomino a ideia de ser visto de pijama a atravessar os corredores do hospital numa maca. Como não posso ir de cuecas também, lá acabo por vestir umas calças de pijama mas, pelo menos, não são às riscas. Mais uma t-shirt branca com o nome de uma academia de ténis e umas meias de ténis - quem é que eu julgarei que engano?

Arrastam-me pelo corredor fora, na maca. As pessoas encostam-se à parede à passagem e deitam um olhar de curiosidade ao «doente». E pior do que ir nu: é ir indefeso. A maca empurra as portas da sala de operações, o médico já está à minha espera, acompanhado de mais três ou quatro pessoas sem rosto nem sexo, máscaras verdes, como algas, luvas colocadas nas mãos, suspensas no ar à espera do meu corpo. Sem defesa, deixo-me ligar a não sei quantas máquinas, respondo à conversa deles como se fizesse algum sentido, aspiro o cheiro do éter, fixo a luz do candeeiro no tecto, acho que a luz me está a encandear, a conversa torna-se pesada, oiço as vozes a afastarem-se, alguém fala em adormecer, uma mão agarra o meu braço e depois tudo desaparece. Um imenso buraco negro.

Foram horas, dias, anos. Lá, onde eu estava, era fundo e escuro, estava suspenso, caía, caía, sem parar - como Alice caía no poço. Lembro-me de pensar «nunca mais volto», mas não me lembro se queria ou não queria e não estava certo de estar a falar com alguém ou haver ali alguém que me escutasse. Era noite, interminavelmente noite.

Depois voltei a ouvir as mesmas vozes. Vinham lá do fundo de um caminho e aproximavam-se de onde eu estava. A princípio não percebi sequer que língua falavam. Depois distingi vozes de homens e vozes de mulheres e pareceram-me que falavam de mim, pareceu-me até que troçavam de mim. Fiz um esforço para escutar o que diziam e ouvi então, nitidamente, uma voz grossa que perguntava: «Então, como se sente?» Percebi que devia responder, mas não estava certo de saber falar. Fiquei calado e ouvi a mesma voz que dizia: «Ele está-me a ouvir. Olhe, até tem os olhos abertos». Houve risos, várias pessoas que falavam ao mesmo tempo, uma mão passou-me pelo cabelo, ouvi a voz de uma criança. Queria ver, mas estava a chorar, tudo estava enevoado. Senti-me triste, miseravelmente triste.

Fui vindo a mim aos poucos: conheci as caras e as vozes, falavam-me e fui respondendo, percebi onde estava e porquê, reconstruí tudo aos poucos, umas coisas faziam sentido, outras ainda não. Por fim, foram-se todos embora e eu fiquei sozinho, com um silêncio só cortado pelo som cadenciado do soro a pingar gota a gota para dentro da minha veia.

Agora era o fim do dia, havia um candeeiro de rua pendurado da parede do lado de fora da janela que se acendeu quando caiu o crepúsculo. Ouvi os sons da cidade, pessoas que se chamavam de uma esquina para a outra, um táxi que parou para desembarcar um passageiro, o apito de um barco deixando o porto. Pareceu-me, mas devia ser imaginação, que vinha da rua um cheiro a jaquinzinhos fritos e foi assim que eu percebi que tinha voltado à vida.

Mas não tinha fome nem sede. Nem frio nem calor, nem sono ou falta dele. Era como se tudo tivesse sido interrompido e fosse preciso recomeçar do início todas as coisas, o ciclo completo. Dei comigo a pensar, à medida que ia acordando aos poucos, que me apetecia ficar assim, como quem suspende a vida, indefinidamente, ali, naquela cama de hospital, enquanto a cidade anoitecia lá fora. Ouvia a voz do José Alberto Carvalho lendo as notícias desse dia, numa televisão do outro lado da rua. Mas nada, ninguém e coisa alguma, podia vir agora dizer-me o que eu não sabia.

Quando as coisas são verdadeiramente importantes, quando se chega ao limite de cada coisa, estamos sós. Sempre e irremediavelmente sós.

Verão

«Só o Verão vale a pena ser vivido»

Rilke

Vejo: caminhas até à borda da água e o reflexo da luz na água torna confusa a tua silhueta, como se fossem duas pessoas que caminhassem num só corpo. Mas quando mergulhas e desapareces dentro de água, as duas pessoas fundem-se numa só e tudo se torna nítido de repente. Sei o que sentes, agora. Posso fechar os olhos e sinto-o também: a leveza da água sobre os ombros, a consistência das coisas que tocas com as mãos, as pedras e a areia grossa do fundo. Os peixes que passam diante do teu olhar, a certeza de que a vida existe quando, por um instante, descemos a este mundo submerso que não é o nosso e depositamos o peso que trazemos do mundo que é o nosso e assim nos reconstruímos, porque a água tudo limpa.

Não vejo: fechou-se a marca da água que se abriu à tua entrada, um abismo líquido interpôs-se entre nós, um prenúncio de catástrofe manchou a luz sem sombras de um dia que julgávamos eterno.

Posso ficar deitado a olhar um céu absolutamente azul, posso procurar a luz do sol e olhá-lo sem medo até que ele se transforme em milhares de pontos vermelhos, como lágrimas em desordem. E posso fechar os olhos sabendo que agora nada mais acontecerá, para sempre.

Enquanto o Verão passa e não regressam os que mergulharam no fundo do mar, a praia é como um tempo suspenso, difuso e pouco nítido, atravessado por sons familiares como os gritos das crianças à borda da água ou a voz cantada do vendedor de gelados. Qualquer outro ruído estranho tornaria claro o que queremos fluido, perturbaria a única paz que se tornou possível, a que advém do irreal.

Em Setembro virão as marés vivas e depois o Outono começará a despir as árvores, antes que um céu plúmbeo se abata sobre nós e uma chuva sem remorsos varra da nossa pele os últimos vestígios de sal. A partir daí, ficamos à espera, outra vez. Pelos céus azuis, pelos peixes prateados, pela limpidez da água, pelos risos das crianças. Não quero que desesperes na espera: haverá sempre Verão, sempre, para além de nós mesmos, e por mais demorado que seja o regresso.

Encontro

Pela primeira vez desde há muitos, muitos anos, era um dia de semana, de um mês - Junho - que não era ainda de férias mas já era de Verão, e eu estava deitado na areia da praia, quase deserta, com a serra por detrás e um mar translúcido à minha frente, saboreando cada uma das sílabas dessa palavra: de-sem-pre-ga-do. Caminhei até à água, que surpreendentemente não estava fria e era densa e transparente, e mergulhei lá dentro como se entrasse noutro mundo: vinte anos de errância, de erros e de ignorância, vinte anos equívocos, afundavam-se agora, devagar, rente à areia e às pedras, no olhar que seguia a sombra fugidia dos peixes e, afinal, tudo se tornava claro e envolvente na luz que chegava filtrada três metros debaixo de água.

E, todavia, eu sempre o soubera: sempre, sempre, me procurei debaixo de água, sempre, em cada Verão, mergulhei nesta luz e neste silêncio, apalpando com as mãos as rochas e as pedras, alisando o dorso dos peixes e a suavidade de veludo das algas e das anêmonas, os meus olhos atentos e deslumbrados com cada coisa, o corpo habituando-se à consistência desta liquidez submersa. Sempre soube que debaixo de água me livrava de todos os males do mundo e emergia, novo e liberto, para as suas ciladas e os seus enganos.

Sentei-me depois na esplanada à beira-mar, os olhos pesados de sal e de azul, eu, uma sangria e uma dose de sardinhas assadas, um cheiro a giesta e a medronho que vinha da serra e nada mais - ninguém, nenhum som, nenhuma recordação, nenhuma ameaça, entre mim e a perfeição deste momento.

E lembrei-me de ti, com ternura (ou seria paixão?). A palma das tuas mãos, a pele dos teus pulsos, os dedos esguios e longos, os dentes brancos num sorriso meio tímido, meio atrevido, o teu riso, o teu humor, a tua inteligência cristalina. Pensei telefonar-te, mas estas coisas não se dizem por telefone. Guardei-te para mais tarde, para quando os teus olhos pousassem sobre mim, para quando a tua mão me limpasse o suor da testa, a tua boca limpasse os vestígios de sal da minha pele.

Em vão, como vês, me esforcei por não me distrair. Para passar por ti como se passa por um episódio, por um acidente à beira da estrada, por uma ilusão de água num mar sem fim de areia. Eu queria só a solidão da solidão, o silêncio submerso dos dias vazios e sem destino, a consistência da água e a evidência das pedras. Eu queria um mundo sem ti nem ninguém mais, uma vida - tão merecida - feita de egoísmo e de instantes impartilháveis. Mas tu és como a anêmona que segue a corrente que passa, tu és a lapa presa à rocha, o

sulco na areia durante a maré vazia que indica o caminho de regresso ao mar, tu és a densidade da água dentro da qual eu me reencontro e reconstruo.

Assim, saí da esplanada, sentei-me «ao volante do meu Chevrolet» pela estrada da serra e subi até ao Convento de onde o mundo inteiro se alcança. Veio-me um desejo de ser monge, ali onde a vida não chega, ou lagarto sobre a pedra onde me sentei. Um desejo de absoluto e de nada. Olhei ao longe este mar da Grécia e esta luz de eternidade, vi pedras e giestas e pinheiros e golfinhos ao fundo, vi tudo o que me manteve cativo até hoje e toda a liberdade à minha frente, olhei o passado e o futuro, o Norte e o Sul, e levantei os braços para voar sobre tudo isto, mas estava preso. Este Verão é teu.

The Captain is on the bridge

Era a cadência do som que o mantinha ainda desperto e simultaneamente semiadormecido: o som da água batendo contra o casco do navio, repetida, monotonamente, água contra madeira de carvalho, inexorável ampulheta de minutos, horas, dias, vidas.

Afundado no velho sofá de couro roído, de frente para a janela do castelo da popa, afundado no fundo de si mesmo, o capitão Jack Gardiner contemplava a espuma formada à ré do navio, como quem vê desfilar a própria vida. Tempos houve em que tinha sonhado com o comando de um navio de linha, melhor e mais rápido que o “HMS Seagull”, e com um cognome que os seus feitos ao serviço do Almirantado e da Coroa lhe pareciam amplamente justificar: o Senhor das Caraíbas.

Hélas, assim como a vaga do largo, que vai e vem sem regra nem razão, assim a vida do capitão Jack Gardiner se virara de barlavento em sotavento. Outros, mais poderosos e íntimos do Almirantado, tinham conspirado e ganho o comando das fragatas de setenta e oito canhões disponíveis, outros se tinham feito às condecorações e honrarias, tinham negociado enquanto ele se atardava em mares do sul, tinham-se insinuado enquanto ele navegava à bolina. Brilhavam os botões dourados das suas fardas nas recepções para os oficiais da Navy, enquanto ele se consumia em febres e em obscuros delírios e se apresentava aos comandantes da frota com um aspecto descomposto e digno de lástima, como o têm habitualmente os homens solitários sobre cujas coisas ninguém cuida. A mulher pedira o divórcio e levara os filhos e as raízes, vivendo agora de salão em salão, lá onde se formam as glórias deste mundo e se desfazem as reputações dos ausentes. O senhorio despejara-o da casa que habitava e um vizinho compreensivo, porém não totalmente desinteressado, recolhera os móveis e os papéis, os objectos pessoais e as fardas antigas, até ao seu regresso. Temple, o seu imediato a bordo do Seagull durante os três anos de campanha rasa e cruel no Mar das Caraíbas, regressara a Inglaterra coberto de glórias que não lhe competiam e comandava agora o lugre Sacalina, nas águas pacíficas do Mediterrâneo, onde o saque era fácil e os pobres piratas do Maghreb um pífio inimigo.

E, depois de tantos anos, tantos mares, tantos gritos de guerra e de morte, tanto ruído de armas e cheiro a pólvora, tantas calmarias desesperantes e tantas tempestades onde o fim lhe parecia tão grande e irremediável, Jack Gardiner regressava agora a casa, sem casa a que regressar e contemplando o mar de regresso pela ré e não pela proa.

Quarenta e sete dias assim. Sem sair do camarote, sem respirar a maresia no convés, sem dar nenhuma ordem que não a primeira - rumo a casa -, sem falar com ninguém senão com o seu ordenança jamaicano, silencioso e maltrapilho, que lhe trazia as refeições ao camarote e a garrafa de Porto, pontualmente às oito da noite de cada dia.

Howe, o imediato, dirigia a viagem, sem sobressaltos. Traçava o rumo todas as manhãs, comandava e rectificava o velame, estabelecia os quartos, administrava a justiça sobre os pequenos conflitos a bordo e fixava a ração de rum em cada pôr-do-sol. Não se dignava sequer descer lá abaixo, onde vegetava a memória do Senhor das Caraíbas, tão inútil quanto a sua inútil vaidade, a sua defunta glória, a sua aura de capitão invencível.

Sob o comando do competente Howe, o Seagull navegou sem pressa nem percalços, como é próprio das viagens sem história, aquelas de que se fazem as existências felizes. E, no fundo do seu camarote, tão obsoleto como roupa gasta, tão silencioso como casa abandonada, viajava o capitão Jack Gardiner, que a tripulação não via há quarenta e sete dias, desde a aguada nas Grenadines.

Esta é, porém, uma história verdadeira. E por isso me remeto agora aos factos, tal como constam dos arquivos dos livros de bordo dos navios de linha da Royal Navy, nesse ano longínquo de 1793. Na noite de 15 de Setembro, com vista da ilha das Flores, do Arquipélago dos Açores, a estibordo, o Seagull foi avistado e tomado em perseguição por três navios da Armada espanhola. O imediato Howe mandou que as lanternas se mantivessem apagadas, fez subir mais pano e toda a noite rodou N-NW, fugindo para o largo. As primeiras luzes da manhã revelaram, todavia, os três navios espanhóis ainda no rasto do Seagull. O primeiro deles era o Navidad, de cento e vinte e quatro canhões, que abriu fogo de bombordo, a quatro milhas de distância. O relato da batalha é confuso, nos arquivos da Royal Navy: faltam páginas e faltam explicações para que um leigo possa entender o que verdadeiramente se passou, ao longo daquele sangrento dia no Atlântico. O que retive do relato do Primeiro-Tenente Mahoney, é que ao pôr-do-sol um navio espanhol, o Concepcion, tinha sido afundado, outro, o Ruisenor de la Coruna, estava desmastreado, e o Seagull, com dois rombos no casco acima da linha de flutuação e o joanete quebrado, navegava rumo a Plymouth, onde chegou cinco dias depois. Reza ainda o relato de Mahoney que, aos primeiros fragores do combate, assim que o cheiro da pólvora cobriu a maresia da manhã nascente e que os primeiros gritos dos feridos se fizeram ouvir no convés, uma figura trôpega emergiu no tombadilho, a farda amarrotada, as divisas de latão descoloridas e uma absurda espada presa ao cinto e arrastada atrás. E que, então, perante o silêncio espantado da tripulação, ouviu-se a voz de comando de Jack Gardiner: «Proa a terra, arriar a mezena, largar amuras e escotas, içar a vela grande, preparar

canhões de bombordo». E que, a meia-voz primeiro, e depois já gritada de homem em homem, a mesma e tradicional mensagem percorreu o navio:« *The Captain is on the bridge!*»
Oh Captain, my Captain!

O Norte

«Prost!» Ele erguia a sua taça à altura dos seus pálidos olhos azuis onde pareciam reflectir-se as auroras boreais, a superfície gelada dos lagos do seu país natal.

Diocleciano bebia sem vontade, esforçando-se por corresponder polidamente aos brindes dos seus anfitriões. Cinco meses de comissão nos Territórios do Norte haviam gelado a sua alegria de viver e tinham marcado com fundas olheiras o seu rosto jovem que o frio parecia talhar em pedra-mármore.

Caius Septimus, que Júlio César enviara com duas legiões aos Territórios do Norte, mandara acender fogueiras de noite por toda a Suécia, mas nem assim aquele frio polar deixara de habitar cada osso e cada articulação dos seus soldados. De noite juntavam-se em roda das fogueiras, assavam carne de rena untada com ervas aromáticas ou fumavam salmão que os aldeões pescavam nos lagos gelados e vendiam às tropas aquarteladas.

Bebiam aquela aguardente de suco de bétula que, dizia-se, dava aos homens novas energias que eles não tinham, porém, onde aplicar.

Diocleciano estava triste e aborrecia-se de morte naqueles banquetes onde o seu posto o obrigava a estar presente. Não compreendia aquela gente nem falava a língua deles. Cansava-se de ouvir o intérprete traduzir-lhe dificilmente as queixas e as saudações dos chefes das aldeias. Entontecia-o aquela aguardente e, embora se tivesse embriagado muitas vezes na sua vida, era-lhe difícil compreender como é que alguém se podia embriagar sem motivo nem pretexto, como se fosse um ritual religioso.

Naquela noite de Dezembro, Diocleciano devia estar particularmente atento à conversa e mostrar-se simpático para com o seu anfitrião. Gudjar, o jovem e robusto chefe da circunscrição do Boro, não apenas chefiava uma aldeia e uma região, como comandava um exército de quatro mil homens que tinham fama de ferozes e destemidos no combate. A um apelo seu, o exército de Gudjar podia reunir-se em dois dias, largando as enxadas, os rebanhos de renas que vigiavam nas zonas extremas do norte, ou as oficinas onde temperavam o aço ou assopravam o vidro. Era um exército de artesãos, de pastores, de camponeses curtidos pelo frio, de caçadores capazes de perseguir um alce na floresta, durante um dia inteiro.

Como o próprio Gudjar, agora sentado à sua frente, eram homens altos e maciços, como troncos de árvores. Sobrava-lhes em força o que lhes faltaria, talvez, em astúcia e

tática militar, mas o Exército Imperial não pretendia desgastar-se num combate de guerrilhas naquelas extensões geladas e inóspitas.

No fundo, o que Gudjar exigia era pouco: queria que a lex romana do exército de ocupação cedesse o passo às leis locais. Em particular, ele exigia que a administração da justiça continuasse a cargo do Conselho de Anciões do povo, como sucedera no tempo do seu pai, do seu avô e desde sempre.

Diocleciano ouviu sem interromper, o discurso de Gudjar. Agora, o jovem viking tinha terminado o que tinha a dizer. Olhou nos olhos o seu hóspede e concluiu:

- Diz ao General teu chefe que é isto que pretendemos. É justo que assim se faça. Em troca, o seu exército poderá passar o Inverno nos nossos povoados, poderá caçar o alce e pescar nos nossos territórios. No Verão, estão autorizados a colher fruta das árvores, a assistir às feiras e a fazer comércio com as gentes. É justo que assim se faça.

- Ho, ho, é justo - repetiram os outros em coro, assentindo com a cabeça, aprovando as palavras de Gudjar.

Agora, todos os olhares estavam pousados em Diocleciano. No silêncio que se instalara ouvia-se só o crepitar da lenha na fogueira, lançando no ar fagulhas que iluminavam o olhar azul dos homens, tão azul que lembrava a Diocleciano o mar de Capri.

A recordação magoou-o, de repente, como se fosse a primeira vez que o assaltassem as saudades de casa. Com os olhos fitos no fogo, Diocleciano reviu mentalmente as imagens queridas da sua Itália distante. Não apenas o mar azul e transparente de Capri, mas também as suas oliveiras, o perfume dos limoeiros no pátio de casa, e a poeira que ficava suspensa no ar, quando o rebanho se recolhia, ao fim do dia. Do fundo da memória, ouviu a voz de Lídia, comandando a criadagem na cozinha, atravessando o pátio a rir sozinha, quando julgava que ele não estava a ver. O que em Itália era preguiça, essa moleza de felicidade que arrasta os dias, aqui, nesta solidão branca e desolada, era apenas lassidão. Diocleciano combatiera na Fenícia e na Síria, onde Roma erguera templos e plantara oliveiras, onde os seus exércitos se guiavam pelas mesmas estrelas e combatiam sob o mesmo sol.

Mas que desígnios podia ter o Império nos Territórios do Norte? Que luz buscava Roma, ali onde só havia trevas? Que conversas, que livros, que deuses, que prazeres, se podiam viver entre aquela gente selvagem e inculta?

Despregou os olhos do fogo a custo, olhou a assembleia muda, à sua frente. O dever de um soldado não era dizer o que lhe ia na alma, nem sequer o que lhe ia na razão.

Ele sabia que Caius Septimus nunca aceitaria o acordo que Gudjar lhe propunha. Os Impérios, costumava ele dizer, conquistam-se pelas armas e mantêm-se pelas leis. A lei

romana é uma só, em todo o Império. Os pro-cônsules aplicavam-na onde quer que as armas de Roma tivessem imposto o seu domínio, dos planaltos da Anatólia aos bosques da Bretanha, passando pelas escarpas pedregosas do norte da Ibéria.

In foro tuo, nula alia lex neque jus, formula proferri vel recipit preasumatur - só a lei de Roma podia ser aplicada nos tribunais do Império. Assim lhe tinham ensinado.

Doravante, Diocleciano sabia que a sua missão deixara de ser de diplomacia e passava a ser de espionagem. Cabia-lhe avaliar o número de homens do exército de Gudjar, o seu armamento, o seu grau de disciplina e de organização. Devia ganhar tempo até estar na posse de todos esses dados e só então regressaria para dar conta do que vira a Caius Septimus. Mais tarde, o grosso das tropas de ocupação viria submeter os altivos guerreiros da região de Boro. Eram essas as instruções de Júlio César. Era assim que Roma erguera o seu Império.

- Gudjar - disse Diocleciano -, ouvi o que tinhas para me dizer. Não sou eu que te direi se é justo ou não. A minha missão era apenas ouvir-te. Mas contarei ao General o que me disseste e ele saberá, melhor do que eu, o que decidir. Assim farei.

- Ho. Agora debes recolher-te. Tu e os teus homens devem partir ao romper do dia, para aproveitar as poucas horas de luz. - E com isto, Gudjar levantou-se, fazendo sinal a Diocleciano para que o seguisse. Juntos, caminharam até à tenda do hóspede. Aí chegados, Gudjar chamou o intérprete e fez-lhe traduzir:

- Na tua tenda vais encontrar a mais nova e a mais bonita das minhas irmãs. Leio nos teus olhos que a solidão te pesa, que as saudades da tua terra te devastam. Ela far-te-á esquecer tudo isso, esta noite. É assim que recebemos os amigos, em Boro. Vai, e que ninguém te faça atraiçoar esta amizade.

O espião que ficou no frio

Em tempos - mais exactamente, até há dez anos atrás - a rua chamava-se «Presidente Jivkov, da República Socialista da Bulgária». Hoje, chama-se Avenida dos Plátanos: Avenida, porque foi demolido um quarteirão inteiro do lado sul, o que permitiu alargá-la e construir um supermercado recuado onde outrora existira uma fileira de casas decrepitas, construídas a seguir à guerra. E dos Plátanos, em homenagem a meia-dúzia de árvores tristes e agora desfolhadas pelo vento de Outono.

É aí, no nº 26, 2º andar direito, que mora Schultz, na sua casa de sempre, esconsa e acanhada, aparentemente indiferente ao renascer empolgante de Berlim. Tudo isso não lhe diz nada ou, se diz, ele cala-o e guarda para si os pensamentos - como aliás lhe ensinaram a fazer desde sempre. Venho aqui para jogar uma partida de xadrez com Schultz, uma absurda visita combinada na véspera na «delikatessen» da esquina.

Foi aí que o conheci, depois de um encontro marcado por telefone. Como bom espião, Shultz já me esperava quando eu cheguei, sentado numa mesa de fundo, de costas contra a parede, numa posição em que podia observar quem entrava. Ter conseguido encontrar-me com ele fora o principal, quase o único êxito que eu esperava: a partir daí, sabia que nada de verdadeiramente interessante se passaria. Fui direito a ele, sem hesitar: conhecia-o de uma fotografia dos arquivos, incluída no seu dossier e tirada, talvez, há uns quinze anos. Nesse espaço de tempo, o cabelo passara-lhe de loiro sujo a branco sujo, os olhos tinham recuado mais para dentro das órbitas, como se já estivessem cansados de ver. De resto, pouco mudara em relação à fotografia. Tinha as mãos pousadas abertas sobre o tampo da mesa, numa atitude de quem não tem pressa nem curiosidade, e vestia um sobretudo que me pareceu quente de mais para aquele Outono em Berlim, denunciando esse frio nos ossos que os velhos habitualmente sentem. Theodore Schultz tem agora sessenta e oito anos, foi reformado dos Serviços de Segurança da antiga RDA quando o Muro caiu e ele estava, por assim dizer, na idade em que se chega ao apogeu, ao topo da carreira.

O que fora ao certo a sua carreira era, em grande parte e como seria de prever, motivo de mistério, guardado em algum arquivo sepultado ou destruído para sempre, excepto na memória dos que tinham estado com ele nessa «guerra suja» de quarenta e cinco anos de duração. Mas a Comissão dos «primos» do lado de cá, que passou a pente fino os arquivos da Stasi - ou o que deles sobrou - não encontrara, aparentemente, nada de

especialmente comprometedor contra Schultz. O facto de ter sido reformado e não aproveitado, como outros foram - demonstrava que a Comissão não o julgou «reciclável».

De concreto e sobre os seus trinta e dois anos ao serviço da espionagem do Leste, sabe-se que fez trabalho corrente de gabinete, que trabalhou também no terreno com várias idas ao estrangeiro, mas sem nunca ter sido «residente» fora da RDA. Esteve no ex-Congo Belga, na Nigéria ao tempo da Guerra do Biafra, em Marrocos, na Argélia por três vezes, no Egipto e na Grécia. Tirando esta última e breve estadia em Atenas, parece nunca ter estado no Ocidente e, mesmo de 1990 para cá, já retirado, não se lhe conhece nenhuma visita ao estrangeiro, nem sequer ao lado de cá da Alemanha. Nunca pediu passaporte às autoridades da Alemanha unificada e a polícia de bairro, que tem a missão de o vigiar discretamente, nunca referenciou contactos seus com estrangeiros.

Todavia, há um episódio registado no dossier de Schultz que prova que ele não foi um personagem menor nesse Exército de Sombras da antiga RDA. Pelo menos uma vez, Shultz manchou as mãos de sangue: mas foi contra um dos seus, um dos da «casa». Em 1983, Schultz integrou, ou provavelmente chefou, uma secção da Stassi que executou Joachim Ganz, desmascarado como agente duplo ao serviço do MI.5, em Londres. O curioso, na história, é que Schultz e Ganz haviam sido colegas na Universidade e na Academia dos Serviços Secretos e tinham estagiado juntos em Moscovo, no início dos anos 60. Muito provavelmente, tinham sido amigos e, talvez por isso mesmo, tenha sido ele escolhido para essa missão pungente: porque Ganz não desconfiaria dele e talvez também porque a hierarquia tenha querido testar a lealdade de Schultz. Ambos tinham também trabalhado juntos em Berlim, no início das suas carreiras, formando um trio de que a terceira parte era a muito jovem e bonita agente Helga Rippel.

Ganz casou-se depois com Helga e viveu três períodos diferentes no estrangeiro, só num deles acompanhado por Helga. Tiveram dois filhos e ela está ainda viva e igualmente reformada, vivendo algures na parte leste. Pus-me a imaginar, à maneira dos livros de Bilal, se Schultz não consumira toda a sua vida uma paixão frustrada por Helga, visto que ele não só nunca viveu fora de Berlim, como nunca casou e nunca teve filhos.

Gostaria de lhe perguntar isso e tudo o resto, mas não me atrevi a perguntar-lhe coisa alguma. Sentei-me à sua mesa e, tal como tinha antecipado, fui eu que tive de começar a responder ao interrogatório dele. Nome e nacionalidade, outra vez. Sim, sabia que ele não falava com jornalistas («não sou do tipo dos que escrevem memórias nem dos que parecem tirar prazer da auto-humilhação»). Sim, eu sabia do que ele falava: tenho uma dúzia de livros desses na minha estante, assim como ele também os tem na sua. Mas os da antiga RDA não falam nem escrevem, a começar pelo chefe, o célebre e silencioso Marcus Wolf.

Assim sendo, o que pretendia eu dele? Banalidades, respondi: como ocupava agora o seu tempo, se mantém contacto com os antigos camaradas de armas, o que sentiu quando viu cair o Muro, se pensa que valeu a pena a vida que viveu - essas coisas normais.

- Joga xadrez, Herr Tavares? - tratou-me sempre por Herr Tavares, com aquela delicadeza característica dos polícias perigosos, que não desperdiçam inutilmente as más maneiras.

Fiquei a pensar durante uns segundos. Eu, de facto, jogo xadrez, mas mal e sem nenhuma paciência. Mas já que tinha que ser, que fosse. «Sim, jogo xadrez».

- Se joga xadrez, Herr Tavares, deve saber que no xadrez só se faz uma jogada de cada vez, depois de ter observado com muita atenção os movimentos do adversário e o desenrolar do jogo.

O senhor está convencido que consegue chegar ao xeque-mate sem sequer fazer o roque do rei.

- O problema, Herr Schultz, é que no xadrez dispõe-se de tempo e o senhor já me foi avisando que não me dá tempo nenhum. Mas, se me convidar para jogar um jogo consigo, eu levo uma garrafa de vinho e mostro-lhe que também sei falar ao ritmo que o senhor joga.

Ele inclinou-se para trás na cadeira e sorriu, olhando-me de frente: não era um sorriso bonito, era arrogante e condescendente. Depois, de repente, meteu a mão ao bolso e poitou dois marcos sobre a mesa para pagar uma água, um café e um copo de leite e levantou-se, abotoando o sobretudo. Julguei que se ia embora sem mais, mas não: olhou-me de cima para baixo, suspirou e até me pousou uma mão no ombro.

- Herr Tavares, o que o senhor quer é saber como vive um antigo comunista que toda a sua vida serviu um país que já não existe. Deve imaginar que eu sou uma espécie de animal estranho, semi-humano, que vive retirado do mundo e contra o mundo. Pois bem, vai ter uma desilusão, mas olhe: eu moro aqui, no nº 26, 2º direito, desta rua. Apareça amanhã pelas quatro e meia e traga essa garrafa de vinho. Vou-lhe ensinar a jogar xadrez, como se jogava antes de aparecer aquele americano, o Bob Fisher, lembra-se?

A sala de estar da casa de Schultz ultrapassou tudo o que as minhas melhores expectativas poderiam ter desejado. Estava tudo à vista, em exibição, como se fosse um museu, e pareceu-me que aquelas coisas não tinham sido lá postas de propósito para que eu as visse. Para começar, havia uma bandeira da RDA pregada à parede, por cima de uma fotografia que mostrava dois atletas olímpicos da Alemanha de Leste, de medalhas ao peito, escutando o hino, provavelmente nas Olimpíadas do México. Mas havia retratos para todas as hipóteses: Schultz em Moscovo, na Praça Vermelha coberta de neve, muito novo e

acompanhado por dois outros homens, um dos quais provavelmente Joachim Ganz; Shultz e a sua turma da Academia dos Serviços Secretos, datada de 1958 e assinada por todos; Shultz numa praia do mar do Norte, em fato-de-banho e acompanhado por uma mulher que logo classifiquei como misteriosa; e, oh sim, Schultz, vestindo um uniforme de major do Exército, a ser condecorado pelo próprio Hoennecker, e por baixo da fotografia, encerrada dentro de uma caixa de madeira com tampa de vidro, a condecoração. Enfim, uma fotografia, essa sim, misteriosa: uma estação de comboios à noite, com um comboio a partir e pessoas a olhá-lo da gare.

Olhei tudo, os objectos, as fotografias e os livros, devagar e sem fingir cerimónia. Não me pareceu que ele estivesse incomodado com o meu interesse: pelo contrário, seguiu a minha inspecção com um sorriso satisfeito e levemente irónico.

- Quer saber, Herr Tavares, se eu ainda acredito nisto tudo, se ainda sou comunista, se lamento o fim da RDA? - e fez-me um gesto para que me sentasse em frente à pequena mesa posta com o tabuleiro de xadrez, um prato de biscoitos e dois copos para o vinho que eu trouxera.

Fez a pergunta, mas não deu logo a resposta: foi-a dando, aos poucos, ao longo de mais de duas horas em que, não sei se por delicadeza da sua parte ou por uma inesperada inspiração minha, consegui evitar as armadilhas primárias e aguentei-me mais de uma hora até levar um cheque-mate no único jogo de xadrez que fizemos. A certa altura, disse-me:

- Vocês, europeus, não conhecem os alemães. Ninguém conhece verdadeiramente os alemães. Mas, na RDA, nós conhecíamos-los bem e por isso é que nos vigiávamos a nós próprios. Sabe que, em toda a Europa do Leste, os nossos eram os únicos serviços secretos verdadeiramente independentes dos russos? É por isso que agora eles falam, mas nós não, e não têm nada para contar sobre nós porque não sabiam nada que a gente não lhes quisesse dizer. É verdade que, em teoria, eles mandavam em nós e nós trabalhávamos para eles, assim como é verdade que a URSS explorava a Alemanha Democrática. Mas foi mais prudente assim: os alemães dão-se mal com a liberdade e a vossa democracia. E essa coisa da causa comum, do Pacto de Varsóvia e da Internacional Comunista, era tudo uma encenação e nunca o ignorámos, só fingíamos não o perceber. Mas sempre soubemos que um dia viria em que a nossa verdadeira questão seria com os alemães do outro lado. E oiça o que lhe digo: a questão está longe de estar resolvida. Portanto, Herr Tavares, essa pergunta de saber se eu ainda sou e se fui um comunista devoto e se acreditava firmemente no que nos diziam, não se põe: servi um país que já não existe, mas que, enquanto existiu, foi necessário que existisse. Nenhum de nós, alemães do leste, teve outra escolha.

Sobrevivemos e prestámos um grande serviço a toda a Alemanha, sobrevivendo. Não à causa do socialismo: à Alemanha.

E era tudo. Theodore Shultz não achava que houvesse qualquer coisa mais de interessante para me contar. Acrescentou apenas que, ao contrário do que eu pudesse pensar, ele não era um nostálgico do passado: o passado estava morto e enterrado e, infelizmente para ele, o futuro já seria tarde demais. Mas não havia nada a lamentar, nem para trás nem para a frente.

A queda do Muro - rematou com um sorriso, agora genuíno e humano - trouxera-lhe um benefício palpável: agora tinha um aparelho de televisão a cores e sessenta e quatro canais de satélite. Via o mundo inteiro sentado no sofá de sua casa. E a solidão não lhe pesava, aprendera a estar sozinho a vida toda. Tudo podia ter sido diferente e talvez melhor, mas foi assim que lhe aconteceu e, a bem dizer, estes têm sido até os anos mais tranquilos da sua vida. *«Es ist alles, Herr Tavares, nichts mehr...»*

Levei-lhe, não uma, mas duas garrafas de vinho - português. Ele quis saber coisas de Portugal, embora algumas já soubesse: conhecera Eanes, Soares, «o vosso Kerensky, mas vencedor», o Paulo Sousa, que jogou no Borussia Dortmund, e, claro, ouvira falar do Algarve, do F. C. Porto, que ganhou uma Taça dos Campeões ao Bayern, da Rosa Mota, do Carlos Lopes, do vinho e das praias portuguesas. Depois, quis saber coisas de mim: onde vivia, como vivia, como era a minha casa, quanto ganhava, quantos filhos tinha, quem pagava as despesas de saúde e que carro tinha. À saída, já à porta, perguntou-me ainda:

- Diga-me, Herr Tavares, alguma vez esteve na RDA?

- Estive uma vez, mas só um dia e só em Berlim-Oriental: aqui mesmo.

- Ah... um dia é, de facto, pouco para julgar. Mas aposto que me vai dizer que ficou mal impressionado?

- É verdade, fiquei mal impressionado. E sabe o que me impressionou? O silêncio: nunca tinha visto e nunca voltei a ver uma cidade com gente tão silenciosa. Desculpe que lhe diga, mas tinham tudo menos o ar de quem vivia feliz.

- Pois, pois, o silêncio... Suponho que, naquilo a que o senhor chama democracias, o ruído seja bem maior: falam todos, todo o tempo, mesmo os que só dizem asneiras. Não é verdade?

- É, é assim mesmo. Essa é mesmo uma das coisas que distingue uma democracia de uma ditadura. Quando só escuto o silêncio, já sei que estou numa ditadura.

- Muito interessante, meu amigo. E, já agora, diga-me outra coisa: qual é o título que vai pôr a este seu artigo - «O homem que gosta do silêncio»?

- Não. Estava a pensar chamar-lhe «O espião que ficou no frio».

- Ah, Ah, bem visto! Eu vi o filme, trouxe-o aí do vídeo-clubes do bairro. Com o Michael Caine, não era? Ele era resgatado de Berlim-Leste para o Ocidente, passando o Muro a fingir-se de morto num caixão. Era o «espião que saiu do frio», eu sou o que ficou. Sim, sim, é bem visto. Suponho que os seus leitores adorem esse título.

- E você, Herr Shultz, que título lhe daria?

- Eu? Ah, eu não percebo nada do assunto, Mas talvez «O jornalista que não viu nada». O que acha?

Do segundo andar ao rés-do-chão, contei vinte e oito degraus. E imaginei quantas vezes é que Theodore Schultz os teria subido, ao fim de mais um dia de trabalho, daquele trabalho de três décadas em que consumira a sua vida para, tal como lhe tinham ensinado na escola, libertar os trabalhadores do mundo inteiro e construir o Paraíso da sociedade sem classes nem ruído, à face do planeta. Cá fora, já era noite e apenas eu e um vento gelado vindo do Mar do Norte percorríamos a Avenida dos Plátanos. Através dos vidros das janelas saía para a rua uma luz azulada que revelava que todos os seus habitantes estavam então entregues à paz televisiva.

Não se ouviam risos de crianças nem gargalhadas de bêbados nas esquinas nem suspiros de namorados na sombra das árvores. Uma ordem silenciosa reinava sobre o que antes fora a RDA e agora me parecia uma espécie de «*no man's land*» da história. Se voltasse atrás nas minhas memórias, nada, aparentemente, me mostraria qualquer diferença entre este cenário e o que aqui tinha visto, quinze anos atrás. Como se jamais a liberdade aqui tivesse visto a luz do dia, como se jamais a luz do dia aqui tivesse passado. Só este frio, este cinzento, este silêncio. Talvez Shultz, afinal, tenha razão: a questão não era, não foi nunca, entre o comunismo e o Ocidente, mas entre os alemães e eles próprios. As suas brumas, as suas memórias, o seu fundo e infinito mal-estar.

Caminhei a pé dois quarteirões até finalmente me cruzar com um táxi, certamente perdido naquelas paragens, que me levou de volta ao outro lado da cidade, ao outro lado da vida onde Shultz jamais tinha estado. Pensando neste meu imenso privilégio, de chegar e poder partir sempre, e caminhar em busca da luz, dei-me conta da extrema inocência do que fora a vida deste triste espião. Como se tivesse vivido numa estação de comboios e toda a sua vida se tivesse limitado a vê-los partir, a anotar os horários e vigiar o embarque e o desembarque dos passageiros, sem jamais saber o que era viajar lá dentro. E lembrei-me do que estava escrito na condecoração que Hoennecker lhe depusera ao peito, nesse dia longínquo em que Theodore Schultz conquistara o seu quinhão na história: «O povo e o Partido agradecem».

Nada é mais perigoso do que o silêncio

«Deve ser horrível ser-se deixada por ti!» Albert nunca mais esqueceu quando é que Marta tinha dito esta frase. Estavam deitados na cama nus, era fim de tarde e tinham acabado de fazer amor. Um silêncio instalara-se entre eles e velava sobre os seus corpos transpirados, mas era tudo menos um silêncio de estranhos. Pelo contrário: era tão familiar, tão íntimo, tão intenso, que chegava a doer de puro prazer. Era mais íntimo do que a própria nudez, mais devassante do que tudo o resto que faziam na cama.

E, então, Marta dissera aquela frase, sem mais nem menos, assim de repente. Ele ficou calado, ela voltou a calar-se, nada mais disse e ficou outra vez o silêncio. Ele lembrava-se de ter chegado a pensar «posso dizer o mesmo», mas nada disse. Para quê? Sabia que Marta tinha razão, sabia que era por causa do que aquela frase encerrava que um dia Marta o deixaria - ela, antes dele.

Essa frase, essa terrível defesa, ele passeara-a depois, ao longo dos anos, ao longo das dezenas de outros corpos ou animais, ou o que se deva chamar a essa confusa fusão de um corpo que não obedece à cabeça, de sentimentos que afinal não passam de sensações e onde tudo é desesperadamente contraditório: porque não te amo, tenho este corpo para te oferecer; porque te amo, fujo e desapareço. E, porque desapareço, não te esqueço, porque essa é a minha forma de te amar - tudo o resto é ainda mais e mais sofrimento.

Com os anos, «eventually», como dizem os ingleses, Albert tornou-se um brilhante cirurgião nos hospitais. Ele, que verdadeiramente fora avesso à intimidade de qualquer outro corpo que não o de Marta, ocupava-se agora em dar vida a corpos silenciosos e inertes, de que não conhecia os pensamentos nem os segredos. E havia qualquer coisa de indefeso, de indigno, na rendição daqueles corpos entregues às suas mãos. Cortava com minúcia de cirurgião, mas em cada corpo de mulher sofria a ausência de Marta, porque os gestos lembravam-lhe o deslizar dos dedos pela sua pele.

Albert nunca recuperou da ausência física de Marta. Mas guardou os silêncios e reconstruiu-os. Em cada silêncio da sua vida, falava com ela - como o fazia dantes, deitado ao seu lado, falando em silêncio, numa nudez absoluta, sem segredos nem medos. Porque nada é mais íntimo e mais indestrutível do que o silêncio partilhado. Tudo o resto são apenas palavras, sons, frases, coisas que qualquer um pode dizer. Podemos desdizer hoje o que dissemos ontem, podemos gritar hoje, por ódio, o que ontem segredávamos por amor.

Mas o silêncio fica porque nunca mente, porque é tão íntimo que não pode ser representado, é tão envolvente que não pode ser rasgado.

Conheço bem Albert e Marta, conheço bem a sua história, visto que sou o melhor amigo e confidente de ambos.

Sei o quanto se amam no silêncio e à distância e não sei dizer como acabará a sua história. Ele destrói-se, ela defende-se. Cada um deles faz por desejar ou fingir desejar a salvação própria, mas, acima de tudo, teme a salvação do outro. O silêncio é o que lhes resta, o que os une, uma finíssima película de tempo suspenso, para além da qual não há nada mais do que a escuridão dos abismos. E, por isso, nenhum deles ousa qualquer palavra, qualquer gesto, qualquer coisa que possa romper esse ténue fio que os prende à eternidade. É uma história triste e sem fim feliz à vista. Conto-a, porque me parece que ela encerra uma lição útil: nunca devemos amar em silêncio, nada é mais perigoso do que dividir com outrem os pensamentos vividos em silêncio. Um amor feliz precisa do turbilhão das palavras, das frases aparentemente inúteis e sem sentido, precisa de adjectivos, de elogios, do ruído das banalidades. Não há felicidade que não seja tantas vezes fútil, tantas vezes inútil.

De noite

Em casa dos meus pais o jantar era uma cerimónia a que só se conquistava o direito de acesso depois de ter alguma idade e algum estatuto intelectual: aquele que nos permitia ficar calados o tempo todo, sem perder palavra das conversas dos grandes. Todas as noites, como dizia a minha avó - a quem aquelas intermináveis e acaloradas refeições entediavam - salvava-se a Pátria à roda da mesa. E havia quase sempre gente extraordinária que ajudava a salvar a Pátria e que, aos nossos olhos de crianças, eram autênticos personagens de romance. Havia escritores e poetas de várias línguas, actores de teatro sem companhia e cineastas sem subsídio, pintores, mais tarde célebres, que vendiam gouaches no fim do jantar, revolucionários perseguidos pela PIDE misturados com tias que se correspondiam com Salazar, jornalistas autênticos, daquelas revistas de que eu sonhava ser fotógrafo quando fosse grande - o Paris-Match, o L'Express, a Time, o Nouvel Observateur - e, entre todos, o meu favorito, um inglês esfuziante chamado Kit Botsford, do Observer, amigo do Dominguin, sobre quem tinha escrito um livro, fanático de touradas, futebol e vinho tinto que, um dia, em Londres, me levou ao estádio ver o West Ham-Chelsea, com um farnel de pão com chouriço e duas garrafas de tinto, berrando todo o tempo como um possesso.

Em casa dos meus tios, no Marão, onde vivi parte da minha infância, os jantares eram ainda mais longos e loucos. Ali, na solidão da serra, cada pessoa era um personagem e, quanto maior era o isolamento, mais dramáticas e absurdas eram as discussões sobre o estado do mundo, a natureza humana e as andanças divinas. Cinquenta anos depois da proclamação da República, discutia-se ainda a querela Monarquia-República como se fosse a coisa mais urgente. O meu tio, que era um monárquico furioso, quando recebia para jantar um vizinho republicano, igualmente feroz, instalava na mesa uma bandeirinha monárquica, ao que o outro respondia, na própria casa, com a bandeira do 5 de Outubro. Uma vez, juntaram-se em território neutro, no baptizado de um sobrinho comum: cada um levou a sua bandeirinha e espetou-a na respectiva cabeceira da mesa.

Eu, que conquistara aos seis anos de idade o privilégio de jantar à mesa dos grandes, não estava, porém, autorizado, em caso algum, a levantar-me antes do fim da refeição - coisa que acontecia sempre depois da meia-noite. Não me lembro de ter assistido ao fim de um único jantar: invariavelmente adormecia a meio e ali ficava, com a cabeça sobre o prato, sem ninguém se incomodar rigorosamente nada, até chegar a altura de me carregarem ao colo para a cama.

Também não me lembro de ter visto jamais as luzes de casa dos meus pais apagadas antes das três ou quatro da manhã. Quando não havia visitas, que se atrasavam sempre pela madrugada, a minha mãe ficava a escrever ou a recitar poesia em voz alta.

Fiquei sempre com a convicção funda de que a noite se fez para escrever, tal como aprendi então num poema da Mensagem, que ela me ensinou, sobre o Dom Diniz:

*«Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a baver,
E, ouve um silêncio murmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
de Império, ondulam sem se poder ver...»*

Ela própria escreveu alguns poemas sobre a noite, dois dos quais até com o mesmo título: Noite. Porém, o meu preferido é um poema chamado Luar, onde está explicado e resumido, se assim posso dizer, todo este familiar fascínio pela noite. E assim:

*«Toma-me ó noite em teus jardins suspensos
Em teus pátios de luar e de silêncio
Em teus adros de vento e de vazio
Noite
Bagdad debruçada no teu rio
País dos brilhos e do esquecimento
Com o teu rumor de cedros e teu lento
Círculo azul do tempo»*

Com uma infância assim, não admira que eu me tenha tornado também um ser nocturno incorrigível. Há pelo menos vinte anos que não me deito antes das três da manhã e que não adormeço sem ler um livro. Viver comigo não é fácil, até porque eu jamais fui capaz de responder à mais lógica das perguntas: «Mas o que é que tu ficas a fazer de noite?».

Realmente, não sei dizer ao certo. Suponho que o facto de ter aprendido a distinguir todos os ruídos da noite, de conhecer o som dos animais nocturnos, de me ter tornado viciado no silêncio da noite, de saber localizar as estrelas do céu, não seja resposta suficiente. Há qualquer coisa mais para além disso, qualquer coisa de indefinível e única. Há um mundo diurno e um mundo nocturno. Este é o reino da luz e das sombras, um mundo

de silêncio onde cada som tem um sentido, uma utilidade e por onde se sente deslizar esse «lento círculo azul do tempo». De noite morre-se mais devagar.

E ela dança

Às vezes, quando a casa estava adormecida à noite, ela dançava pela sala fora, tal qual como escreveu («bailarina fui mas nunca bailei»). Às vezes, convenciam-se que havia ladrões em casa e acordava-me do sono para espreitar debaixo da minha cama, e às vezes havia ladrões a sério, com cara de assassinos e crachá da PIDE, que chegavam pela alvorada do dia, mas verdadeiramente ela não tinha medo dos ladrões nem dos esbirros do «velho abutre»: só tinha medo de fantasmas.

Naquela casa, aprendemos cedo duas coisas sobre a poesia. A primeira, era que os poetas eram todos uns personagens extraordinários, que apareciam a horas imprevistas e diziam coisas surpreendentes. De todos, o mais fantástico era o Ruy Cinatti, que nos convenceu que era o nosso irmão mais velho, regressado de outra vida em Timor e que esteve à beira de conseguir transformar-nos em guerrilheiros contra a precária disciplina familiar.

Vinham e iam constantemente poetas tristes ou alegres, cerimoniais ou tumultuosos e até um, o Ruy Belo, que me levava à Luz ver o Benfica e jogava futebol comigo no jardim.

A segunda coisa sobre poesia que aprendemos é que a poesia é para ser dita e para ser escutada: é oral, não cabe nos livros. Eu não sabia nada de aritmética, nem de botânica ou de mineralogia mas, aos dez anos, já tinha aprendido, de ouvido, a recitar sonetos de Shakespear em inglês do século XVI, ou o «Erl Kōnig», do Goethe, em alemão. E quando ela trouxe para casa um disco com poemas do Lorca recitados em espanhol pela Germaine Montero, ouvi-o tantas, tantas vezes, que fiquei a saber de cor o imenso «Llanto por Ignacio Sanchez Mejia». À mesa, entre a sopa e o prato principal, dentro de um automóvel a caminho do sul ou na missa das 7 da tarde na Igreja da Graça, de repente ela começava a recitar poesia com a mesma naturalidade com que os outros falavam de coisas triviais ou respondiam em latim ao «orate, frates!» do padre. Às vezes, naquele terror que as crianças têm que os pais pareçam estranhos em público, apetecia enfiarmo-nos pelo chão abaixo quando, à mesa de um café no Chiado, ou numa loja, em plenas compras de Natal, ou caminhando connosco pela rua de mãos dadas (por vezes, distraída, perdia-nos), ela começava a recitar poesia em voz alta, como se o mundo inteiro à sua volta lhe fosse de repente absolutamente alheio. Um dia, no eléctrico a caminho de casa, ela fixou-se num letreiro, por cima de uma janela, que rezava assim: «se alguma janela o incomoda, peça ao

condutor que a feche». E então, no meio daquele silêncio envergonhado dos passageiros, que fingem não ver e não se ouvir uns aos outros, ecoou a voz dela, clara e silabada, recitando um poema: «se alguma janela o incomoda, peça ao condutor que a feche e que nunca mais a abra.»

A mim, todavia, ensinou-me o mais importante de tudo: ensinou-me a olhar. Ensinou-me a olhar para as coisas e para as pessoas, ensinou-me a olhar para o tempo, para a noite, para as manhãs. Ensinou-me a abrir os olhos no mar, debaixo de água, para perceber a consistência das rochas, das algas, da areia, de cada gota de água. Ensinou-me a olhar longamente, eternamente, cada pedra da Piazza Navone, em Roma, sentados num café, escutando o silêncio da passagem do tempo. Fez-me mergulhador e viajante, ensinou-me que só o olhar não mente e que todo o real é verdadeiro. Quem ler com atenção, verá que esta é a moral que atravessa toda a sua escrita.

A outra lição decisiva foi a da liberdade. Não só a liberdade física, não só a liberdade na luta pela justiça, «num sítio tão imperfeito como o mundo», mas ainda a liberdade na busca de um caminho próprio onde as coisas tenham uma ética e façam sentido e, acima de tudo, a liberdade da nossa própria solidão. Prémios, condecorações, homenagens, são-lhe de tal forma alheios que ninguém mais o entende. Dêem-lhe, sim, silêncio e tempo, manhãs como a «manhã da praça de Lagos» e noites com «jardins invadidos de luar». E ela dançará. Ao longo das sílabas dos poemas, como dançava na minha infância.

Verão 99

Há vários indícios seguros da chegada do Verão. Espero-os sempre, atento e ansioso, porque preciso do Verão, desesperadamente. O primeiro indício são as meloas do Algarve e o seu sabor único, irreproduzível. Depois, são algumas manhãs de Lisboa, com uma espuma marítima suspensa sobre a claridade do dia, e, à noite, os sons da cidade que passam de bairro em bairro, a vizinha que chama o filho, o cão que ladra, o táxi na esquina, uma música que vem de lugar oculto. Em Junho as mulheres começam-se a despir por partes e os pássaros vêm morrer de encontro ao pára-brisas do carro na estrada, porque eu vou mais depressa do que o seu voo pesado. No campo, instala-se um ruído de fundo que é o das cigarras gritando de calor, e, ao fim do dia, oiço as árvores estalar de alívio.

Na primeira noite de Verão, estendo uma rede nordestina no terraço e deito-me para dormir lá fora, deixando uma vela a arder dentro de uma lanterna marroquina, porque atraí os mosquitos para a luz e porque o terraço parece ficar um lugar encantado. E vou adormecendo aos poucos na rede, como um cão adormece, com um olho aberto e outro fechado, nesse prazer prolongado de habitar entre duas fronteiras, a do sono e a da vida.

No outro dia, tinha acabado de adormecer na rede, quando um ligeiro ruído do terraço, melhor dizendo, uma presença pressentida, me despertou, sem me sobressaltar: no campo, habituamo-nos aos ruídos nocturnos inesperados. E aos encontros inesperados: a dez metros de mim, estática e surpreendida, uma lebre contemplava-me como quem contempla um intruso em casa própria. «Olá, lebre, boa noite!», disse-lhe eu, ensaiando uma intimidade que lhe deve ter parecido abusiva. Ela olhou para mim sem se mexer, depois olhou para a luz da vela, deve ter concluído que o terraço estava ocupado, deu meia-volta e partiu aos saltos, não pé ante pé: não seria lebre não seria nada, se não tem partido à desfilada. Voltei a adormecer e voltei a acordar daí a pouco, desta vez despertado por um longínquo zumbido no céu: um avião, de luzes a piscar, circulava no meio das estrelas, entre Cassiopeia e Orion. Imaginei os passageiros enrolados em mantas, suspensos do mundo a dez mil metros de altitude, fechados naquele prodígio de aço e no seu destino nocturno. Tudo me pareceram indícios de que o mundo estava em paz, sinal seguro da chegada do Verão. Voltei a adormecer até de manhã, até que o sol me bateu na cara e uma gota de suor me escorreu pelos olhos abaixo.

Espremi um sumo de limão para um copo cheio de gelo, espreguicei-me até sentir que os membros voltavam todos à posição normal e caminhei até ao ribeiro que, nesta

altura do ano, tinha só dois palmos de água, mas transparente, no seu leito de pedras, areia e plantas aquáticas. Descalço, mas vestido tal como tinha adormecido e acordado, deixei-me cair lá dentro, com a cara contra as pedras e os olhos bem abertos, como se assim me pudesse transformar em peixe. Virei-me ainda de costas e fiquei a sentir a água a correr entre os cabelos, recebendo na cara o primeiro sol da manhã como a faca que passa a manteiga pelo pão.

Por mais que tente explicar-te tantas e tantas e tantas vezes, nunca te direi vezes que cheguem como é bom estar vivo.

A passagem

O tic-tac do coração calara-se de repente. A agulha que desenhava uma linha quebrada no papel do electrocardiograma suspendera-se, quieta. Um borrão no papel assinalava o instante exacto em que o coração parara de bater. Do fundo do coma onde estava mergulhado há dias, ele ouviu distintamente o silêncio das máquinas e depois a campainha de alarme que soou na mesa das enfermeiras da sala de reanimação. Viu-as correr até à sua cama, a 6-A, viu-as ligar para a sala dos médicos pelo intercomunicador, viu-as preparar a máquina de reanimação. Viu toda a agitação e alvoroço dos seus gestos, em contraste com a absoluta calma que ele experimentava. Sentiu ternura por elas, por se preocuparem assim consigo. Apeteceu-lhe dizer-lhes que morrer não era afinal tão difícil.

Estava morto há uns cinco minutos quando chegou a médica. Mesmo de olhos fechados, ele via tudo, mesmo morto, ouvia as vozes e sentia tudo. Viu que a médica era nova, tinha uns olhos azuis, meigos e lindos, olheiras fundas, um pescoço comprido e magro. Ela pousou-lhe as mãos no peito e pressionou-o levemente. Estava a falar com ele em pensamento e ele conseguia ler-lhe o pensamento:

«Vou tentar trazer-te de volta à vida. Mas não sei se consigo e nem sei se é isso que queres. Neste instante, tu estás morto e sabes infinitamente mais do que nós. Só tu sabes, mas não me podes dizer, se queres continuar a viver ou se queres ficar em paz. Vou tentar que vivas, perdoa-me se isto força a tua vontade.»

Encostou-lhe os eléctrodos ao peito, e deu-lhe uma descarga contínua e profunda. Pareceu-lhe que o peito tinha rebentado, a dor foi atroz e ele gritou por dentro, sem mover a boca. Depois, no silêncio que se tinha feito na sala, recomeçou a ouvir outra vez o mesmo tic-tac monótono de um coração a bater e era o seu. Ela tinha-lhe interrompido a morte, tinha-o chamado de volta, como só os deuses podem. Havia um destino traçado e ela trocara-lhe as voltas.

Saiu do hospital dez dias depois e lentamente retomou a sua vida. Era uma sensação estranha estar de regresso ao mundo dos outros e que agora voltava a ser também o seu, caminhar no meio dos outros, ouvi-los falar, rirem-se ou queixarem-se da vida, e de novo ele sentia, como na sala de reanimação a sensação de ser um semi-ausente, vendo os outros de fora, como um espectador. Ao cabo de um mês desta difícil adaptação, decidiu-se por mandar um ramo de flores à médica dos olhos azuis, com um cartão onde escreveu:

«Trazer-me de volta à vida foi um trabalho bonito, mas incompleto. Não quererá você completá-lo?»

A resposta demorou outro mês a chegar e chegou ao fim de um dia em que ela se encontrou a si própria exausta e perdida, depois de doze horas de hospital e de ter desligado as máquinas a dois doentes que lhe morreram nas mãos. Eram onze da noite, ela despiu a bata, caminhou pelo longo corredor do hospital até à saída, imaginou a casa vazia à sua espera, o jantar frio para ser aquecido, o silêncio à sua volta e uma almofada para pousar a cabeça. Pensou que as coisas deveriam fazer mais sentido do que isso e foi então que lhe telefonou, porque, quem sabe, talvez ele tivesse uma resposta para ela ou ela uma resposta para ele. Foi um processo longo e difícil, como sempre o são as aproximações entre duas pessoas habituadas a estarem sozinhas. Primeiro parece fácil, é o coração que arrasta a cabeça, a vontade de ser feliz que cala as dúvidas e os medos. Mas depois é a cabeça que trava o coração, as pequenas coisas que parecem derrotar as grandes, um sufoco inexplicável que parece instalar-se onde dantes estava a intimidade. É preciso saber passar tudo isso e conseguir chegar mais além, onde a cumplicidade - de tudo, o mais difícil de atingir - os torna verdadeiramente amantes.

Mas eles conseguiram-no, por vezes pisando os destroços do que parecia definitivamente perdido, mas seguindo em frente, quase com o desespero dos náufragos. Estão juntos há oito anos, para a vida, dizem eles, e eu acredito. Há oito anos que ela descansa o seu cansaço no ombro dele, que ele alisa o seu pescoço comprido, lhe apaga as olheiras e adormece com uns olhos azuis e ternos vigiando o seu sono.

O velho de Alcântara-Mar

Eu estava a almoçar sozinho num restaurante, como tanto gosto de fazer, a meio do dia de trabalho. Detesto «almoços de trabalho», almoços de circunstância ou almoços de coisa alguma. Detesto almoçar os outros, resumindo. Prefiro almoçar a comida, acompanhada de uma revista ou de um jornal.

O restaurante era pouco mais que uma tasquinha de Alcântara, que tem a vantagem de ter uma comida caseira e sem pretensões e de não ser frequentado pela classe emergente dos almoços, com os telemóveis em cima da mesa, ao alcance de uma urgência, porque gente importante e ocupada é assim. Este restaurante, pelo contrário, é frequentado por uns clientes discretos, habituais e silenciosos, que vêm comer polvo cozido com todos e parecem cobertos por uma fina poeira de tristeza que os torna, de certa forma, íntimos, íntimos, apesar do nosso mútuo silêncio, cúmplices na solidão das mesas, como marinheiros naufragados, cada um em sua ilha.

Gosto destes personagens lisboetas da hora de almoço, que comem sozinhos resmungando entre dentes, que compram lotaria, lêem os anúncios do Correio da Manhã e tratam as empregadas de mesa por «Menina isto» e «Menina aquilo». Imagino em cada um deles um Fernando Pessoa, órfão de obra e deserdado de sentimentos. São solitários e tristes, porém não são trôpegos, mas dignos, de costas direitas e cara fechada olhando em frente, quando se levantam da mesa discretamente em direcção à porta, como se deslizassem em direcção à vida.

Um dia entrou um homem destes, que eu já tinha visto anteriormente. Era um cliente de bairro, um «vizinho» do restaurante - ocasionalmente almoça, mas, regra geral, limita-se a chegar sobre o tarde, senta-se numa mesa em frente à porta com um jornal dobrado à frente, encomenda uma bica e fica a olhar para a rua, atento ao passar do tempo. Vê-se que é reformado porque não tem horário fixo nem pressa alguma. Não será viúvo, mas apenas gasto, viverá num 3º esquerdo, indiferente às lamúrias da «patroa», sentado num sofá de costas para a janela para receber a luz para as palavras cruzadas do jornal.

Mas nesse dia o homem entrou no restaurante com um sorriso luminoso na cara. Parecia ter rejuvenescido dez anos, as costas estavam mais direitas, a roupa mais alisada, o cabelo penteado deveria cheirar a água de colónia Ach. Brito. Só percebi a razão da transformação quando o vi virar-se para trás na porta da entrada e estender a mão a um miúdo que o seguia: era o neto. Passeou o miúdo pelo restaurante como se apresentasse

uma namorada rainha de beleza. De mão dada com ele, foi até ao balcão e sentou-o lá em cima para que todos os empregados o vissem, sorriu à volta e fez um gesto largo para o miúdo, indicando o mostruário onde repousavam a pescada para cozer ou fritar, o leitão frio ou quente da Mealhada e as costeletas de vitela para grelhar, e disse: «Então, escolhe lá o que queres almoçar».

Pedi mesa com toalha de pano, encostada à parede, de onde todos o pudessem ver e ele pudesse ver todos. Levou o neto ao colo até à mesa, sentou-o na cadeira, atou-lhe o guardanapo de pano ao pescoço e então o miúdo agarrou-lhe a cara de repente, puxou-o para si e deu-lhe um beijo. O velho sentou-se à frente dele e olhou em frente. Encontrou o meu olhar, que devorava a cena. Por um brevíssimo instante pareceu-me que ele tinha ficado suspenso da minha reacção: queria ser visto, mas tinha medo. Inclinei a cabeça e cumprimentei-o em silêncio - foi a primeira vez que o cumprimentei: o seu olhar era líquido de ternura e firme de orgulho. Quando for velho, quero ser exactamente assim.

Vou levar o meu filho às Antas

O meu filho mais novo fez agora seis anos: está a entrar na idade em que deve começar a ser introduzido a alguns dos horríveis rituais machistas lusitanos. O futebol, por exemplo.

Um dia destes, pego nele pela calada e aí vamos nós para Santa Apolónia, apanhar o Inter-Cidades para o Porto, a caminho do Santuário das Antas, do ronco do Dragão e do perfume do Jardim - nome que ele, aliás, já conhece de cor.

Visto que agora já começou a aprender a ler, o primeiro gesto há-de ser o de comprarmos leitura de viagem para os dois. Jornais, para mim, BD's para ele (embora eu também seja um grande leitor de BD, algumas das quais o deixam extasiado quando, por inadvertência, me esqueço delas ao alcance dele, como a BD erótica do Milo Manara). Comprada a leitura, iremos instalar-nos num compartimento e partilhar aquela excitação mágica dos minutos antes da partida do comboio.

Aliás, tenho 300 kms pela frente para lhe ensinar toda a magia do comboio. Começarei por lhe tentar explicar como é deslumbrante e leve a estrutura da Gare do Oriente, na EXPO, obra de Santiago Calatrava. Depois, identificar-lhe-ei os rios, ao longo do caminho: o Tejo, o Mondego, o Vouga e o Douro. Depois, as estações e os apeadeiros, as casas do chefe-de-estação, com o seu inevitável quintal de couves portuguesas. A meio caminho começará a chover, surgirão velhos edifícios esventrados de fábricas abandonadas, ruas tristes de paralelepípedos correrão ao lado da linha, alguns carros esperarão na passagem de nível enquanto uma senhora levantará melancolicamente uma bandeira à nossa passagem, o comboio parará em Fátima, Coimbra B, Aveiro e Espinho. Ele querera saber o nome e o destino de cada terra e na sua cabeça de criança ficará guardada a mesma imagem que eu guardo de infância: um comboio que atravessa rápido, como se estivesse em fuga, um mundo estático, feito de personagens de presépio que parecem plantados nos campos, nas ruas, nas estações, com a única finalidade de nos olharem enquanto passamos.

Almoçaremos no vagão-restaurante, com os copos a tilintar e os talheres hesitantes sobre o molho béchamel da pescada à portuguesa e eu lembrar-me-ei de quando tinha também seis anos e sentado também à mesa do restaurante do «Foguete» seguia o fumo do cigarro da minha avó, enquanto ela olhava distraída pela janela, um olhar que parecia pintar a paisagem de azul.

No tempo da minha avó, a velha travessia da periclitante ponte de D. Luís, à chegada ao Porto, era sempre antecedida de um acto de contrição, rezado em voz alta no silêncio da carruagem - e eu aterrorizado, de mão dada com ela, olhando as águas escuras do rio, lá em baixo, que esperavam para me engolir.

Disso, está agora poupado o meu filho. Infelizmente, já não chegaremos também a São Bento, depois de mergulharmos naquele túnel escuro, cheio de fuligem e ruídos metálicos de travões sobre os carris, mas que dava um ar final de mistério e aventura à viagem. Sairemos antes em Campanhã e apanharemos um táxi para eu lhe mostrar a minha terra: a Boavista, a Foz, o Campo Alegre, a Ribeira. A meio do passeio lancharemos na «Arcádia», e deixaremos as malas no pequeno Hotel da Boavista, na Foz, onde na minha infância se passava as tardes a jogar poker. Às 8 partiremos para as Antas, o último quilómetro feito a pé, por entre um delírio de azul-e-branco que é um verdadeiro deboche para os olhos de um portista exilado em Lisboa. Jantaremos, numa barraquinha, uma sandes de «entremeada» e uma cola para ele, uma sandes de «coirato» e um copo de vinho verde, para mim. Um pacote de queijadas para o jogo, cachecóis e bandeiras e aí vamos nós, o coração descompassado ao ritmo do ruído surdo dos passos da multidão no cimento do Estádio. Das entranhas escuras desse monstro de betão emergiremos para a luz ofuscante dos holofotes junto aos quais a chuva forma fios de prata brilhando na noite. Lá em baixo, o relvado, lindo, perfeito, parece esperar para ser pisado só por deuses, não por simples mortais. De repente, ele estremecerá, a sua mão apertará a minha, excitado e assustado, os olhos fixos na «boca do túnel» pela qual saem correndo, um a um, os onze deuses de azul e branco, saudados por um grito de cinquenta mil gargantas: «Po-oo-orto! Po-oo-orto!» Então aí, o meu filho perguntar-me-á, como costuma fazer: «é o petra-campeão, pai, não é?» Este é o instante mágico, o instante iniciático, que sela para sempre o amor irracional entre um homem e um clube de futebol, um amor para a vida, que ninguém, jamais, poderá alterar.

Esta iniciação é tarefa de homem, dever indeclinável de pai, que mulher alguma entende. Nem sequer adianta depois tentar explicar: «Como é que é o futebol, mãe? Olha, um cheiro a bifanas, uma multidão aos gritos, uma relva a brilhar, azul e branco por todos os lados e nós, encharcados e roucos, patinando na lama à procura do carro.» Enfim, uma paixão inexplicável.

Do lado do silêncio

Gosto de espreitar o teu sono de criança, à noite, quando dormes alheio a tudo, e eu fico a ouvir a tua respiração e a alisar os teus cabelos. Às vezes, chego a pensar que é um desperdício ir dormir, em lugar de ficar a ver-te dormir, porque o tempo voa e em breve já não serás criança. Nestas noites, como diz a lei, tenho-te à minha «guarda», o que é um prazer insubstituível e a que alguns chamam direitos e outros chamam deveres.

Gosto de acordar de manhã, quando, ainda antes do despertador tocar, oiço o som do Canal Panda na sala, e fico a saber que tu já acordaste e que segues à risca o ritual estabelecido, e que a seguir irás fazer o teu pequeno-almoço e vestires-te para a escola. Mas, apesar disso, gosto de te recomendar que faças tudo isso e não te esqueças de lavar os dentes, sabendo que não te esqueces mas também gostas de ouvir-me dizer-to, porque essa é uma forma de saberes que te «guardo».

Sáimos de casa deixando para trás o desalinho do teu quarto, a desarrumação vivida das tuas coisas, esses sinais indesmentíveis da tua presença, sem os quais a casa não faz sentido e o silêncio pesa como dor escondida. És sempre tu quem carrega no botão do elevador, quem acende as luzes da garagem, numa atenção emergente para a rotina das coisas, que é a forma como vais entrando na manhã. E segues num silêncio atento no banco de trás do carro, que interrompes às vezes com alguma pergunta que te ocorre de repente. Vais chegado para a frente, uma mão pousada nas costas do meu banco, como se quisesses prolongar os últimos instantes de proximidade física. Infelizmente, é tão curto o trajecto, que chego a desejar uma camioneta a descarregar na rua que nos atrase uns minutos antes que a manhã nos separe. E embora eu saiba que não há carros à vista quando tu atravessas a rua para a porta da escola, vou contigo de mão dada, para que sintas ou para que eu finja para comigo mesmo que continuo a guardar-te até que a porta nos separe e outros fiquem contigo.

Porque há sempre uma porta que se fecha e que nos separa, ao contrário da casa, onde a porta do teu quarto e a do meu estão sempre abertas. Há sempre esta porta que se fecha sobre ti, outros que te falam e te escutam, enquanto eu caminho na tua ausência e na lembrança da tua voz, outros que sabem de ti o que eu ignoro, outros que por vezes se cansam de ti enquanto eu só te espero, outros que te vêem e te tocam enquanto eu olho as tuas fotografias espalhadas pela minha vida. Tão perto e tão longe de ti. Tão fundo e tão

ausente. Tantas esperanças, tantos projectos, tantos planos. Tantos enganar. Tantos anos, tantos danos.

Fecho os olhos e sonho. Tu caminhas comigo, de mão dada, num campo onde não há mais ninguém, e procuramos musgo e pinhas.

Há uma gruta num pequeno bosque de que eu finjo não conseguir nunca encontrar a entrada sem ti. É o nosso segredo e lá estamos protegidos do mundo e dos seus males e perigos. Entro por aí contigo. Adormeço e para sempre viverei contigo nesta gruta. E és tu então que me proteges.

(A todos os pais que não se demitiram de o ser e que gostariam de acordar todas as manhãs com os seus filhos e vê-los adormecer todas as noites e não podem. A todos os machos-homem, vagueando por casas vazias sem ninguém a quem guardar, sem ninguém a quem proteger, sem função útil, nestes tempos em que não há tempo a perder. E escrito em mais um Dia Internacional da Mulher, com o seu coro de lamentações e homenagens à mulher e «à sua tripla função de mãe-trabalhadora-dona-de-casa»,face à cada vez mais evidente inutilidade social dos homens).

A passagem do Hale-Bopp

Muitas vezes me acontece isto: sentar-me no terraço, com vista para o Alentejo, e pensar se Deus existe. O terraço dá para um vale, lá em baixo há um pomar, um campo de oliveiras, um poço, uma horta e um pequeno ribeiro com uma fila de marmeleiros que assinala o fim do terreno plano. Depois, eleva-se uma colina povoada de sobreiros e pinheiros bravos e é atrás dela que o Sol se põe. Há três momentos mágicos, ao longo do dia, no vale. De manhã cedo, quando o mundo desperta e vamos reconhecendo, um a um, os sons do novo dia a instalarem-se. Ao fim da tarde, quando o vale é atravessado longitudinalmente por bandos de pássaros apressados, nos seus últimos voos antes da noite: pombos bravos, patos, falcões, cegonhas, pardais de toda a espécie e às vezes uma perdiz voando rasteiro. No fundo do vale, mora um pica-pau, que não se deixa ver, mas que se faz ouvir com o seu matraquear na madeira. Na Primavera, há um cuco que chama por nós regularmente como se nos quisesse anunciar que está vivo e de volta, depois de mais um ano. À noite, finalmente, o vale é da coruja e só ela, os grilos, no Verão, e as rãs, quando há água, quebram o silêncio das estrelas.

A noite é o terceiro momento do vale. Em noites de luar, na Primavera e no Verão, as sombras roçam-se em nós, com o seu tecido fino de luz, e as estrelas são tão baixas e tão visíveis que, se falarmos com elas, ouvimo-las à escuta.

Em Março e Abril, uma hora após o pôr-do-sol e a nordeste, víamos todas as noites o cometa Hale-Bopp, que ali esteve pela última vez antes dos antigos egípcios e que só voltará de novo daqui a seis mil anos.

Passei noites fascinado a olhar para o Hale-Bopp e a pensar se seria ele Deus, Osíris, o Grande Construtor do Universo? Nunca me tinha acontecido ter um cometa a olhar para o terraço da minha casa, vigiando os meus gestos, lendo os meus pensamentos. Em algumas noites, com a lua cheia no tecto da casa, Marte nascendo amarelo ao mesmo tempo que a Lua e o Hale-Bopp no horizonte, tudo ficava suspenso, em silêncio: eu, a coruja, os grilos, as rãs. Nenhum barulho de lagarto passando rápido no chão, nenhum voo de insecto vindo acabar contra a luz da vela acesa dentro da lanterna de vidro. O vento parado, as sombras nos ramos das árvores, reflectidas no chão pelo luar, quietas e mudas. Homens, animais e plantas, todos em silêncio olhando o cometa.

O Hale-Bopp é o mais próximo que eu já estive de Deus. Lá, onde ele aparecia, é o limite que conhecemos do Universo. Para lá desse limite, é o buraco negro, onde mesmo a

imaginação do homem não consegue adivinhar coisa alguma. De seis em seis mil anos o Hale-Bopp regressa da sua longa e misteriosa viagem e fica a contemplar-nos lá do alto. Vê milhões de estrelas, de planetas, de satélites, de acidentes cósmicos, de acontecimentos futuros que ainda não sabemos. A terra não é nada no seu horizonte. O Alentejo não é sequer um grão de areia. Duas mil gerações de homens antes de mim, sentados em centenas de gerações de terraços que já não existem, olharam o céu com os mesmos olhos e as mesmas interrogações com que eu olho e nenhuma dúvida essencial se esclareceu, entretanto.

Sim, sabemos agora o que é um cometa. Conhecemos alguns pelo nome que lhe pusemos e até conseguimos prever a frequência da sua passagem. Mas não sabemos nada de fundamental. Não sabemos se é divino ou se é um acaso, se estamos vivos ou só a sonhar acordados, se morremos para sempre ou se apenas regressamos ao rastro de luz que se arrasta na cauda dos cometas.

Mas não tenho nenhuma dúvida que este cometa comanda a minha vida. Se ele pousasse aqui, à frente do terraço, como nos «Encontros Imediatos de 3º Grau», sem sequer me despedir de tudo o que amo, embarcaria com ele nessa viagem de seis mil anos, por cima do mundo dos homens, junto à condição divina.

De seis em seis mil anos, eu preciso que o cometa volte e fique parado lá em cima a olhar-me. Preciso que me reduza a esta condição inicial, de homem com coração de criança que fica uma noite a olhar para o céu, como se entendesse. De seis em seis mil anos, preciso que o seu brilho me lembre que sou apenas um ínfimo grão de areia na imensa poeira do Universo.

O marinheiro de água doce

O nome dele é José Afonso Muxaxo e actualmente explora um restaurante sobre a falésia, na praia do Camilo, em Lagos. Antes disso foi emigrante na Alemanha, trabalhando em fábricas ou cuidando de jardins. Antes ainda foi um dos pioneiros dos barcos que levam os turistas de Lagos a visitar as grutas da Ponta da Piedade. E, antes ainda e sobretudo, foi pescador: pescador nas traineiras em Lagos, pescava de noite no mesmo barquinho onde passeava os turistas durante o dia, e pescador de bacalhau na Terra Nova, onde fez quatro campanhas à vela.

Quando eu tinha onze anos e os meus pais tinham acabado de descobrir o Algarve, estava um dia sentado na areia da praia Dona Ana - onde então não havia mais de trinta pessoas, sempre as mesmas, debaixo dos seus toldos reservados de ano para ano - quando vejo desembarcar um barco verde à vela, chamado «Senhora do Mar». A bordo vinha o Zé Afonso, que nos perguntou se não queríamos dar um passeio às grutas: foi o princípio de uma iniciação mágica e de uma longa amizade.

O Zé Afonso ensinou-me a trepar às rochas e mergulhar lá de cima, dando um golpe de rins ao entrar na água, para não ir ao fundo como um prego: guardo uma cicatriz no peito que é o resultado de um golpe de rins falhado, na aprendizagem. Ensinou-me a pescar com «isco», com «engodo», «à amostra» e ao «corrido». Veio-me buscar inúmeros fins de tarde e juntos, a sós com o «farnel» e uma garrafa de medronho para combater o frio, passámos noites mágicas a pescar lula «ao candeio» ao largo da baía de Lagos: uma noite que se levantou um temporal, estivemos à beira de naufragar juntos, passámos longas horas encharcados na escuridão, a tirar água do barco com baldes e ele enrolou-me na vela para eu não morrer de frio e até de manhã a minha mãe esperou com uma vela acesa à Senhora do Mar pelo nosso regresso. O Zé Afonso ensinou-me também a amanhar o peixe, a cozinhar caldeirada e a comer sardinhas assadas como um verdadeiro pescador: num dia de particular boa disposição, ele chegou a comer duzentas de seguida e, mais tarde, da Alemanha, escreveu-me uma carta pungente onde se queixava de só comer sardinhas de lata. E, enfim, ensinou-me um segredo que foi das maiores descobertas da minha vida: ensinou-me a ver o fundo do mar - de olhos abertos, porque máscaras não tínhamos. Foi um deslumbramento tão grande, um vício tão forte, que hoje, entre a Dona Ana e a Ponta da Piedade, não deve haver buraco ou rocha submersa que não conheça de cor. Mas nunca consegui, como ele, ir buscar ouriços a quinze metros ou apanhar robalos à mão ou

linguados com os dentes, como eu o vi fazer com estes olhos que, todavia, tanta coisa viram debaixo do mar.

Um dia, o Zé Afonso emigrou para a Alemanha e eu emigrei para a vida. Fui padrinho da sua filha mais velha, o que nos fez compadres, além de tudo o mais.

Ele voltou, abriu o restaurante e retirou-se dos passeios às grutas e das noites ao candeio. Eu deixei de ter Verões na praia e passei a ter «férias» - com filhos, trabalho e filas para o supermercado. Lagos cresceu e desapareceu a cidade da minha juventude. Foram tantas as coisas que morreram para sempre que nem adianta nomeá-las. Nas noites de Inverno, quando não há turistas no restaurante, o Zé Afonso ocupa-se a fazer minuciosas réplicas em miniatura dos barcos em que navegou ou dos que viu em revistas. Duas vezes em cada quinze dias de férias vou jantar com ele à praia do Camilo e, só por nostalgia, há uma manhã em que vou à praia Dona Ana. Abro caminho a custo entre a multidão de corpos a bronzear, vou até ao canto da praia onde há muitos anos nos conhecemos e sorrio de saudade quando oiço os barqueiros a chamar os turistas: «*Grotten besuche? Visitez les grottes?*» Às vezes, só para ver se continua tudo no sítio ou para me libertar daquela confusão, enfio a máscara e as barbatanas (o resto do equipamento dorme em pó de talco há anos sem fim) e vou «dar uma volta». Nem sinal de ouriços ou estrelas do mar, santolas ou polvos: há garrafas de plástico, latas de coca-cola e às vezes a visão inesperada de uma turista em topless nadando à superfície e vista de baixo para cima.

No Verão passado, porém, houve uma súbita oportunidade de regresso. O Zé Afonso conseguiu concretizar um sonho de toda a vida: comprou um verdadeiro barco de pesca, com cabine, radar, sonar, rádio e até telemóvel. E uma manhã embarcámos na Marina de Lagos e lá fomos os dois, em busca de tantos anos de ausência. Onde ele achou que o peixe «ia dar», parámos o barco e largámos as linhas, sob uma vaga forte. E, como sempre, ele não se tinha enganado: caímos em cima de um bando de «chicharros» e em breve estávamos a pescar em grande.

Eu pescava um em cada quatro que ele tirava, e ele chegava a tirar dois ao mesmo tempo, em dois anzóis.

Foi então que, ali ao largo, ao lado do meu compadre de juventude, reaprendendo os gestos há tanto tempo abandonados e olhando a lindíssima cidade de Lagos onde fui tão feliz que até me dói lembrar, eu senti que o mundo andava à roda dentro da minha cabeça. Tentei desconcentrar-me, mas era impossível. Um tremor percorreu-me o corpo todo, as pernas desfaleceram, senti que a cara ficava verde, uma náusea espessa e miserável subiu por mim acima, abri a boca desesperadamente à procura de ar, mas já não consegui respirar: debrucei a cabeça fora de bordo e vomitei tripas e coração.

Voltámos para terra, calados: nunca, em tantos dias e noites de mar, eu havia vomitado. Nunca o Zé Afonso me vira «mareado». Era mais do que a minha reputação que fora borda fora: eram as nossas sagradas memórias de «companheiros do mar». E certas coisas são irremediáveis, não têm regresso possível. A partir de agora, o mais que possa vir a ser é um marinheiro de Marina, um mergulhador de Oceanário e um pescador de rio. Olha só o que me havia de acontecer, ó Zé Afonso!

Always on my mind

Dei-lhe boleia ao km 43 da Estrada de Estremoz para Portalegre, à passagem de uma aldeia onde ele estava postado, muito bem arreado no seu fato domingueiro, um simples saco pousado aos pés e um gesto de quem pede boleia sem verdadeiramente insistir no assunto.

Entrou e sentou-se, apertou o cinto sem me estender a mão para apertar, de uma dignidade quase arrogante. Também não me importei muito com a sua atitude: continuei a ouvir a música que estava a ouvir, voltei à minha velocidade de cruzeiro, bem acima da tolerância zero, e concentrei-me no prazer da estrada e da paisagem à minha frente. Mas, ao km 48 e sem aviso, o homem pareceu ter decidido que eu tinha passado no teste da sua observação muda e, de repente, começou a falar. Ao princípio, não percebi nada do que ele dizia: faltavam-lhe dentes à frente e tinha uma pronúncia de cigano alentejano.

Tive de baixar o som e diminuir a velocidade para tentar decifrar aquele discurso, em tom de resmungo monocórdico.

Estava a falar de Lisboa: que tinha lá vivido, catorze anos, uma cidade boa e tinha lá um negócio, no Cacem, que corria muito bem - vendia muito, vendia tudo. Trabalhava todos os dias, de sol a sol, no negócio das mobílias. Mas não ficava parado na loja, à espera dos clientes. Ia ter com eles, nem que fosse de noite, tá a ver. Se alguém se casava ou mudava de casa, lá ia eu propor-lhes a minha mobília. O sacana do alentejano vende que se desunha, diziam os outros, os invejosos. Eles prá ali sentados, a ver o pessoal, e eu sempre de um lado para o outro. Eram outros tempos, o senhor está a ver, fui juntando ouro, que o dia de amanhã pertence a outros. Todos os meses acrescentava o cordão de ouro que a minha mulher trazia ao peito - chegou a ter um quilo cento e cinquenta gramas de ouro fino. E pulseiras, medalhões, pratas também. E, depois, aquela puta fugiu de casa, com as duas crianças e o ouro todo. Foi com outro, mais novo que ela, deixou-me corno e sem um tostão do que tinha juntado todos aqueles anos. Mas também lixou-se: assim que se apanhou com o ouro, o tipo foi à vida, ou ela julgava que era amor? E eu cá, olhe, tive de passar o negócio e voltar aqui prá terra. Mas aqui é tudo gente estúpida, tenho saudades de Lisboa. Um dos meus filhos está no Luxemburgo, já não o vejo desde os dezoito anos. A rapariga passou aqui, há uns três anos, foi a única vez que vi as minhas netas, o que é que se há-de fazer. Mulher, nem pensar, nunca mais, mas olhe, ando sempre asseado, como vê. Agora, vou visitar um amigo, ali a Portalegre. E é assim a vida, meu patrão.

E, lá do fundo da alma do meu carro, em 104.3, o Elvis cantava: *«maybe I never told you was often as I should you are always on my mind...»* E foi então que me ocorreu essa estúpida pergunta:

- Mas diga-me lá, ó homem, você consegue viver sem mulher?

Quem, eu? Então o senhor não está a ver? Na primeira, qualquer cai; na segunda, só cai quem quer. Tenho lá a minha casa, as minhas coisas, a minha reforma, cozinho para mim, ando lá com os amigos se estou para aí virado, quando não, fico em casa, a ler. Leio muitos jornais, sabe? Bem vejo o que vai aí pelo mundo... Então, e quando já não puder? Olhe, vou lá pró lar dos velhotes da terra ou assim uma coisa dessas, o que não há-de faltar é um buraco onde um homem acabar. Se até os animais o têm...

Portalegre, Praça do Jogo da Bola. Obrigado pela boleia e dê lá cumprimentos meus a Lisboa, bela terra, o Cacem! Vá com Deus, homem.

Bateu com a porta do carro, com força, como se estivesse zangado por o carro lhe ter arrancado os seus segredos. E ficou ali, tal como o encontrara à saída da aldeia, especado no passeio, no seu fato preto e chapéu preto, o saco pousado no chão, as mãos nos bolsos em tom de desafio. Pelo retrovisor vi que ele não se mexeu até eu dobrar a esquina: deveria querer certificar-se de que os seus segredos partiam com o carro, na fugaz memória de um desconhecido, e se desvaneciam no horizonte. Todos temos momentos de fraqueza, é preciso é que eles não deixem marcas. Sobretudo, que não deixem testemunhas.

«And I guess never told you

little things that should have occurred me

you are always on my mind

you are always on my mind...»

Desencontros

«Chegamos sempre tarde demais para os homens, cedo demais para os deuses.»

Heidegger

Fina Flor do Oriente: cheirava a pimenta branca, a canela, madeira de sândalo. Havia uma loja de um chinês com trinta variedades diferentes de especiarias, dispostas em pequenas pirâmides coloridas, numa janela aberta sobre a rua que fazia as vezes de montra. Cheirava a mil cheiros do Oriente e eu caminhava ausente, como se caminha no interior do sono, vozes chamavam por mim numa língua estranha e os seus olhos não sei se sorriam, se ameaçavam.

Saí das ruas estreitas do bairro chinês, do seu jogo de sombras e luzes e da sua frescura. Nas avenidas largas circulava um trânsito intenso e possesso, buzinas, gritos, insultos, um cheiro a gasolina queimada, um céu pesado, espesso e húmido, que me escorria em gotas ininterruptas pelo cabelo, pela nuca, pelos ombros, pelas costas abaixo. Vagueei, arrastado pela multidão, até avistar a frontaria do Hotel Oriental. Atravessei o lobby, atulhado de sofás de veludo, malas de couro Louis Vuitton espalhadas pelo chão, mulheres tailandesas deslumbrantes, esperando sentadas pelos cavalheiros do American Express, e algumas olharam-me como se olha um naufrago de alguma obscena tragédia. Sentei-me numa das cadeiras de verga do célebre terraço do Oriental, onde os ruídos da cidade e do rio só chegam esbatidos e a luz é filtrada pelo jardim de juncos e canas e, como outros, tantos outros antes de mim, deixei-me tomar por esse torpor de Oriente.

Pensei em R, na sua beleza frontal e sem subtilezas, sólida certeza de mulher do Ocidente. Diz-se que, de quando em quando, F. traiçoa o marido, discreta mas empenhadamente. Parece-me verdade, isto: há sinais que não enganam. E, hoje à noite, F. vai estar sozinha, o marido vai dormir num aldeamento turístico fora da cidade, cuja compra anda a negociar. Pergunto-me se valerá a pena: penso nas suas pernas compridas, o peito amplo, os olhos rasgados, a sua boca grande. Certamente que ela não quererá mais do que eu próprio quero, falta-me descobrir a consistência da sua pele, agarrá-la pelos cabelos, andar à roda como a ventoinha suspensa do tecto no quarto do hotel, o corpo húmido de F. sobre o lençol de seda do Sião, e depois sair furtivamente, como um ladrão nocturno. Valerá a pena? Remorsos, sim, é verdade, às vezes tenho remorsos. Vejo-me em sonhos

como um pássaro negro, crepuscular, alimentando-se nas sombras, nos desperdícios, nos destroços, das vidas alheias. Mas, afinal, o que se leva da vida, senão remorsos? Remorsos do que podia ter sido e não foi e do que se perdeu depois de ter sido. Remorsos do que devia ter sido dito e feito e não o foi a tempo ou do que foi demasiadamente dito e feito. Remorsos destes eternos desencontros, desta sensação de que nada existe no seu tempo certo, de chegar sempre tarde ou partir cedo demais. Por que será que a seguir à noite vem sempre a manhã e de manhã pesa sempre nos olhos e na alma o que se fez e desfez de noite - um corpo húmido deixado num lençol de seda e o ladrão furtivo desse corpo abandonando o quarto que não é seu, em direcção ao vazio de tudo o que lhe pertence, inutilmente?

- *Another Gin Tonic, Sir?* - o empregado estava ali, plantado, a olhar para mim. Decerto já tinha feito a pergunta duas ou três vezes, até conseguir que eu reparasse nele. Decerto conhecia já de há muito esta lassidão dos hóspedes sentados no terraço do Oriental: há sempre qualquer coisa que lhes parece faltar e ele sabe-o. Talvez queira mais qualquer coisa, Sir, diz-me ele. E um olhar cúmplice trata de me sugerir o que, manifestamente, lhe parece que me está a fazer falta: «*Maybe you want a lady tonight, Sir?*»

Ah, sim, Banguetocoque, a cidade das ladies tonight! Não, rapaz, não podes fazer nada por mim. A lady que eu talvez queira esta noite, nem tu nem ninguém, nem ela própria, me pode oferecer: só a minha capacidade de esquecimento. E não gosto que me tentem ler os pensamentos: pois tu não vês que eu estou aqui só a descansar, a ver como batem no chão os raios de luz do fim da tarde, a ouvir o som denso que vem da cidade, o murmúrio rastejante do Mékong, estou aqui em trânsito entre aviões, estou aqui sentado só para ler o South China Morning Post, estou aqui por um absoluto desejo de nada, de coisa alguma? Mas sorri-lhe, inocente e magnânimo: «*Just another Gin Tonic, please.*»

A aprendizagem

De casa até à escola eram quatro quilómetros, feitos a pé, ocasionalmente de carro de bois. No Inverno, os caminhos da Serra estavam gelados e até eu, que era talvez o único dos alunos que não ia para a escola descalço, quase não sentia os pés. Eu era o aluno «rico», entre cinquenta alunos verdadeiramente pobres (como se era pobre, então), naquela escola modelo-standard Estado-Novo, perdida no meio da Serra do Marão, a poucos quilómetros de uma aldeia que jamais saiu em mapa algum. Um dia, no recreio, parti a cabeça ao Alípio, atirando-lhe uma pedra, durante uma discussão por causa de um jogo de futebol. Quando voltámos para a aula, o Alípio sangrava da cabeça e a professora (uma só professora para todos os alunos da 1ª à 4ª classe, reunidos na mesma sala), perguntou-lhe como tinha feito aquilo. Ele respondeu que levara com uma pedra e ele perguntou-lhe quem o tinha feito. O Alípio calou-se: entre nós não havia delatores. Então, a professora encarou a aula toda e perguntou quem tinha sido.

Lá do fundo, eu levantei a mão, instintivamente - o Alípio fizera a sua parte, agora era a minha vez. Fez-se silêncio absoluto na sala. O mesmo pensamento ocupava-nos a todos: ela atrever-se-ia? Atreveu-se: chamou-me lá à frente, mandou-me estender as mãos, engelhadas de frio, e aplicou-me duas reguadas em cada mão. Mais do que a dor, foi a humilhação que me fez chorar. Nesse tempo, batia-se nas escolas, mas o que hoje nos parece quase medieval, foi uma das grandes lições que levei na minha vida. E descobriria a seguir que havia outro género de professores que também batiam, mas por razões bem diferentes e sem sombra de decência.

No final do Verão, arrancaram-me à minha aldeia, ao meu mundo encantado e à minha escola e, sem transição, enfiaram-me em Lisboa, num colégio com seiscentos alunos vigiado por umas figuras vestidas de preto, a quem chamávamos padres ou «irmãos». Aí ensinaram-me que havia o pecado e as suas tenebrosas tentações, serviram-me um Deus castigador, em nome do qual me ensinaram as virtudes da oração, da fé emocional, da penitência, da confissão e do terror. E também os valores acarinhados da delação, da obediência ao arbítrio, da caminhada em rebanho, do perfume do dinheiro. Ensinaram-me que a coragem individual era um desvio de comportamento, que a amizade nada valia contra o dever de denunciar e renunciar aos «maus colegas», que os pensamentos e os sonhos eróticos eram a prova de que Deus não «vivia em mim». Foi um trabalho penoso, de oito longos e sofridos anos, com castigos, com pancada em várias variantes de sadismo,

com comunicações aos meus pais dando-lhes conta de que tinham um filho sem fé, sem maneiras, sem «apresentação», sem «comportamento cívico» aceitável: um marginal em potência. Finalmente, desistiram: não cabia na «casa do Senhor», de que eles eram os guardiões e os capatazes. Foi então, tinha quinze anos, que me tornei um homem livre.

Às vezes pergunto-me a mim mesmo que espécie de pessoa teria sido, se tenho ficado na escolinha da Serra do Marão, em lugar dos oito anos de ensino dito religioso, em Lisboa. Provavelmente teria aprendido menos ou pior - de zoologia, botânica, inglês, geometria no espaço. Mas de certeza que não teria sido pior pessoa: mil vezes as fraquezas humanas do que a arrogância por mandato divino.

A virtude e o vício

Anda para aí uma praga de gente boa que incomoda os outros, como eu. São contra os vícios, contra os pecados, contra o excesso de sentimentos. Não se enervam, não levantam a voz, não discutem. Não sabem quem é o Sá Pinto, não percebem como é que se pode perder horas diante da televisão a ver futebol e não entendem que um homem possa ler simultaneamente Os sete pilares da sabedoria e A Bola. Nem entendem sequer a própria ideia de competição no desporto: se lhes acontece jogar volley de praia ou matraquilhos no Jardim Cinema, tanto lhes faz perder como ganhar - só jogam para se divertir.

Não fumam, não bebem, não comem carne. Olham-me com um ar condenável quando acendo um cigarro e ficam verdadeiramente incomodados quando lhes sopro para cima o fumo de um Monte Cristo nº 4. São macrobióticos, vegetarianos ou especialistas em comida alternativa, como unção de algas com finas fatias de peixe branco de Vanuatu.

Olham-me enjoados se encomendo umas mãozinhas de vitela com grão e desmaiam de terror à ideia de serem convidados para uma matança de porco.

Acreditam em qualquer coisa vagamente mística e nas virtudes budistas da temperança. Ambas as fés lhes servem a funda convicção de que o mundo é demasiado humano para o seu gosto. Gostam de conversas calmas, de sentimentos controlados, de comida sem cheiro, de móveis de design, de linhas depuradas e rectas, como o próprio corpo que cultivam. Enfim, acreditam nessa verdade, mais perigosa do que todas as outras, que é a possibilidade de um mundo perfeito.

Todavia, ao contrário dos budistas, não são dados a renúncias nem desprezam o dinheiro ou as coisas materiais. Mas desprezam os gastos absurdos de dinheiro, aqueles que se consomem no próprio acto, como um Barca Velha de 94, uma garrafa de Veuve Clicquot aberta às três da manhã para ver melhor o cometa, ou um havano enrolado à mão para ouvir melhor o barulho das cigarras no campo. São herdeiros da civilização judaico-cristã e, sem o saber, abominam tudo o que representa a herança do mundo greco-romano e árabe que fez do Mediterrâneo uma civilização única e inimitável. Fazem-me lembrar a oração do Papa Calisto II, a exorcizar o cometa Halley, à sua passagem pela terra, em 1452: «Livrai-nos, Senhor, do mal, do turco e do cometa».

Se são homens, não têm filhos porque lhes estragam a carreira e tiram a «liberdade»; se são mulheres, estragam-lhes a figura e a «liberdade». Sim, porque eles são livres: não prestam tributo ao vício e só respondem por si próprios. A «liberdade» ensinou-os a

planear, a prever; fogem do acaso e das circunstâncias como se foge de um intruso nocturno.

O que fazer com esta gente? Como ousar entendermo-nos, se a simples aproximação parece constrangê-los? Somos um monte de pecados e vícios que bate à porta da virtude. E é desesperadamente verdade que eles estão certos: é certo que viverão muito mais do que nós; é certo que eles estão livres de colesterol, de cirroses e de efizemas pulmonares; é certo que não morrerão de stress, nem de desgostos de amor, nem de aflições paternas; é provável que nem sequer morram - de coisa alguma.

Quem sabe, talvez este seja o caminho da imortalidade? Livrai-os, Senhor, dos males do mundo, da condição de homens, dos caracóis com orégãos e do cheiro das sardinhas assadas.

Sim, dai-lhes Senhor o eterno descanso.

Períodos de céu muito nublado

A chuva caía em lágrimas de cristal pelos teus olhos abaixo. Batia nas vidraças, um choro abafado, um rumor de desgraças. À saída da casa, eu virei à esquerda, pela rua que descia até ao rio, e tu viraste à direita, pela rua que subia até à Igreja. Foi aí que nos separámos. Procurei em vão o cheiro a maresia das neblinas do Tejo e o sol que eu sabia existir para além delas, mas a manhã estava encharcada, o rio corria cinzento e nenhum sinal de luz rasgava a intransponível distância deste desencontro. Cheguei à sua margem, ao cais onde vagueavam almas penadas de solidão, silenciosos pescadores de águas sujas, cães vadios nos restos da noite, bêbados enrolados em lençóis de anúncios classificados e outras ilusões, e lembrei-me do que há muito tempo atrás lera do Eugénio de Andrade:

*«Os navios existem
e existe o teu rosto encostado ao rosto dos navios
sem nenhum destino
flutuam nas cidades
partem no vento
regressam nos rios.»*

Em Roma, sentado na esplanada, na Piazza Navone, no ângulo da praça por onde o sol desaparece nas tardes de Abril, seguia, fascinado, o movimento dos dedos das mãos da minha mãe, levando a chávena de chá à boca, o cigarro como suspenso entre a mão e o ar, o azul dos seus olhos perdido no ocre da praça, um poema recitado em voz baixa, para mim e para o empregado de mesa:

*«Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo
onde tudo nos separa e divide...».*

Mais tarde, anos mais tarde, não sei se te lembras, passámos aqui de bicicleta, Roma era translúcida sob a luz da Primavera, corríamos ruas abaixo com o vento a bater-nos na cara, fechávamos as bicicletas a cadeado à porta do Museu e entrávamos calados na Biblioteca do Vaticano e da escuridão saíamos de novo para a luz e descíamos em contramão até ao Trastevere para comer «spaghetti à lê vongole» num restauantezinho onde o empregado insistia em chamar-me «dottore».

Sempre achei que a luz de Roma era igual à luz de Lisboa: uma luz propícia às pedras, uma luz que torna nítida a nudez das coisas, «o teu rosto encostado ao rosto dos navios». E também o luar: era igual à luz desenhada entre as sombras, entre as pedras sobrepostas, quando, numa noite de infância, assaltei o Castelo de São Jorge e, numa outra ocasião, sozinho em Roma, me veio um absurdo desejo de assaltar o Coliseu de noite e escalei o seu gradeamento e, entre traficantes, vagabundos e sombras ameaçadoras, vagueei pelas bancadas e pela arena e tentei ainda devassar a escuridão das catacumbas. Sempre foi assim, este desejo de trespassar as sombras da noite, de entrar dentro do próprio medo, uma coisa infantil, incompreensível: de noite, assaltei um templo egípcio na ilha de Philae, escalei uma montanha no deserto do Abu Dhabi, enfiei-me no meio da selva numa aldeia índia perdida no coração da Amazónia. E o pior é que suponho que fiz tudo isso só para te poder contar que o tinha feito.

Sempre, aliás, me fez confusão que quase todos os viajantes do mundo que encontrei, desde o Castelo de São Jorge às gôndolas de Veneza, viajassem, aos pares, enquanto que eu viajei quase sempre sozinho. Porque viajei para poder contar e nada me podia distrair, ou porque sou demasiado egoísta para partilhar, de outra forma, o que vejo e o que sinto? Reconheço que as viagens são propícias ao amor, mas também a distância o é: nunca viajei sozinho que não quisesse regressar. E, como Ulisses, dividi-me sempre entre a tentação de ir ainda um pouco mais além e a angústia de perder o caminho do regresso a casa. Não há nenhum viajante solitário que não sonhe com uma Penélope à sua espera.

Agora, porém, passou já um ano desde a minha última viagem e estou preso à terra e atento à chuva e à cor do rio. O meu Taj Mahal, que mandei construir para celebrar todos os regressos e encerrar todas as ausências, cresce devagar, tijolo a tijolo, como uma ampulheta medindo um tempo suspenso. No outro dia, subi até ao telhado ainda inacabado e de onde a vista alcança toda a minha vida, e sentei-me, encostado à chaminé. Caía uma chuva miudinha sobre a terra ressequida, um vento frio fazia abanar a copa das árvores e um céu cinzento carregado de nuvens prometia mais chuva ainda àquela terra sedenta de água e cansada de tanta luz. Um sinal de sorte ou de desgraça.

Um desejo de nada

Fui onze vezes ao deserto do Sahara. Nos últimos anos, tenho ido sempre, pelo menos uma vez por ano, assim como outros vão a Fátima ou outros a Paris. A devoção tornou-se assim uma espécie de obsessão, aos olhos dos amigos ou dos estranhos: perguntam-me frequentemente o que é que eu lá procuro e o que é que encontro. E a esta pergunta, tão simples e tão vasta, costumo dar uma das minhas respostas preferidas: não procuro nada e não se encontra o que se procura, mas o que se encontra. De vez em quando, forçado a explicar-me melhor, falo da paisagem inicial e despojada do deserto, ou da viagem interior que ali acompanha a outra viagem. Mas não passam de lugares-comuns, próprios de quem não sabe a resposta ou, no subconsciente, não deseja partilhá-la com os outros.

O que é que se procura num deserto? Por definição, nada. O deserto é a ausência de tudo. É esse, afinal, o segredo desta estranha atracção: a ausência de tudo equivale ao princípio de tudo, como uma página em branco. Por isso, as minhas recordações mais marcantes do Sahara estão ligadas sempre a coisas incrivelmente simples: um copo de água gelado, oferecido por um médico da Frente Polisário, num hospital de campanha do Sahara Ocidental, com uma temperatura de 60° centígrados lá fora; uma noite deitado numa duna de areia, no extremo sul argelino, entre um silêncio absoluto, a ver passar os satélites de telecomunicações no céu, a olho nu; ou outra fantástica noite no sul de Marrocos, numa tenda berbere de um abrigo para viajantes, debaixo de uma tempestade de areia desencadeada subitamente, dormindo e acordando ao som do vento rugindo em fúria descontrolada e coberto de areia da cabeça aos pés.

Não se encontra o que se procura, mas o que se encontra. Encontrei uma vez uma víbora preta, debaixo de um tanque marroquino destruído na guerra com a Polisário; encontrei um escorpião branco da areia, sinistro e pequeno assassino, a um metro das minhas costas, quando me preparava para dormir num velho forte abandonado; encontrei um antílope que corria ao longe, no meio da extensão sem fim das dunas do Grande Erg Ocidental, e uma noite encontrei um pássaro enorme, que parecia um faisão e que, saído de parte alguma, se veio esborrachar contra os faróis do jipe, oferecendo-se em inesperado jantar. E encontrei gente que só ali se encontra - o Ahmed, o Sidi, o Mohamed «Pás de Problème», o Ali e outros, europeus como eu e, tal como eu, à procura de coisa alguma. E encontrei duas mulheres berberes com um burro, num poço, no meio do nada. A mais

nova era muito bonita e tinha uma criança ao colo. Dei-lhe os habituais presentes e perguntei-lhe por gestos se a podia fotografar.

Ela fez um sorriso de pura sedução, abriu a roupa, tirou o peito para fora e começou a fingir que dava de mamar à criança, que não tinha fome nenhuma: fiz-lhe uma verdadeira fotografia erótica.

Mas o deserto raras vezes é aquela coisa sempre poética e deslumbrante do filme do Bertolucci, com dunas cor-de-rosa e vermelhas ao pôr-do-sol. A maior parte das vezes, longe das caravanas de camelos para os turistas da «photo opportunity», é um terreno áspero, duro, feito de calhaus e terra escurecida, sem árvores, sem dunas, sem pássaros, sem água nem rios, sem nenhum sinal de vida - como uma Lua debaixo do Sol. A progressão lenta e massacrante, a paisagem é monótona e triste, as jornadas são esgotantes e vazias de acontecimentos: tudo nos faz desesperar por um acampamento ao fim do dia, dois litros de água para limpar o pó da cara e da cabeça, uma lareira, uma sopa quente, uma conversa que engane as saudades de casa.

Porquê, então, este desejo veemente de deserto, esta vontade de nada, de vazio absoluto, esta viagem ao mais fundo de nós mesmos - lá, onde não resta sombra de arrogância, do orgulho, e da sabedoria que julgamos ter? Talvez (vou enfim arriscar uma resposta...) porque ali estamos a sós com o Absoluto, ali, se os Deuses existem, é o mais próximo deles que podemos estar, porque ali reside, mesmo que jamais o decifremos, a chave para o eterno enigma da Criação. É ali que começa a vida, é o nosso útero, o princípio de todas as coisas. Só então ficamos a saber que tudo o resto são circunstâncias.

Amarcord

«*C'était une histoire d'amour...*» E só podia ser. O que quer que tenha sido decisivo na vida daquela mulher, com quem eu falava, só podia ter sido uma história de amor. Percebi isso assim que a vi entrar na varanda do Hotel do Buçaco, onde almoçava sozinho.

Ela entrou, vestida com um vestido leve e claro, rodeada de um grupo de pessoas, uns com ar de estrangeiros, outros portugueses, que falavam com ela em francês. Ela deslizou para a mesa, como um cisne desliza sobre águas quietas de um lago, era uma tarde de Verão, havia uma brisa fresca no ar, em frente estava a Montanha Mágica e eu pensei que há muito tempo que não via uma mulher tão bonita como aquela.

E disse-lho, daí a pouco, quando me vieram convidar para beber uma taça de champagne em sua honra, que precisamente nesse dia e ali, na varanda do Buçaco, festejava os seus oitenta e cinco anos de idade.

«*Oh, non, jeune homme, la beauté c'est la jeunesse!*» - mas o seu sorriso coquette, os olhos azul-claros como o mar, as mãos compridas e finas, desmentiam-na, sem apelo.

Hélène de Beauvoir - como o mundo é pequeno! - é irmã mais nova de Simone, a escritora, a feminista, a militante de extrema-esquerda, a companheira de Sartre, a referência intelectual de duas gerações da Rive Gaúche. E que fazia ela ali, num dia de Junho, ano de 1995, o olhar perdido nos castanheiros e nogueiras da mais bonita mata de Portugal? «*C'est une longue histoire. C'était une histoire d'amour...*».

Amor. Amor pelo homem que foi da sua vida. Pelo Algarve de há cinquenta anos. Por Portugal. Pela pintura. Amor e fidelidade à memória. Eis a sua história.

O seu nome era Lionel de Roulet. O seu mal era talvez a tuberculose, talvez lê *souffle de coeur*. E a cura era Faro, onde a sua mãe vivia, casada em segundas núpcias com um algarvio. Le Roulet partiu para aí passar férias, no Verão de 39. Em 1 de Setembro, Hitler invadiu a Polónia, a França entrou em guerra mas nada se passou, na *drôle de guerre*, até à Primavera seguinte. Assim, no início do ano de 1940, a pequena namorada parisiense de Lionel le Roulet chegou também a Faro para lhe fazer companhia.

A queda da linha Maginot, a passagem dos Panzer pelas «intransponíveis Ardenas», Pétain e a França de Vichy, tudo se interpôs de repente entre eles e o regresso. Era para ser um Verão, foram cinco anos. Cinco anos no «Paraíso», no Algarve mágico, antes dos turistas, dos Cabritas, do time-sharing e dos Cavacos de Loulé.

Hélène não era uma rapariguinha. Tinha já trinta anos, le tout Paris aos seus pés, Picasso, Dali, outros frequentadores da Galerie Bonjean, Jean-Paul Sartre, cunhado e companheiro dos domingos parisienses, na ausência da irmã, Simone, então professora de liceu em Marselha.

Souvenirs, o seu livro de memórias: «É engraçado que, quando se viveu sempre em Paris, quando se pensava que não era possível nem viver nem trabalhar noutra parte, quando se julgava que o seu ar, a sua luz incomparável, a sua neblina, eram indispensáveis à própria respiração, alguns anos numa pequena cidade do fundo de Portugal se transformem numa experiência extraordinária. Em Faro apercebi-me que na verdade pode-se viver em toda a parte.»

Da Rive Gaúche para Faro, directamente e em 1940. Hélène tem dificuldades em encontrar modelos para posarem nus, ensina francês no Liceu de Faro, desloca-se de bicicleta e, juntamente com o marido, organiza, no Círculo Camões de Faro e no Clube Farense, recitais de música e conferências sobre literatura francesa. Na capela da Senhora da Rocha, Lionel pede-a em casamento. Nunca mais se esqueceu desse sítio: «Um dos lugares mais bonitos que eu conheço. A aliança entre a Bretanha e a Cote d'Azur. As oliveiras à beira do mar, um mar verde-esmeralda, uma pequena igreja branca e a nossa casa. E depois mais nada, praias desertas.» Quando me fala da Senhora da Rocha, na varanda do Buçaco, e me pergunta se ainda é um sítio mágico, calo-me, embaraçado. Como contar-lhe?

Esse Algarve, que poucos portugueses conheceram, Hélène de Beauvoir pintou-o com a obstinação de quem pressente a necessidade de dar testemunho. Assim sabemos que existiu, porque ela o viu e pintou. A capela da Senhora da Rocha, a praia de Albufeira, as lavadeiras de Faro. E, depois, já perto do fim da guerra, subiu e pintou mais a norte, ao longo desse Portugal dos anos quarenta, «um país pobre onde há gente muito rica», esse «maravilhoso país medieval», onde reinava um «fascisme cagot» e onde «Salazar rima com sale hasard».

Não. Apesar da exposição da sua obra que lhe organizou em Lisboa o Secretariado Nacional da Propaganda, de António Ferro, Hélène de Beauvoir não se deixou iludir. Como dizia Goya, «eu pinto o que vejo». O que ela viu e o que ela pintou foi o retrato de um país entre o maravilhoso e o trágico, demasiado humano, demasiado cruel. Um Paraíso cativo.

Cinquenta anos depois, Lionel, o seu companheiro de então e de sempre, está morto. Simone e Sartre estão mortos. Paris é uma longínqua memória. A capela da Senhora da Rocha desapareceu, submergida pelos blocos de apartamentos que a sufocam. E o Algarve

é qualidade: o T-Club dá uma festa do champagne todos os anos, a abrir a saison, o André rebenta no seu casaco de xadrez preto e branco, a Dadinha estoura de magia, os Damásios desembarcam na praia de helicóptero, os homens usam calças encarnadas à noite, os telemóveis tocam até a bordo dos jet-skis, os lobos-do-mar da marina de Vilamoura recebem nos seus barcos ao pôr-do-sol, o Nino vive no terror de que os fotógrafos o esqueçam e toda essa *vieillesse éblouie* acredita firmemente que a eternidade é agora e é sua.

Pobre linda e jovem Hélène. Comment vous dire!

O João Sebastião

Ultimamente não me é fácil poder ver tranquilamente o D. Sebastião, do João Cutileiro - uma grande estátua de dois metros e meio de altura, talvez a sua obra mais conhecida, plantada na praça central de Lagos, no Algarve, sul de Portugal. O D. Sebastião tornou-se uma espécie de pelourinho da cidade, em cuja base repousam os turistas, namoram os namorados de Verão e, no Inverno, se sentam os locais. Eu próprio já por diversas vezes marquei encontros para o D. Sebastião, porque nada me ocorreu de mais óbvio como ponto de encontro em toda a cidade de Lagos.

Muitas vezes olhei para as pequenas esculturas do João e senti um desejo absurdo de que elas crescessem até ao tamanho do D. Sebastião. Porquê? Porque há nesta estátua uma leveza que desmente o seu tamanho, uma fragilidade que contradiz a sua consistência de pedra. Eu gostaria de ver crescer as coisas pequenas que o João faz - as meninas, as flores, os pássaros, as bicas de água - só para ter a certeza de que nada se perde, quando ele trepa pelos blocos de mármore acima, como se se fundisse na própria pedra.

Este D. Sebastião, este jovem rei morto em combate no norte de África, eu vi-o nascer da obstinação do João. Vi-o nascer, literalmente, quando, há já muitos anos atrás, visitava o João na sua grande casa de Lagos e o ia encontrar no edifício do outro lado da rua, os cabelos brancos do pó, as orelhas enfiadas em protectores, as mãos grudadas na broca e uma máscara sobre o nariz e a boca, emergindo de uma massa imensa de mármore com a qual trocava um obstinado combate corpo a corpo, de que só ele conhecia a chave da saída. Eu empurrava o portão que rangia e detinha-me diante daquele espectáculo impressionante. Então, quando me via, o João parava a broca, tirava os auscultadores, bakava a máscara e abria-me um sorriso de doce vampiro. Eu era miúdo, então, e confesso que sentia um misto de fascínio e de terror daquele homem estranho, que ora via desentranhar-se da pedra, como um deus telúrico, ora via emergir das águas transparentes das praias de Lagos, de fato de mergulho e máscara, como um Leviathan ameaçador.

Além do mais, o João cozinhava - «coq au vin», em terra de sardinhas assadas - corria a avenida de Lagos ao volante de uma desvairada B-S-A, sem capacete nem limites de velocidade, fotografava a preto-e-branco todos os amigos que entravam em casa, com a fidelidade irreparável de uma Leica, fumava, conversava e dizia coisas inesperadas. À sua volta flutuava uma eterna nuvem de pó branco, que era o que ele trazia de volta do seu

excessivo corpo-a-corpo com esse bloco de mármore que viria a ser o meu tão íntimo, tão próximo, tão desumanamente belo D. Sebastião, da praça central de Lagos.

Dezenas de anos passaram, desde então. Milhões de metros cúbicos de pedra domesticada nas suas mãos. Horas e dias e anos e eternidades de mármore para sempre quietas nos gestos que ele lhes desenhava. E tardes e noites, desde então, passados no pátio de minha casa, ouvindo o som da água correndo pela bica que ele construiu, olhando o pássaro negro que ele esculpiu, eternamente buscando a frescura da água, a verdade imanente a todas as coisas.

Também outras casas passaram, desde então. E outras cidades, para onde o João fugiu com o seu séquito de estátuas inacabadas, as suas montanhas de pedra por escalar, a sua eterna nuvem de pó sobre a cabeça. No fim de tudo, pagará um preço: estou certo de que será engolido pela pedra que tantas vezes contornou. Entrará pela montanha adentro, encontrará o veio que conduz ao coração do mármore, o silêncio das estátuas que, mais do que tudo, procurou. Habitará no corpo do D. Sebastião, de Lagos, e eu sei que sempre que entrar naquela praça e que, como sempre procurar ansiosamente o D. Sebastião e a sua sombra no chão da praça, haverá uma nuvem de pó sobre a cabeça e um discreto sorriso de vampiro no rosto do jovem rei, pairando sobre a indizível alegria de todas as coisas.

Eis o que eu posso dizer do João Cutileiro: tenho um amigo que se transformou em pedra, mora numa nuvem de pó, desce ao longo do corpo das mulheres, faz de lua numa paisagem do Alentejo, transforma-se em pássaro que bebe nas fontes, engoliu o coração de um rei morto sem sepultura, fingiu-se flor e fauno, mergulhou no mar e disfarçou-se de alga e de polvo, entrou nas coronárias de mármore de uma montanha e foi mineiro, fechou-se numa casa branca com um portão verde e mora no fundo de um quintal entre guerreiros de pedra e plantas de cristal, mulheres de olhos oblíquos e corpo tenso, e outras sombras e sinais de um indecifrável silêncio.

De pai para filho

Johan Henrik Andresen tinha catorze anos quando decidiu fugir de casa dos pais, em Föhr, uma das ilhas Frísias, na Dinamarca. Porque se zangou com a severidade do pai ou por qualquer outra razão. Como quer que tenha sido, reza a lenda familiar que se alistou como grumete no primeiro barco que viu no porto de Föhr e, vários dias depois, deu consigo numa terra estranha, de gente morena cuja língua não entendia. Era o Porto, em Portugal. Perdido e sem recursos, num país estrangeiro, pôs-se a chorar e foi assim que o encontrou um armador da cidade. Este levou-o para sua casa, onde o fugitivo foi acolhido e tratado como um filho, tanto que cinco anos depois já estava estabelecido por conta própria, vindo a tornar-se um dos mais prósperos empresários da cidade, e casando-se com uma portuense, assim dando origem a um ramo materno da minha família - os Andresen, do Porto.

Reza ainda a lenda que, quando o seu filho primogénito estava para nascer, Johan Henrik escreveu para casa, pedindo perdão e a bênção paternas.

Respondeu-lhe a mãe, dizendo que o pai nunca mais o queria ver nem ouvir falar dele. No entanto, fazia-lhe um pedido: que o seu filho mais velho fosse baptizado com o nome de Johan Henrik e o filho desse também, e assim sucessivamente, conforme era tradição familiar. Desta forma nasceu o ramo português da família e o primeiro de uma linhagem de Joãos Henriques Andresens, que vai na quinta geração. Ligaram-se ao negócio do vinho, fundaram um vinho do Porto com o nome da família - o Porto Andresen - e o Boavista Football Club, antes que os seus descendentes se tivessem tornado adeptos do menos aristocrático mas mais compensador Futebol Clube do Porto. Foram comerciantes, vinhateiros, armadores, protestantes, caçadores e nostálgicos. Baptizaram gerações de filhos com nomes nórdicos, adaptados ao português - Elsa, Gardina, Olga, Teodora, para as mulheres, e Gustavo, Guilherme, Thomaz ou o inevitável João Henrique para os homens.

Quando morreu, sem nunca ter voltado a ver as brumas da sua terra, Johan Henrik deixou, por sua vez, um desejo para se cumprir: que o enterrassem onde pudesse ficar a ver o mar. A família enterrou-o em Agramonte e o seu desejo foi cumprido até que o «progresso» lhe veio tapar a vista com as construções modernas do Campo Alegre e da Boavista. Avisado, porém, encarregou o mestre Teixeira Lopes de lhe esculpir uma escultura de um barco naufragado, que ficou colocada sobre a sua pedra tumular, em sinal das suas reminiscências vikings e também como símbolo do impossível regresso a casa. Ao

menos assim, quem sabe, terá embarcado para a eternidade, tal como os antigos vikings acreditavam.

Todavia, a dissidência portuguesa não foi a única em que se dispersou a estirpe nórdica. Outros Andresen passaram à Alemanha e chamaram-se Hans Heinrich, outros à América Latina, sob o nome de Juan Henrique e outros emigraram para os Estados Unidos, onde foram os John Henry Andresen. Um dia, realizando um trabalho de pesquisa sobre a colonização portuguesa na Amazónia, na época da borracha, fui à Biblioteca Municipal de Manaus consultar jornais da época. De repente, folheando um jornal da passagem do século, parei diante de uma fotografia de um senhor loiro, de barbas, que me pareceu familiar, sem saber explicar porquê. A fotografia encimava uma notícia necrológica e a legenda a que ela dizia respeito rezava assim: «O Sr. João Henrique Andresen, da Associação de Comerciantes de Manaus e um dos fundadores e beneméritos do Teatro Amazonas». Então, percebi o que havia de extraordinário naquela fotografia: é que ele era igual a mim, quase traço por traço. Lembrei-me do que tinha lido num livro do Corto Maltese: quando encontramos alguém igual a nós, é sinal de morte. A partir daí, e no pouco tempo que tive para pesquisar, procurei descobrir o que podia sobre aquele personagem. Mas não consegui apurar se era um Andresen emigrado directamente da Dinamarca para a Amazónia ou se era o João Henrique I ou o II, meus avós do Porto, que foram ambos armadores da carreira, Porto-Lisboa-Belém-Manaus.

Mas a fotografia, essa não enganava: com duas gerações de intervalo e dois continentes a separar-nos, ele era fisicamente igual a mim. E ali estavam, naquele rosto, o meu avô, a minha mãe, os meus tios. Os mesmos olhos claros que, não fosse a fotografia a preto e branco, seriam azuis - ou cinzentos ou verdes, conforme a luz que vem do mar - e o mesmo olhar, que é uma marca de família e que tão depressa está preso ao mundo, às conversas e aos outros, como de repente se ausenta, a meio de uma conversa, como quem regressa a casa.

A mesma, insondável e incompreensível, nostalgia boreal, essa saudade do norte em pleno sul, esse absurdo desejo de neblina no esplendor da luz, mesmo em Manaus.

Alguns de nós, Andresen, nascemos com veia de contadores de histórias. Eu também cultivo o género - umas vezes por profissão, outras por distração. A noite passada, tendo de improvisar uma história para adormecer o meu filho mais pequeno, lembrei-me de lhe contar esta. Acrescentei a lenda, com tempestades no Golfo da Biscaia, dramas na Ribeira e romances no Douro. Deliberadamente, para que ele, por sua vez, acrescente outras lendas, mais tarde. Pensando bem, acho que essa é uma das funções da família: que cada geração immortalize as anteriores. Não sendo assim, só nos resta a previsibilidade destes tempos sem

antepassados escondidos em porões de navios, pais ausentes que enviam ordens severas sob as quais se esconde a fraqueza dos sentimentos e avós que fundam teatros barrocos na Amazónia.

(Ao meu tio Gustavo Andresen, o guardião destas coisas)

Ao longo do caminho

É a primeira imagem da minha existência, a coisa mais antiga de que me lembro. Estava sentado no chão de madeira da copa da casa. Brincava com uns búzios do mar, fazendo um comboio com eles. Um raio de sol entrou pela janela, como uma lâmina, e veio pousar no chão, onde eu estava. Senti que me aquecia e que era um calor reconfortante: devia ser Inverno ou Outono. E lembro-me de ter ficado sentado a olhar o raio de sol e a reparar como havia um rasto de poeira suspensa ao longo dele. Nunca percebi por que é que uma coisa tão banal haveria de tornar-se a minha memória mais antiga, entre tudo o que me prende à vida.

Tenho um filho pequeno a quem injecto doses maciças de imagens igualmente banais, na esperança de que ele não esqueça nada. Estou sempre a massacrá-lo com o nome das árvores, com a identificação do canto dos pássaros, com os cheiros das coisas ou com conhecimentos mais elaborados, como a divisão do ano em estações, a origem da água dos rios ou o nome das estrelas. Ele devolve-me o esforço com uma memória sensitiva prodigiosa. Lembra-se nitidamente do dia, uma manhã de Inverno, em que caiu a um ribeiro quando o atravessávamos sobre uma tábua de madeira que eu tinha improvisado como ponte. Lembra-se, com uma saudade magoada, de um cachorro vadio que tínhamos baptizado de «Bolota» e a quem ele chamava «o meu cão», e que foi morto pelos caçadores, embora ele não saiba e continue ainda, dois anos depois, à espera do seu regresso.

Pergunto-me a mim mesmo de que será que o meu filho se lembrará mais tarde e que nunca mais esquecerá. Lembrar-se-á de atravessar a rua de mão dada comigo, a caminho da escola, e de roçar-se em mim, como os animais fazem, para que eu não me fosse embora? Lembrar-se-á das madrugadas no Hospital de Santa Maria, de andar ao meu colo, enfiado em cobertores, ao longo do interminável corredor do Serviço de Otorrino? Lembrar-se-á de subir as ondas do mar, agarrado a mim, dividido entre o terror e o gozo, gritando «nós não temos medo das ondas»?

A memória é a nossa escola da vida. É a nossa única verdadeira defesa contra a traição e o abandono. Tudo pode ser traído e abandonado, menos a memória. É mais fiel que qualquer amigo, é mais longa que a própria vida, é mais verdadeira do que qualquer verdade que temos como certa. Tal como o Adriano, de Yourcenar, também eu lamento que a memória da maior parte dos homens seja um cemitério abandonado, onde jazem, sem honra, os que deixámos de amar. Adriano reclamava o direito de chorar, sem fim e

sem limites, o seu jovem amado morto. Em sua memória, não em sua honra, espalhou pelos quatro cantos do Império uma profusão de estátuas de Antinoos, para que a beleza fria do mármore dissesse a todos que o Imperador não esquecia nem cessava a sua dor.

A tanto excesso, os seus contemporâneos e, mais tarde, os historiadores, chamariam loucura. Mas Adriano chamava-lhe fidelidade e doía-lhe a incompreensão: «Sinto que à minha volta todos se incomodam com a minha dor. Toda a dor prolongada insulta o seu esquecimento.»

Como Adriano, eu quero essa fidelidade. Mais: devo a mim mesmo essa fidelidade. Não posso negar o que vi, o que cheirei, o que senti, o que amei. Não posso negar que fui feliz, se fecho os olhos e sinto outra vez todos os instantes felizes. Não, não posso negar que atravessei rios contigo, que te ensinei o nome das estrelas, que ouvimos juntos os pássaros e o vento nas árvores, que caminhei pelas ruas de mãos dadas contigo e que houve outros momentos que não foram felizes mas que, mesmo então e mesmo ao longo dos corredores dos hospitais, havia uma luz ao fundo e essa luz indicava o caminho. Enquanto me lembrar, estarei vivo, porque esse é o mais certo indício de vida. Eu estarei vivo e, vivendo, não deixarei morrer quem caminhou comigo, ao longo do caminho.

Os Pascoaes de Amarante

Ao domingo, a família, dispersa pelas quintas encostadas nas fraldas do Marão ou pelas casas da vila, encontrava-se na missa do meio-dia na igreja de São Gonçalo, padroeiro de Amarante. À uma menos um quarto, ite, missa est, saíam cá para fora, para a praça sobranceira ao rio, que a igreja dominava imponente, apenas disputando os olhares com a magnífica e estreita ponte situada ao fundo da praça e onde, em 1809, as tropas sediadas em Amarante resistiram onze heróicos dias ao exército de Soult, antes que este tomasse a vila e lhe pegasse fogo. Como habitualmente, fazia um frio de granito cá fora e as saudações dos parentes saíam entremeadas com bafos de fumo que subiam no ar límpido do fim da manhã. O frio abreviava os cumprimentos e em breve todos se dirigiam em passo apressado, ao longo da rua direita, até ao Alcino, o café que fabricava os inesquecíveis doces de ovos de Amarante. Franqueada a porta do Alcino, um ar quente, perfumado, reconfortante, acolhia os recém-chegados. Toda a sociedade de Amarante lá estava - os Meireles, os Taveiras, os Magalhães e Menezes, os Alvelos, os Sotto Mayor, os Teixeira de Vasconcelos ou Pascoaes, como eram conhecidos. Na sala da entrada bebia-se café e comiam-se bolos quentes, enquanto a vozearia alvoroçada das senhoras tentava pôr em dia uma semana inteira de ocorrências. As que viviam nas quintas falavam das ninhadas de porcos, dos danos das geadas, da doença da mulher do caseiro; as que viviam na vila ocupavam-se dos assuntos da farmácia, da nova empregada dos Correios ou das andanças do padre. Alguma outra, privilegiada pelos negócios do marido, contava a sua ida ao Porto e a sua breve estada de dois dias na Foz, consumidos com as compras de roupa e sapatos na Baixa e as caixas de chocolates compradas na Arcádia. Ao balcão, os cavalheiros fumavam e bebiam café, discutindo vagamente política ou o estado do mundo, tal como era relatado pelo Primeiro de Janeiro, o único jornal que as suas tradições consentiam em receber, com assinatura anual. Havia uma extensa sala, «para casamentos e baptizados», que se seguia à sala de entrada, com um ar abandonado e escuro, onde as crianças corriam jogando às escondidas. Abriam as portas dessa sala para o terraço, onde algum ocasional par de namorados, sequiosos de amor ao fim de sete dias de separação, vinha passear e olhar a vista, na esperança temerária de se roçarem um no outro por breves instantes, as mãos dadas por debaixo de uma mesa de ferro, depois de se certificarem de que as mãos estavam entretidas na sua vã conversa e os pais nos seus sérios assuntos. Sob vários aspectos, eram estes namorados sem ocasião os mais afortunados frequentadores do

Alcino: do terraço, suspenso sobre uma encosta, tinha-se o Tâmega aos pés e das suas margens subia um cheiro a castanheiros e a sebes tratadas com zelo pelos cantoneiros municipais.

Para lá do rio, que passava pela vila lenta e majestosamente, como se tivesse uma alma própria e impartilhável, Amarante prolongava-se, encosta acima, em socacos de vinha a que alguns solares dispersos conferiam uma aura de propriedade antiga e de ordem natural.

Nem sempre os solares e as quintas estavam habitados o ano inteiro. Algumas famílias residiam em Lisboa ou no Porto e só vinham para Amarante na abertura da saison. Esta começava oficialmente com o baile em honra de São Gonçalo, na «Assembleia», o qual tinha lugar no primeiro sábado de Junho - embora o dia do santo seja 10 de Janeiro, data pouco propícia a bailes. O baile era «o acontecimento social» da vila e a grande esperança das meninas casadeiras. Além dos jovens abastados da vila, dos bacharéis que estudavam em Coimbra, de um ou outro funcionário mais importante, as meninas eram assistidas pelos jovens oficiais do Quartel de Artilharia de Amarante. Nesse tempo, a carreira de armas era uma coisa prestigiada, sinal quase certo de abastança em terras ou rendas que compensavam o fraco soldo, e possibilidade de honras e glórias a colher em África ou em qualquer levantamento militar dos muitos que atormentavam a República recente. Em 7 de Fevereiro de 1926, o Regimento de Artilharia de Amarante não resistiu também ele à tentação e, sublevado por um político local - Lago Cerqueira - carregou todas as suas peças em mulas e pôs-se ao caminho para atacar o Porto. À vista da cidade, instalaram a artilharia na serra do Pilar, como era de tradição, e daí bombardearam o Porto. Regressaram pelo mesmo caminho, como heróis, mas desgraçadamente a revolta falhara e as consequências foram terríveis: o comandante foi preso e o quartel foi encerrado até hoje, deixando para sempre a saudosa memória dos cadetes nos bailes de São Gonçalo.

Para grande desespero das meninas, até o belo alferes Bastos Pereira se pôs em fuga para o Brasil, levando consigo o cofre do Regimento, cujo conteúdo foi escrupulosamente pago por Lago Cerqueira, assim como o soldo do comandante da unidade, posto a ferros.

Mas acontecimentos como o de 7 de Fevereiro eram raros, em Amarante. A maior parte do tempo, a saison arrastava-se em piqueniques à beira do Tâmega, visitas às quintas, alguns baptizados ou casamentos. Na «Assembleia», onde, excepção feita à noite do baile, as senhoras não entravam, os cavalheiros matavam o ócio no bridge ou no bluff, como chamavam ao poker.

Volta e meia, discutia-se política, que então quase se resumia à querela republicanos-monárquicos e que por vezes descambava para a estalada. Tudo terminava em Setembro,

com a chegada das vindimas. Pisadas as uvas nos lagares ao som do realejo, posto o vinho a dormir nas pipas, a saison estava terminada e Amarante ficava à espera, tranquilamente, do Inverno gelado que se seguia e que iria cobrir de branco as cercanias do Marão.

Era, claramente, uma vila próspera e contida, organizada nos seus ócios e riquezas, com uma paisagem ordenada em antigas e seguras matrizes prediais, com raras e desprezadas fortunas novas, do tempo da guerra e do volfrâmio. Só fora dos seus limites urbanos a estrita organização da vila e dos seus hábitos começava a perder o sentido, à medida que se entrava pelas quintas adentro e em cada uma delas estranhos senhores as habitavam e estranhos hábitos as regiam. Este era, já no perímetro dessa montanha mágica e assombrada do Marão, o território favorito dos Pascoaes de Amarante.

António, o justiceiro

Para a História ficou apenas o nome de Teixeira de Pascoaes, «o menino Joaquim», o genial poeta do Marão, o autor do São Paulo e do Santo Agostinho. Mas, na verdade, Pascoaes era o segundo de uma legião de sete irmãos, cada um à sua maneira uma personagem notável e uma figura de referência de Amarante. Todos eram filhos de João Pereira Teixeira de Vasconcelos, que foi presidente da Câmara de Amarante, governador civil de Viseu e do Porto e Par do Reino, no reinado de D. Carlos. Seu pai fora, por sua vez, comandante dos Dragões de Chaves e chegou a ser enviado em socorro de Amarante ocupada e saqueada pelos franceses. Ao descer o Marão, em direcção à vila, com as suas tropas, viu o seu solar de Pascoaes a arder, como arderam todos os solares das grandes famílias, à excepção das raras que haviam colaborado com os invasores. Dele se conta que teve uma morte linda, fazendo lembrar a morte do Cid, em Valência. Tendo saído para um passeio a cavalo, morreu sentado na sela com um enfarte fulminante e, sempre sentado e direito, entrou no pátio de Pascoaes pelo passo do seu cavalo, mas já morto.

A João Pereira coube a tarefa de reconstruir Pascoaes, a que acrescentou uma profícua actividade como agricultor, dele se contando ter sido o primeiro a introduzir o enxertio e a poda das vinhas em Portugal.

António, o filho mais velho de João Pereira e de Carlota, votado a futuro morgado de Pascoaes, morreu aos dois anos de idade, deixando nos seus pais uma saudade tão funda que haveriam de dar também o nome de António ao quarto filho que tiveram. Um nome que parecia atrair a tragédia nesta família.

De facto, este António começou por seguir as pisadas do pai na Faculdade de Direito de Coimbra, uma fatalidade reservada a todos os varões da família. E foi o Direito que acabou por ser a causa da sua prematura morte, aos vinte anos de idade: depois de ter sido chumbado três vezes pelo mesmo professor, ao que constou por razões políticas, António fez-lhe uma espera à saída da faculdade e desancou-o com um cavalo-marinho, dizendo-lhe: «Não o mato porque você tem onze filhos; mas daqui não sai sem passar por cima do meu cadáver». Acto contínuo, o jovem Pascoaes puxou de uma pistola e suicidou-se ali mesmo, tombando à frente do professor. «Lá em casa usava-se muito o cavalo-marinho...», suspira, recordando a história, Maria José Teixeira de Vasconcelos do Lago Cerqueira, filha de Miquelina, a mais velha das duas raparigas do clã.

Miquelina, a pintora

Uma personagem notável, esta Tia Miquelina, que aos noventa e quatro anos, à beira de morrer, ainda partia de manhã a pé para o Marão, levando um farnel e uma caixa com telas e pincéis e por lá se quedava o dia todo, a pintar. Quando estava no Porto, fazia sete quilómetros a pé todos os dias e não se dispensava de subir e descer para os eléctricos da Foz em andamento. Começara a pintar aos dezasseis anos, quando o pai lhe trouxe uma caixa de tintas e lhe disse: «Agora, pinte!» E ela pintou, sem descanso, mais de uma centena de quadros, injustamente desconhecidos. Um dia, alguém, zombeteiramente, perguntou-lhe qual era o estilo dela, como pintora. «Ó filho», respondeu, «quando tenho tempo, pinto à antiga, quando não tenho, pinto à moderna». Além de pintar, também esculpia e um dia veio-lhe a ideia de fazer uma estátua do Infante D. Henrique sem chapéu. «Não é possível», explicou, «que o Infante usasse um chapéu de abas largas com o vento de Sagres!» O argumento parecia lógico, mas o destino contrariou-lhe a razão e a arte. Sucedeu que o homem encarregado de molhar o barro, já a estátua estava pronta, tanto o molhou que o Infante se desintegrou. A Tia Miquelina, que acreditava nos sinais do destino, incluindo as profecias do Bandarra, conformou-se à sua sorte: «O Infante não concorda comigo. Quer o chapéu!»

Miquelina Teixeira de Vasconcelos foi a segunda mulher em Portugal a ter carta de ligeiros e, certamente, a primeira a ter carta de pesados. Fazia tranquilamente as dez horas de estrada entre Lisboa e Amarante e só uma vez, e por culpa alheia, se despistou: foi em Coimbra e entrou por uma farmácia adentro. Deve ter sido outra partida do destino, visto que farmácias eram locais que não frequentava. Naturista, ecologista, curava-se de tudo com cataplasmas de barro e uma vez que teve de ir ao dentista arrancar um dente recusou-se a ser anestesiada. Como o médico dissesse que assim não a tratava, ela enfureceu-se: «Ou me tira o dente assim, ou vou ao ferrador de Padronelo». E lá foi o dente a sangue-frio. Aos noventa anos de idade, ainda andava a cavalo no Marão e fazia o passeio de cinco horas a cavalo da sua belíssima, irreal, casa de Travanca da Serra até à Sr.a da Serra, no alto do Marão. Como todos os irmãos, não comia quase nada. Aliás, os Pascoaes não só odiavam comer, como desprezavam quem gostava de comer. O João, de quem adiante falaremos, alimentava-se basicamente de bicarbonato, «para se desintoxicar». E o Joaquim, o poeta, ao ser entrevistado pelo Diário de Lisboa, saiu-se com uma frase que resumia o

fundo moral desta atitude familiar: «Há duas doenças em Portugal - a dos que comem muito e a dos que comem pouco». Bem entendido, a censura de Salazar cortou a frase.

Oficialmente, a Tia Miquelina morreu aos noventa e oito anos, mas a família acredita que foi aos cem. Expliquemo-nos, porque a história merece ser contada: quando o mais velho dos irmãos nasceu, foi baptizado pelo prior de Gatão, a freguesia de Pascoaes. Ora, nesse tempo, era costume os padres procederem também ao registo civil das crianças que baptizavam, mas sucedeu que o prior de Gatão estava de relações cortadas com o conservador e assim, só dois anos depois do nascimento de António é que procedeu ao seu registo. Por essa altura, porém, já o Joaquim, que viria a ser o poeta, tinha nascido também. Para evitar que os dois irmãos, que não eram gémeos, ficassem com a mesma idade à face da lei, foi decidido que, daí em diante e começando pelo Joaquim, todos seriam registados só dois anos depois do nascimento. A história poderia passar por uma das muitas lendas que Amarante e os Pascoaes alimentaram, não se desse o caso de ela aparecer confirmada no livro de memórias da Maria da Glória, a segunda das raparigas e a sexta dos sete irmãos. De facto, o livro abre desta forma extraordinária e provavelmente única em qualquer livro de memórias: «Nasci não sei quando, mas sei onde.»

Maria da Glória, a tecedeira

Maria da Glória, essa, viveu mesmo até aos cem anos de idade oficial, cento e dois pelas contas dos Pascoaes. Aos noventa tinha começado a escrever as memórias e editou dois livros, fundamentalmente o registo de recordações do irmão Joaquim, a quem todos os irmãos veneravam. Chega a ser comovente a forma como no seu primeiro livro Olhando para trás vejo Pascoaes ela se refere constantemente ao irmão como o Poeta (com maiúscula, assim mesmo). Muito nova ainda, escrevera também um livro de versos Horas de Deus, mas, acima de tudo, era uma leitora empedernida, uma infatigável jogadora de cartas e uma senhora carregada de charme e de sentido de humor. Era uma original em tudo o que fazia, desde as sete botijas de água quente com que dormia, até aos horários estrambólicos com que vivia. Era frequente encontrá-la largas horas depois da meia-noite a ler ou a escrever com a melhor das disposições, como se as horas lhe fossem um elemento de referência absolutamente estranho. Vivia na sua imensa casa da Cerca, dominando a vila ao nível do sino da igreja e tão comprida que, no Inverno, para se ir da sala de estar à sala de jantar, na outra ponta da casa, vestia-se o sobretudo e as luvas para atravessar as imensidões geladas de corredores sem fim, salas, salinhas e salões de baile, escadas e

antecâmaras várias. Na garagem da casa vivia um animal furioso e imenso, um touro negro chamado Minotauro, que aterrorizava todos só com o seu resfolegar vulcânico. Dir-se-ia um deus cruel aprisionado, sob a forma de touro, cumprindo alguma estranha sentença. Nas caves da casa montou ela uma pequena indústria de teares de linho, fazendo toalhas bordadas a fio de ouro que deslumbraram a Suíça e a Alemanha, quando para lá as enviou em exposição. Do jardim vinha sempre um intenso e inesquecível cheiro a pêssegos e o som de uma fonte correndo. Por sobre tudo isso, a senhora Dona Maria da Glória pairava, magra como uma pena, detendo-se de repente nas mais extraordinárias conversas ou reparos com que sempre, e naturalmente, conseguia interromper o curso usual do dia-a-dia da gente normal. Tinha essa fantástica qualidade de estar tão bem sem ninguém, como no meio de todos.

Há que compreender que o tempo tinha outra dimensão e outro significado, na vida dessa geração notável, de Amarante.

Podiam estar meses sem se ver uns aos outros, cada um recolhido às suas casas de granito, à sua escrita, à sua pintura, às suas vinhas, e, quando se reencontravam, recomeçavam as conversas no ponto em que as tinham deixado. Para a Maria da Glória visitar, por exemplo, a irmã Miquelina, em Travanca, a uns dez quilómetros em linha recta de Amarante, era quase necessário montar uma expedição militar. Saía-se de manhã cedo, com os criados, os cães, o farnel, os cobertores, o aconchego. De carro de cavalos, ia-se de Amarante até à Reboreda, no sopé da serra. Aí, descarregava-se parte da carga, abandonavam-se os carros de cavalos e faziam-se os dois quilómetros finais, pela serra acima a pique, de carros de bois, cobertos com um toldo. A subida demorava umas horas, por entre os lamentos dos animais, o alvoroço dos passageiros sacudidos de todas as formas e o guinchar das rodas resvalando nas pedras. Uma vez chegados, o dia era preenchido com o passatempo favorito dos Pascoaes, que era a conversa. Não gostavam de comer, mas passavam horas perdidas sentados à mesa, discutindo de tudo apaixonadamente, enquanto as crianças dormiam a sono solto tombadas sobre o prato.

A volta de Travanca era feita pelo mesmo caminho, com candeeiros de petróleo pendurados nos carros de bois, numa penosa e lenta descida, metro a metro, com os passageiros enrolados nos cobertores, trespassados de frio, embalados pelos gritos dos homens em disputa com os bois.

Joaquim, o poeta

Joaquim Teixeira de Vasconcelos, que a literatura portuguesa consagrou sob o nome de Teixeira de Pascoaes, era, portanto, o segundo dos sete irmãos e o morgado de Pascoaes, função ou privilégio a que ascendeu devido à prematura morte do seu irmão António. Tendo morrido solteiro e sem filhos, haveria de cumprir também a lei, banida pela República, do morgadio, deixando a casa de Pascoaes em herança ao filho mais velho do seu irmão mais velho, o pintor João Vasconcelos.

Pascoaes nasceu (oficialmente) em 1879 e morreu em 1954, com setenta e cinco anos de «idade oficial» - novo de mais para os parâmetros da família. Aos dezassete anos de idade, lá foi para Coimbra estudar Direito e de lá saiu feito advogado, como tantos escritores de génio. E, como todos eles, em breve se fartou da advocacia. Ainda chegou a advogar quase dez anos, no Porto e em Amarante, antes de declarar que «isto de se ser advogado e poeta é uma incompatibilidade absoluta. Para se ser advogado é preciso ter-se uma inteligência estúpida e o que eu tenho é uma estupidez inteligente».

Literariamente, Pascoaes tem sido associado à escola do saudosismo, simultaneamente um estilo literário e uma corrente filosófica e religiosa que traduziria, afinal, «a arte de ser português» (o título de um dos seus livros). Mas não é sob o ponto de vista literário que Pascoaes nos interessa, agora. É antes a história do «menino Joaquim», senhor do solar de Pascoaes, onde viveu em companhia da mãe até à morte desta e de uma «afilhada», a Adelaide, uma criança que ele adoptara nos últimos anos de vida e com a qual aquele homem tão estrito e disciplinado consigo próprio se desvanecia.

Muito se tem discutido sobre as ideias religiosas de Pascoaes, o seu cristianismo entranhado de referências pagãs. O arcebispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto, também ele natural de Amarante, recorda-se das visitas que, em jovem, acompanhado de alguns amigos, faziam a Pascoaes.

O poeta recebia-os nos seus aposentos - três salas forradas de livros, de pedras e de bocados de madeira recolhidos no Marão, que até hoje se conservam como à data da sua morte. «Primeiro que tudo», recorda D. Manuel, «havia o ritual do cachimbo, que ele acendia vagarosamente, como quem se prepara para a conversa». Depois, começavam a falar. De tudo e por horas esquecidas. À excepção dos últimos Invernos, que passava em Lisboa, Pascoaes não saía de Amarante. Foi uma vez a Madrid e outra a Barcelona, mas o mundo, para ele, era o Marão. Apesar disso, seguia tudo o que se passava e não se dispensava de manifestar as suas ideias políticas: era contra o 28 de Maio, contra o Franco (tal como o seu amigo Unamuno), e considerou «uma heresia» a florestação do Marão, ordenada por Salazar nos anos quarenta.

Também os pastores não gostaram da florestação do Marão. Lembravam-se de quando a serra era apenas um tapete de urze e giesta, onde pastavam os rebanhos. Agora, os lobos escondiam-se entre as árvores e vinham atacar as ovelhas. Os pastos de urze já não cresciam como dantes. «De noite», recorda Maria José Cerqueira, «eu estava em Travanca e via um archote a arder a percorrer o Marão - daí a pouco estava tudo em chamas». Outras surpresas estavam para acontecer na serra. Asfaltou-se a estrada para Vila Real e até começaram as corridas de automóveis na capital do Alto Douro. A primeira vez que viram, de noite, os faróis dos carros, que regressavam das corridas, descer a serra, os homens assustaram-se. Julgaram que tinha começado a guerra e que os vinham buscar para os incorporar. Agarraram num farnel e correram a esconder-se no Marão.

Também Pascoaes passava muitas noites a pé, a olhar o Marão adormecido e a escrever. De dia, atormentavam-no as visitas, os amigos, o barulho da casa. Recebia muita gente que nem conhecia e que vinha visitá-lo do mundo inteiro.

Ansiava pela noite e pelo silêncio para ficar a sós com a sua escrita: «Nem todos dormem nesta desgarrada jangada da Imensidade. Aqui, também estamos à espera. Aqui, meditamos e interrogamos». Em cinquenta anos de escrita, escreveu cinquenta livros. Se procurava uma resposta ao sentido do universo era para si próprio. Para que as coisas fizessem sentido, ali, no mundo que era o seu.

Depois da morte do pai passava alguns invernos em Lisboa, na York House, fugido do frio da serra, e no Verão ia no seu Panhard passar uns dias ao Porto, onde frequentava a praia da Foz. Mas não tinha grandes recordações do Porto, onde vivera os anos de advogado, numa cidade que ele descrevera como «um arrabalde de si mesma». A mãe - Dona Carlota - precedeu-o na morte apenas onze meses. Até ao fim permaneceu lúcida, dessa lucidez de granito da família, uma lucidez alegre, generosa com os outros e despojada consigo mesmo. «Ultimamente, porém», conta Maria José Cerqueira, «dizia as coisas na cara das pessoas». Ao escultor António Duarte que, recém-casado, veio de visita a Pascoaes, a senhora perguntou, na inocência dos seus noventa e seis anos: «Ó António, onde é que você foi desencantar uma mulher tão feia?»

Com a sua morte, a grande casa de pedra de Pascoaes ficou mais silenciosa e vazia. Pascoaes vivia retirado nos seus austeros aposentos, ocupando três salas contíguas de uma das alas da casa. Já só a afilhada Adelaide tinha licença para quebrar, por breves instantes, o alheamento de «um coração inteiro de crença, mas partido de tormento». Morreu na sua casa de Pascoaes, quase sem ninguém dar por isso. Quem sabe, ouvindo ao longe o som das panelas de cobre e os ruídos domésticos dos criados naquela fantástica cozinha de granito, que era o coração da casa. Ou pressentindo, sem verdadeiramente ouvir, o som da

água escorrendo na «Fonte do Silêncio», que ficava no jardim e que era assim chamada exactamente porque a água caía na pedra sem fazer barulho. Quando morriam os que tinham amado aquela casa era como se se fundissem nela, sombras que o longo corredor guarda, indícios certos da continuidade das coisas, da lei da vida.

«Lá estou eu, ao lado de minha mãe, tão nova ainda! e de meus irmãos. Lá está o João e as Selvas de África a chamá-lo».

João, o caçador

Em rigor, não foram as selvas que chamaram o João. Foi o avô, que era governador civil de Coimbra, que o despachou para África, depois de o João ter assinalado a sua entrada na inevitável Faculdade de Direito de Coimbra, com uma monumental zaragata, em plena cerimónia das praxes, durante a qual agarrou numa moca e abriu a cabeça a onze estudantes. Assim, o primeiro contacto do quinto dos irmãos Pascoaes com a justiça foi feito directamente na cadeia de Coimbra. Livrou-se do Direito para sempre. E embarcou para Angola com dezanove anos, em 1912. De lá regressaria dez anos e cento e vinte e dois elefantes depois: foi o maior caçador de elefantes de toda a África portuguesa, de pequena estatura mas com uma coragem de leão, sempre pronto para as brigas, para as guerras, para as caçadas, para as longas caminhadas pelo mato.

«O Dr. Jaime Morais, empenhado na ocupação do distrito do Congo, encarregou-me, no ano de 1914, pouco depois de rebentar a guerra, de montar o posto de Sacandica, sob o paralelo 22, junto à fronteira belga.»

«*I had a farm in África...*» Dir-se-ia a abertura do Out of África - a mesma forma despojada de começar a contar uma história extraordinária, que os leitores não podem ainda adivinhar que os irá prender da primeira à última página.

Assim começa o África Viva - Memórias de Um Caçador de Elefantes, o livro onde João Teixeira de Vasconcelos narra os seus dez anos de aventuras nas matas de Angola e do Zaire. É um livro sumptuoso, verdadeiro hino à África que foi desaparecendo e uma obra perturbadora, como todas as que falam dessa paixão violenta entre alguns homens brancos e a África negra. Um verdadeiro livro de aventuras.

Vinte e dois anos depois de ter regressado de África, em 1957, e depois de ter transformado a sua casa na vila, em Amarante, num verdadeiro museu etnológico de Angola, tendo consumido em vão essa fúria que o movia desde pequeno, João Teixeira de Vasconcelos põe-se a escrever o África viva, que termina desta forma amargurada e linda:

«Hoje, a meio caminho da vida \ com meio mundo andado, desde a Holanda aos confins do continente africano; tendo destruído tanta caça, experimentado todos os climas, gozado tantas paisagens; não me palpitando mais novidades pela terra e não podendo ter nas mãos a lua que, de longe, vejo rolar no espaço, o meu maior desejo seria ver-me novamente naquela idade, naquela força em que fracas eram as feras e pequenina a África para o poder extraordinário de um sonho, em tenros anos. Doutro modo, o que resulta da minha vida é apenas um homem vincado, pilado pelo sol tropical, quase palha pela força de tanto trilhar nas calorentas planícies, arrumado ao canto de uma lareira nortenha, martirizando-se no impossível de viver. Mas recordo agora remoendo-a calado, pois quero-a toda em mim, como os índios queriam em si seus velhos pais, devorando-os, com ossos e tudo.»

Tinha sessenta e três anos! Para um Pascoaes era só «meio caminho»...

Manda a verdade: que se conte que a sua caminhada em África não começou com a missão no posto de Sacandica, como parece inferir-se do seu livro. Antes disso, trabalhara numa plantação de borracha duma companhia inglesa, onde o avô o colocara, na esperança de que a dureza do clima e do trabalho amolecassem um pouco o sangue que lhe fervia. Uma noite, porém, o capataz inglês embebedou-se ao jantar, como frequentemente sucede aos ingleses nos trópicos, e começou a dizer mal de Portugal e dos portugueses. O jovem Vasconcelos levantou-se, rapou do cavalo-marinho e desancou o inglês. Fim de comissão. As cenas de pancada, aliás, eram-lhe uma tentação difícil de controlar. Aos oitenta e dois anos, estando tranquilamente sentado no Alcino, ouviu um freguês, aparentando trinta anos de idade e com ar de «volframista», descompor o rapaz do café, gritando-lhe: «Ó sua besta, mexa-se!» Num instante, lá estava o velho sertanista de pé, em frente da mesa do outro: «Ó sua besta, levante-se!» E, assim que a besta se levantou, pregou-lhe uma galheta que o devolveu à cadeira, com o assunto resolvido.

Mas a mais célebre das suas cenas de pancadaria passou-se no seu regresso a Amarante, quando a morte do pai o fez vir de África. Tendo desembarcado na Bélgica, viajou até Lisboa de comboio (aquela «gigantesca centopeia de ferro», como descreveu com desdém). Em Lisboa mudou de comboio para o Porto; aqui mudou para a linha do Douro e, na Livração, mudou para o ramal de Amarante.

E foi aqui, a poucos quilómetros de voltar a pisar a terra que o vira partir oito anos antes, que João Vasconcelos deu de caras com um velho amigo, o tenente Brochado, de farda nº 1 e tudo. Mas, na sua ausência, o tenente tinha-se desavindo com o mais novo dos Pascoaes, o Álvaro. E assim, quando João avançou para ele, de braços abertos, o outro perfilou-se, de calcanhares unidos e hirtos. E foi assim mesmo, em sentido, que o tenente

Brochado encaixou duas valentíssimas bofetadas em que, sem hesitar, João Vasconcelos transformou o abraço que lhe ia dar. Amarante ficou avisada de quem lá vinha.

«Quando o Tio João voltou de África», recorda a sobrinha, «fiquei muito admirada por ver que ele, afinal, era branco. Sempre pensei que fosse preto!» Era branco, baixinho e espalha-brasas. E queria voltar para África, regressar àquele «silêncio liso como uma planície». Nada disso impediu, todavia, que a menina Maria do Carmo Lancastre e Menezes se apaixonasse por ele, ao ponto de se casar. Era bonita, prendada, pintava, bordava, falava francês. Casaram-se, ele deixou-a grávida, de olhar perdido no infinito do Marão, e tocou-se para África, outra vez.

Por lá andou mais dois anos, dilatando a Fé e o Império, nas extensões da mata angolana. E deixando raízes, sob a forma de mulatos com coração negro e sangue dos Pascoaes. «Era costume os chefes tribais fazerem-lhe oferta das filhas», explica a família, hoje. Quanto ao resto, e porque «desprezo as comodidades», reduzira ao mínimo a sua condição de homem civilizado: «uma barraca de campanha, duas painelas, um caixote com rancho (farinha, arroz e sal), uma cama de lona e onze carregadores, entre os quais o cozinheiro, o pisteiro (o fidelíssimo Giatça) e o homem que me transportava as espingardas - uma Greener 600 para os elefantes e uma Mauser para a caça miúda». Com esta troupe e estas «comodidades», calcorreou África durante dez anos, dormindo cada noite em seu sítio, descobrindo cada dia uma nova paisagem, passando meses sem ver homens brancos, substituídos «pelo encontro comovente com os grandes animais selvagens».

O seu centésimo elefante ficou tragicamente assinalado: um tiro mal dirigido, uma perseguição pouco cuidada ao elefante ferido e, de repente, o animal carrega sobre si e sobre o seu pisteiro que, descontrolado, atira fora a espingarda do caçador e foge. Giatça é despedaçado à sua frente pelo elefante enraivecido, enquanto ele procurava em vão a Greener 600 entre o capim. Acompanhado pelos carregadores, caminha durante dias até à aldeia natal de Giatça, onde o deixa sepultado. E continua as caçadas, porque «perseguir uma fera é o grande momento do caçador. E viver mil anos em minutos!» Mas ser caçador, explica ele, não é matar os animais despreocupados; é ter o sangue-frio de os perseguir, pela mata adentro, durante horas ou dias, num duelo solitário. Porque há dois tipos de caçadores: «Se o caçador é um homem calmo, indiferente ao perigo e rápido nas decisões friamente tomadas, ou mata ou morre espatifado. Mas se é somente um pretensioso, o caso é mais sério para a fera, que morre à traição, sem direito a uma possível desforra».

Vários mil anos tinham passado naqueles vários minutos de caçadas. Um dia, João Teixeira de Vasconcelos embarca na foz do Zaire num paquete belga com destino à Europa. Desembarca em Anvers e, «mal desembarco, fico logo enfiado da Europa!»

Amarante não mata, claro, o seu enfiado. Arranjaram-lhe um emprego nas minas, no alto do Marão, em Campeã. Dizia-se que lá haveria ouro, mas só encontraram ferro. Para João Vasconcelos, habituado às longas caminhadas pelas picadas da mata, o suplício começava na «carreira», a camioneta que era preciso apanhar em Amarante para ir e vir das minas. Um dia, farto do cheiro a gasolina da «carreira», decidiu que ia passar a descer a serra de patins: só conseguiu fazer três curvas; à quarta, despistou-se e foi pela serra abaixo, todo partido. O resto da vida ocupou-a a restaurar a sua casa, a cuidar das suas propriedades, a criar dois filhos, a escrever as suas memórias de África, para ver se calava as saudades.

Tudo em vão: não se regressa nunca de África. Ele sempre o soubera. Apenas se enganava a si próprio, vagueando pela casa atulhada de recordações de Angola, subindo a escadaria entre dentes de marfim, lanças, máscaras, punhais, cabeças embalsamadas de feras, até se ir estender na cama do quarto para uma sesta com que fingia estar a viver a hora do calor de África, ali, no frio mineral do Marão. Um dia não acordou da sesta, já estava longe, muito longe: provavelmente, é o único dos irmãos que não encontrou descanso no cemitério de Amarante. He had a life in África...

Álvaro, o gentleman farmer

Eis que nos aproximamos do fim da história. Álvaro era o mais novo dos irmãos Pascoaes e aparentemente o mais acomodado, o menos louco de todos eles. Em toda a sua vida, verdadeiramente, só uma vez desafiou a ordem estabelecida das coisas, quando se envolveu no episódio efémero da «Monarquia do Norte» e teve que se refugiar em Espanha «até que as coisas se acalmassem», segundo o relato de uma sobrinha-neta. Cumprira o calvário familiar da Faculdade de Direito de Coimbra e chegara ao fim do curso, tal como o irmão Joaquim. Mas nunca exerceu. Trocou os códigos pelo bridge e o poker, onde deu cartas e foi mestre. Também, como o irmão Joaquim, morreu solteiro e sem filhos, mas na sua morte, aos oitenta e um anos, deixava para trás um atribulado percurso amoroso. Namorava quase todas as meninas casadeiras de Amarante, das quais fugia, invariavelmente, à menor ameaça de casamento. Outras vezes preenchia o tédio «com as manicuras e as coristas, que tinha à antiga, em sítios discretos», como recorda a sobrinha Maria José, antes de acrescentar que era um homem muito bondoso, «a bondade em

pessoa». De capote alentejano aos ombros, percorria a sua quinta de Vila Seca, onde tinha um próspero lagar de azeite, discutindo a colheita com os «engenheiros» - os homens que se ocupavam do «engenho» do azeite. Na vila, tinha uma tertúlia de amigos, instalada na Confeitaria Mário, verdadeira catedral da discussão política em Amarante, onde todos os dias, antes do almoço, se derrubava um governo, que à tarde era reconduzido, antes que o crepúsculo descesse sobre a vila, fazendo subir das margens do Tâmega uma bruma opaca que silenciava os ócios dispersos da vila. Dir-se-ia que o último dos irmãos Pascoaes viveu esmagado pelo peso dos mais velhos. Com a sua morte extinguia-se uma geração notável de filhos de Amarante, gente que vivera cada uma das horas das suas vidas com verdadeira paixão. Pareciam longe do mundo, mas era pura ilusão: o mundo começava e acabava ali, entre as margens líquidas do Tâmega e os abismos do Marão.

Quando o último dos irmãos Pascoaes morreu era como se tivesse chegado ao fim um baile. E talvez alguém, à saída do seu enterro, se tenha lembrado da frase do príncipe de Salinas, à saída do baile do Leopardo: «Eles eram o sal da terra».

Estação 2000:

Perspectiva

Entre os cem factos que marcaram o milénio, a revista *Time* seleccionou a «invenção» da perspectiva da pintura. Parece-me uma escolha feliz e vou tentar explicar porquê.

A «descoberta» é normalmente atribuída pelos historiadores de arte ao florentino Filippo Brunelleschi, mais conhecido como escultor e arquitecto, mas que, como verdadeiro homem da renascença, foi também pintor. Outros, seus contemporâneos ou antecessores, como Leonardo, Giotto, Miguel Angelo, Rafael ou Piero della Francesca, nunca se aventuraram numa terceira dimensão da pintura. Como não se aventuraram alguns dos meus pintores favoritos de todos os tempos, como Bruegel ou Botticelli. E outros, como Vermeer, Turner ou Casper-David Friedrich usaram a perspectiva não como objecto central do quadro, mas apenas como os seus «arredores». Verdadeiramente, julgo que a profundidade de campo - a perspectiva - nasce com Paolo Ucello e é depois exuberantemente demonstrada no «up-dating» de Ucello que Vélasquez faz com «Las Lanzas», também conhecido como «A Rendição de Breda». Aliás, se eu quisesse eleger um quadro onde todas as lições de perspectiva estivessem reunidas, seria sem dúvida essa obra inatingível que é «As meninas». Aqui, Vélasquez antecipa o surrealismo, se o entendermos como a decomposição do real em vários campos, em direcção ao infinito e até que a noção de espaço e de movimento se confundam na mesma imagem, sobrepondo-se e anulando-se em perspectiva, sucessivamente. Esta ideia da sobreposição de planos na perspectiva do olhar que se situa em primeiro plano é depois magistralmente levada ao extremo lógico em obras de surrealistas como Delvaux, Magritte ou Dali: nenhuma imagem vista pelos meus olhos ou nenhuma fotografia conseguiram até hoje dar-me a perspectiva do que é o campo visual do deserto como aquela que Dali pintou no antigo Sahara espanhol.

É curioso notar, a este propósito, que nenhuma das outras artes visuais - a fotografia ou o cinema - consegue acompanhar a dimensão da profundidade de campo que a pintura pode conseguir. A utilização dos «zooms» e das teleobjectivas pode aproximar-nos o horizonte distante, mas desfoca o primeiro plano e não consegue decompor a imagem em sucessivos planos com uma ligação coerente. No cinema, alguns planos de «Ivan, o Terrível» ou «O Couraçado Potemkine», de Eisenstein, aproximaram-se deste objectivo,

mas sem verdadeiramente lá chegar, e são até, por coincidência ou talvez não, alguns italianos, como Visconti («A Morte em Veneza»), Fellini («Amarcord»), Bertolucci («1900») ou De Sica («Il Giardino dei Finzi Contini»), quem mais próximo chegou da ideia de profundidade, além de um cineasta tido como menor, que é David Lean, em filmes como «Doutor Jivago» ou «Lawrence da Arábia».

Seja como for, aquilo que é verdadeiramente marcante - e que justifica a selecção da descoberta da perspectiva como um dos factos do milénio - é que esta invenção não corresponde a uma simples representação do campo visual, mas a uma verdadeira atitude filosófica perante a vida. Ou seja: a perspectiva não é apenas um modo de representação do real, mas uma abordagem em perspectiva do real. E isto é extrapolável para todos os domínios do conhecimento e da sua representação - a arquitectura, a antropologia, a economia - e para todas as abordagens filosóficas perante a vida. Quando, por exemplo, Bergson caracterizava a felicidade apenas como «a ausência de sofrimento», ele utilizava uma noção de perspectiva ou, se quiserem, de profundidade perante a vida: hoje sou feliz, mas amanhã posso não ser e para o ano posso ser outra vez. Nada é eterno nem adquirido, tudo é fugaz e passageiro. A ilusão - seja a de felicidade ou a de tristeza - é acreditar num horizonte fechado, ao alcance da vista, que ignora ou finge ignorar os horizontes sucessivos que estão para além do imediato.

O erro de entender a passagem do milénio como um marco, o erro dos milenaristas e de todos os fanáticos dos números redondos, é acreditar que a continuidade se estabelece por rupturas e não por fusões sucessivas - como se diz em televisão, por um «fade out» que se funde num «fade in», mas tão suave que nem damos pela transição. Nada é mais natural do que a naturalidade com que as coisas acontecem e se sucedem: tudo nasce, cresce e morre, naturalmente. Enquanto eu estou a envelhecer, há crianças que estão a crescer e, quando eu estiver a morrer, haverá crianças que estão para nascer. E isto é assim com tudo: homens, árvores, universo. Nada é mais antinatural do que a ideia de eternidade, nada é mais absurdo e retrógrado do que as profecias do fim do mundo ou as promessas da vida eterna.

Os meus filhos terão outros filhos, as árvores que plantei deixarão cair sementes na terra de onde nascerão outras árvores e a tudo se aplicará a lei de Lavoisier. É isto a perspectiva - a ideia de sobreposição, de continuidade, de harmonia.

A história destes dois mil anos é uma sucessão contínua de janelas que se vão abrindo sobre horizontes cada vez mais além: Colombo chegou à América, Gama à Índia, Cabral ao Brasil, Scott ao Pólo Norte, Armstrong à Lua. Mas nada disso teria acontecido se o Renascimento não tivesse derrotado o obscurantismo religioso e a crença de que é a fé e

não a descoberta que move o mundo. A condenação de Galileu é o último marco simbólico na tentativa de impor à vontade de conhecimento dos homens o terror de Deus. A partir daí, abre-se o horizonte e o homem descobre, contra o mundo fechado que lhe propunham, a fascinante visão da profundidade. Se é então de datas que precisamos para assinalar pontos de viragem decisivos, esqueçamos dois mil, e guardemos antes e por exemplo esse ano de mil quatrocentos e quarenta e três, em que Brunelleschi pintou o Baptistério de Florença e com isso inaugurou o que chamamos a perspectiva - o infinito e o relativo, simultaneamente.

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>